

(O prédio do Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, em São Roque, no bairro Ibaté)

PALAVRA DE SEMINARISTA

Nova publicação, incluindo pensamentos atuais sobre antigos fatos

PAULO FRANCISCO DA COSTA AGUIAR TOSCHI

(1ª publicação 1998) - (2ª publicação 2019)

INTRODUÇÃO

(texto original, com ligeiros retoques e alguns acréscimos)

Há tempo eu vinha alimentando o desejo de escrever alguma coisa sobre os anos que passei no Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, em São Roque, no bairro do Ibaté, à época de sua fundação.

Vivi quase cinco anos naquele estabelecimento de início de formação de futuros sacerdotes, pertencente à Arquidiocese de São Paulo, de 1949 a 1953. Lá cheguei com 11 anos feitos e fui embora antes de completar 16 anos. Encontrei um punhado de amigos e convivi com professores que muito influenciaram nossa formação e nossa adolescência.

Considero importante deixar registradas minhas observações sobre esse período, pois foi uma experiência totalmente fora do comum e poucas pessoas, até mesmo nos meios católicos, terão conhecimento do que se passava, naquela época, dentro de um "seminário menor", onde o rigor proveniente do Concílio de Trento dava o tom. Era um lugar de pureza, estudo e oração, onde incrementou-se amizade intensa e sadia que perdurou pela vida toda. Mas, era um lugar de disciplina rígida, com exageros até, capazes de influenciar, deixando marcas duradouras, o desenvolvimento da personalidade de jovens que lá entravam mal saídos dos seus 10 a 12 anos de idade. Falo mais por mim, pois, para outros colegas São Roque foi apenas uma etapa, uma vez que, de lá, seguiram para o "seminário maior", seja em Aparecida do Norte, seja no Ipiranga, em São Paulo. Houve, até, alguns que estiveram em Roma, ao final de sua formação. Para todos estes, talvez, a rigidez do Seminário do Ibaté possa não ter deixado tantas marcas em sua personalidade. Bem que poderiam dar sua contribuição, escrevendo sobre suas experiências. Limito-me a dar o meu depoimento.

Quando eu me tornei seminarista, o curso denominado "seminário menor" era feito em São Roque e o "seminário maior" no Ipiranga, em São Paulo. São Roque propiciava o equivalente ao ginásio e ao colégio, embora com programas diferentes do ensino oficial regulamentado pelo Ministério da Educação, e, no Ipiranga, os seminaristas estudavam filosofia e teologia, além de outras matérias necessárias à ordenação de sacerdotes. Em 1949, São Roque começou a funcionar com alunos novos, como eu, e, principalmente, com os seminaristas transferidos do Seminário Menor de Pirapora do Bom Jesus, que era dirigido pelos padres premonstratenses. Eu não cheguei a conviver com seminaristas que passaram a vir de Aparecida do Norte, do novo seminário menor que ali foi inaugurado, em 1952, pela Arquidiocese de São Paulo. Também, na minha época, quem concluía os estudos em São Roque ia diretamente para o Seminário Maior do Ipiranga, em São Paulo. Logo depois de minha saída, os que deixavam São Roque iam cursar filosofia em Aparecida do

Norte e teologia no Ipiranga. Quando o Seminário de São Roque deixou de existir, em 1974, os alunos deste foram transferidos para um seminário que funcionou na Penha, em São Paulo, em prédio pertencente aos padres redentoristas que cuidavam da Basílica de Nossa Senhora da Penha. Esse seminário na Penha já não seguia o regime prevalente na Igreja desde o Concílio de Trento, estando se enquadrando nas modificações que foram aprovadas pelo Concílio Vaticano II. Portanto, cabe ressalvar que meu escrito todo diz respeito à vida em um típico "seminário menor" tridentino. É o que este meu trabalho pretende salientar.

Muito interessante é um artigo publicado por Maria Luiza Marcilio, Presidente do Instituto Jacques Maritain, no jornal "O São Paulo" de 22 de janeiro de 2013, onde explica que o primeiro Seminário Diocesano de São Paulo foi fundado em 1856 e era conduzido por frades capuchinhos, tendo passado para as mãos de sacerdotes diocesanos 23 anos depois, em 1879. Funcionava no prédio ainda hoje parcialmente existente no bairro da Luz, onde, atualmente, se destaca a Igreja de São Cristóvão, tendo sido, também, já há algum tempo, ocupado por vários estabelecimentos comerciais. O imóvel, ou o que dele restou, depois que parte foi demolida para a abertura da rua São Caetano, está, hoje, mal conservado, mas, uma lembrança do que foi pode ser vista na foto a seguir, publicada na internet pelo Google Maps.



Em 1905, o "seminário menor" deixou o prédio do bairro da Luz e foi para Pirapora do Bom Jesus, confiado o ensino aos religiosos premonstratenses da Abadia de Averbode, na Bélgica, recém vindos ao Brasil, conta a historiadora. Em Pirapora, até 1948, eram formados tanto os seminaristas menores seculares da Arquidiocese de São Paulo como os da Ordem Premonstratense. O "seminário maior" também deixou a Luz, anos depois de 1905, e acabou transferido para o Ipiranga, sob a denominação de Seminário Central da Imaculada Conceição.

Portanto, fundado o Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, em 1949, em São Roque, para lá se transferiram os alunos arquidiocesanos que estavam em Pirapora. Em 1952, a Arquidiocese de São Paulo, cuja extensão territorial era muito maior que a atual, passou a fazer uso do imóvel existente em

Aparecida do Norte, até entõ ocupado pelos padres redentoristas, denominado Seminário Bom Jesus, primeiro para ali instalar seminaristas menores e, depois, para ali alojar, também, os seminaristas maiores da Filosofia. São Roque passou a ser considerado um "seminário médio". No Ipiranga, então, ficaram apenas os alunos da Teologia. O prédio de Aparecida foi construído a partir de 1894 por iniciativa do Arcebispo de São Paulo Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho.



Pouco tempo depois de ter eu deixado o Seminário do Ibaté, em São Roque, o Governo Federal acabou reconhecendo o ensino dos seminários menores, onde os meninos e adolescentes cursavam o equivalente ao ginásio e colégio, com acréscimo, é claro, de disciplinas voltadas à preparação religiosa e as necessárias ao encaminhamento para os seminários maiores, onde seriam lecionadas filosofia e teologia, bem como matérias próprias para a formação de um sacerdote. O aprendizado do latim e do grego, por exemplo, era necessário para as aulas que seriam dadas, nessas línguas, no seminário maior. No meu tempo, a falta de reconhecimento oficial do ensino obrigava os que saiam de seminários menores a prestar exames de comprovação, nos mesmos moldes que vieram a ser consagrados em 1969, pela lei 2004, de diretrizes e bases da educação, que passaram a ser denominados exames de madureza, com base no art. 99 desse diploma legal. Eu me submeti a essas provas no Colégio Estadual São Paulo, situado no Parque Dom Pedro II. Naquela época, não era permitido eliminar, em cada período de provas, mais que um número determinado de matérias, o que obrigava os inscritos a se submeterem a exames em, pelo menos, dois anos, para terem aprovação em todas as matérias do currículo ginasial.



Escrever um livro, ainda que curto e modesto, depende de arte e talento, coisa que não tenho como gostaria. Não fui obter em faculdades os conhecimentos necessários para alguém se dizer um homem de letras. Minha linguagem é simples e despretensiosa. Uma narrativa, como se feita à viva voz. Considero, porém, que isto não deve ser impedimento para que seja colocado à disposição de interessados algo que o autor julga oportuno seja divulgado. Dessa convicção é que extraio ousadia para molestar eventuais leitores e enfrentar os críticos donos do saber literário. Vivi momentos que não existem mais. Muito padre e até muito bispo de hoje em dia não faz ideia do que era viver em um seminário menor tridentino. De ser retirado do ambiente familiar, mal terminada a infância, para passar a viver como se adulto fosse, trancado por quase 10 meses, durante vários anos, dentro dos limites de um sóbrio prédio, sob rígida disciplina.

Editar um livro e divulgá-lo não é tarefa fácil, como é difícil, também, atingir o público interessado. As redes de distribuição de livros e os especialistas são pouco condescendentes com escritores iniciantes. Contudo, o desenvolvimento da informática e a facilidade de comunicação oferecida pela "internet" muito contribuíram para simplificar esses problemas, pois, hoje, desde que haja uma "home page", um "blog", um "site" ou qualquer outro instrumento de computação onde alojar os escritos, não é preciso mais ter-se a preocupação de ficar esperando pela boa vontade e o interesse de editores e livreiros, raramente complacentes. Você pode escrever o que desejar e da forma que desejar, divulgando com facilidade o seu trabalho, e sempre haverá interessados, podendo até ser de muito longe, praticamente caminhando ao seu encontro. Com isto, acaba-se tendo a oportunidade de divulgar o texto sem os cortes e arranjos próprios dos trabalhos de editores. Peço, porém, perdão a meus eventuais leitores por não ter solicitado esse auxílio, antes de lhes oferecer algo para ler. Como tudo neste novo campo da tecnologia, isto é maravilhoso e, ao mesmo tempo, assustador. Nunca foi intenção minha obter qualquer vantagem econômica com a publicação deste meu modesto trabalho, sendo meu propósito, apenas, entreter quem se interesse e divulgar coisas que muitos não sabem, não conhecem. Contudo, preservo ciosamente meus direitos de autoria. Fotos são de meu arquivo pessoal ou fazem parte das compartilhadas pelos membros da Turma do Ibaté, uma associação não formalizada porém numerosa dos antigos alunos do Seminário de São Roque, de que sou integrante. Para uma ou outra foto obtida na internet citarei o crédito devido.

Estava eu pensando em construir a minha "home page", o que me daria independência total e possivelmente alguma audiência para a divulgação de minhas modestas letras, quando descobri que meus companheiros daquela nossa antiga casa de estudos haviam criado um "site" dedicado ao querido e saudoso Seminário do Ibaté. Ibaté era e é um bairro um pouco distante do perímetro urbano da cidade de São Roque (SP), onde se situava o nosso seminário. Os que lá estudaram e viveram costumam se denominar Turma do Ibaté. Hoje, o casarão é usado pela Diocese de Osasco para retiros e encontros de cunho religioso. Como é sabido, em 1989,

ocorreu um desmembramento da Arquidiocese de São Paulo, tendo sido criadas as dioceses de Campo Limpo, Osasco, Santo Amaro e São Miguel Paulista. Assim, em 1989, o casarão do Ibaté deixou de pertencer à Arquidiocese que o criou, passando à jurisdição da Diocese de Osasco.

Com a criação do site de meus colegas, ocorreu-me submeter a eles o plano de reescrever o livreto que eu já havia iniciado, não fazia muito tempo, esperançoso de vê-lo divulgado, talvez em capítulos, por esses meus amigos. Aprovado o meu intento, passei a publicar, todo mês, um capítulo, em página do Orkut de iniciativa do nosso colega Antonio José de Almeida, narrando fatos ocorridos entre 1949 e 1953, relacionados ao Seminário de São Roque. Cada capítulo não precisaria ser necessariamente uma sequência do anterior, de forma que, mesmo não tendo tomado conhecimento do que ficou para trás, o leitor poderia nele encontrar começo, meio e fim de uma historieta que, eu supunha, podia despertar algum interesse.

O título "Palavra de Seminarista", para quem não sabe, tem um significado muito especial. No Seminário, onde a expressão "juro por Deus" poderia ser considerada uma irreverência, "palavra de seminarista" era um argumento decisivo, contra o qual não se admitia qualquer dúvida. Jamais poderia ser utilizado em vão. A expressão dava foro de veracidade absoluta.

Isto significa que tudo o que eu narrar é a mais pura expressão da verdade, ainda que alguma coisa possa parecer absurda ou inverídica aos leitores dos dias de hoje. Preciso ressaltar, também, que o seminário que eu aqui descrevo é aquele vivido por mim. Colegas de outras turmas posteriores à minha ou seminaristas de outras instituições podem não concordar "in totum" com o que afirmo e saliento.

Depois da acolhida de meus amigos, meu irmão José de Anchieta da Costa Aguiar Toschi me presenteou com uma "home page", onde o livro também foi publicado, com algumas fotografias da época e músicas evocando os tempos de Seminário. Foi um lindo trabalho. Essa minha página estava incluída num portal denominado Geocities que, infelizmente, não mais existe. Criado em 1994, por David Bohnett e John Rezner, acabou sendo adquirido pelo Yahoo que, depois, dada a superação tecnológica do Geocities por outros serviços, resolveu extingui-lo em 2009. O conteúdo de alguns sites julgados de interesse acabou sendo realocado em outros links, como o Oocities, onde minha página foi salva. Nele, foi copiado apenas o texto, com a formatação original. Fotos, músicas e comentários dos leitores não foram reproduzidos. Mas, mesmo assim, é de se louvar a iniciativa, de que não tive ônus, e eu muito agradeço a deferência da inclusão do meu trabalho.

Meus amigos ex-seminaristas de São Roque, dos quais sempre guardara excelentes recordações, costumavam reunir-se mensalmente no Circolo Italiano e promover encontros bianuais mais amplos, inclusive no próprio Seminário. Tal costume prevalece até hoje, não mais no Circolo Italiano. Eu compareci uma vez a essa reunião das primeiras sextas-feiras de cada mês, naquele local. Resolvi, porém, não voltar mais, embora tivesse muita vontade, porque pretendia transcrever com a fidelidade original o que tinha na memória. Entendi que o reencontro dos colegas,

todos já bem maduros e vividos, marcados por novas experiências de vida, com interpretações já modificadas dos fatos que vivemos, poderia, de certa forma, subtrair a originalidade da lembrança que me ficara daqueles anos tão distantes. Contudo, concluídos os capítulos que pretendia escrever, que não eram muitos, logo voltei a reencontrá-los, nos jantares que promovem toda primeira-sexta feira, o que, sempre que possível, faço até hoje. A todos o meu agradecimento, principalmente ao Antônio José de Almeida, que tanto se esforçou para publicar no "site" da Turma do Ibaté este meu livro. Ao meu irmão José de Anchieta obrigado pelo valioso presente.

Busco, agora, por outros meios, fazer chegar aos meus amigos, parentes e demais interessados este modesto trabalho. Generosamente, meu amigo Wilson Mosca, que lidera com grande competência e denodo as atividades da Turma do Ibaté, me ofereceu a oportunidade de inserir este meu trabalho em um link por ele criado para registro e arquivo do periódico Echus do Ibaté, uma publicação bimensal que já foi impressa e hoje é eletrônica, bem como de muitos outros itens de interesse da Turma do Ibaté. Assim, além de minhas iniciativas de dar publicidade a este meu trabalho, o mesmo poderá ser encontrado nesse link, de que farei a devida divulgação.



Em 2019, completaram-se 70 anos da fundação do Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria, cuja inauguração oficial foi no dia 25 de março de 1949. Funcionou até 1974, na cidade de São Roque, no bairro do Ibaté, onde eu estive de 1949 a 1953. O imóvel foi preservado e, hoje, pertence à Diocese de Osasco, como já mencionei. Resolvi repassar o texto que escrevi em 1998, fazendo correções e acréscimos, que ora submeto a quem tiver paciência e generosidade de ler. Pena que nenhum dos padres de então esteja vivo. Muitos companheiros também já se foram, principalmente dos 121 fundadores de 1949, que nós apelidamos como "jurássicos". Apresso-me, pois, em tornar pública esta reapresentação, pois, se eu tinha 11 anos quando lá ingressei, é melhor fazê-lo ...

"dum tempus est"



(foto comemorativa da inauguração do Seminário em 25 de março de 1949. Estou sentado aos pés do Padre Constantino Amstálden, que tem ao seu lado um senhor de terno)

CAPÍTULO 1

OS PRIMEIROS DIAS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ

O Seminário de São Roque começou a funcionar em 1949. Até então, os padres seculares da Arquidiocese de São Paulo começavam sua formação em Pirapora, no Seminário dos Padres Premonstratenses. Foi do Cardeal Arcoverde, em fins do século 19, a iniciativa de pedir aos cônegos belgas dessa ordem religiosa que viessem fundar um seminário menor para São Paulo. Não cabe, neste momento, analisar porque, em 1949, a Arquidiocese de São Paulo, então comandada pelo Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, resolveu transferir seus seminaristas para São Roque, em seminário próprio. Glebas de terra foram doadas por caridosos senhores católicos da arquidiocese e nessa propriedade rural se edificou o Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria.

Comentários e fotos sobre o Seminário Premonstratense de Pirapora podem ser vistos na internet, como no site http://www.portfolio-de-viagens.com.br/2014/07/00133-seminario-premonstratense-pirapora-do-bom-jesus.html

Assim sendo, a primeira turma de São Roque era constituída por duas categorias de alunos: os novatos, que iriam frequentar o curso de Admissão, e os veteranos, transferidos de Pirapora, para continuarem seus estudos nessa nova casa.

Eu integrei a primeira turma de novatos. Éramos vinte e um alunos. Eu e outros havíamos feito um exame de seleção, no chamado "Seminarinho", escola preparatória que funcionava em São Paulo, na Rua Albuquerque Lins, sob a administração do Padre João Pavesio, um senhor grande, gordo e simpático, com a promessa de que, caso fôssemos aprovados nesse exame vestibular, poderíamos dar início aos nossos estudos, em São Roque,

no Primeiro Ano e não no Admissão. Estudei com afinco sob a orientação de minha dedicada prima Marilda da Costa Aguiar Martins (Bonaparte, quando se casou), que era professora, e obtive aprovação com boas notas. Contudo, ao chegarmos a São Roque, tivemos uma decepção. Não seria como haviam prometido: alegando que não haveria o Admissão, caso todos os aprovados em pré-seleções começassem no Primeiro Ano, os padres nos informaram que, naquele ano, excepcionalmente, mesmo tendo sido aprovados nos testes, iríamos todos frequentar o Admissão.

Assim, meu primeiro momento nessa nova vida foi marcado por uma frustração. Uma primeira aula, de muitas, mostrando o significado da expressão "Roma locuta causa finita." Não havia debate possível. Em sermão de 23 de setembro de 417, Santo Agostinho, o bispo de Hipona, com essa frase latina resumiu a decisão do Papa Inocêncio I contra Pelágio, que discutia com o filho de Santa Mônica a questão da existência ou não do pecado original e outras questões de fé. A autoridade eclesiástica decidiu, está decidido. Se Roma falou, não há o que discutir. Obedeça! Se Constantino resolveu (o padre, não o imperador), está resolvido, não discuta!

Na verdade, no caso ora em apreço, o motivo era um pouco diferente. Com os alunos vindos de Pirapora, já tinha sido necessário constituir duas classes de Primeiro Ano, com mais de 20 alunos em cada uma. Se todos os habilitados no Seminarinho ou em outras instituições de ensino fossem também para o Primeiro Ano, uma terceira classe seria necessária, enquanto poucos restariam para cursar o Admissão. Assim e por isso, o prometido não foi respeitado. Um colega tentou protestar, mas, interrompido com energia, logo entendeu que o certo era silenciar e submeter-se. Creio, até, que esse colega já conhecia aquele padre alto e magro, companheiro inseparável de um cigarrinho que lhe deixava os dedos amarelados, possuidor de um apito estridente que iria provocar, a partir de então e nos anos seguintes, muitas vezes, a paralização imediata, sob silêncio absoluto, de toda uma centena ou mais de jovens, assustados e sobressaltados, que, por exemplo, no momento, simplesmente estivessem se divertindo no recreio daquele colegião, talvez com alguma traquinagem própria da idade, mas inocente. Na falta do apito, era o sino que pendia da parede de tijolinhos furiosamente badalado, interrompendo toda e qualquer euforia mais expressiva, a ser severamente reprimida, que dava o tom. Esse sino nos acordava, antes do raiar do sol, e ia marcando, ao longo do dia, os passos a serem dados pela comunidade. Não o víamos com simpatia. Hoje em dia, não se encontra mais em seu posto, embora haja vestígios, na parede, do local de que pendia. Dizem que, num dos encontros promovidos pela Turma do Ibaté, alguém se encarregou de dar um sumiço nesse objeto por muitos execrado. Merecido.

Quem sabe quão barulhento é o recreio de um ginásio ou colégio, lembrará, certamente, como era chocante o contraste do silêncio, quando um fato extraordinário interrompesse a euforia. Eu me lembro dos meus tempos de Escola Caetano de Campos, da Praça da República, em São Paulo, onde a algazarra de dezenas de crianças, no recreio, de inópino, era cortada pelo silêncio absoluto e paralisante, provocado pela simples aparição, na janela do segundo andar do prédio, da imponente Carolina Ribeiro de Almeida, a diretora. O mesmo acontecia no Ibaté, com o soar estridente do apito ou a vigorosa badalada do sino, sinais de reprovação pelo nosso não só imponente mas, também, persuasivo e temido Padre Ministro. Impetuoso talvez fosse um adjetivo a ser mencionado, em que pesem o respeito e a saudade dessa, no fundo, querida figura paternal. Vou repetir várias vezes: "Sem o Padre Constantino, o Seminário de São Roque não teria sido o que foi". Ele foi essencial para transformar aquele "colégio interno" num lar inesquecível de nossas recordações de adolescência. Podia ter sido um mero "Padre Ministro", responsável pelo bom comportamento, a disciplina dos seminaristas. Não, dele partiam todas as iniciativas para o bem estar de seus pupilos, coisa que fazia com extremada dedicação e afeto.

Chegamos a São Roque, os que vinham de São Paulo, em viagem de trem, em mais de um vagão especial alugado pelo Seminário. Éramos muitos ainda bem pequenos, a grande maioria vivendo, pela primeira vez, a experiência de ficar longe da família. Saímos da estação Julio Prestes, da Sorocabana. No meu caso, além de meus pais e irmãs e de minhas avós, mais algumas tias e primas foram se despedir de mim. Eu, ao relembrar aquele dia, aquele momento tão marcante, por muitos anos acreditei que a partida se dera na Estação da Luz, vindo sempre à minha memória a imagem daquela ponte que existe no alto daquela gare, sendo contemplada por mim, minúsculo ante a portentosa estação, já sentindo o efeito da iminente separação familiar, como se estivesse só e perdido na plataforma, ao lado da qual dois vagões estavam estacionados, à nossa disposição, esperando a composição que os viria rebocar. Foi necessária muita dissuasão, por parte de meus colegas, para que eu voltasse a reconhecer que o trem saiu da Julia Prestes, da Sorocabana. Não era a minha primeira viagem de trem e as anteriores tinham sido, todas, para Rio Claro, Limeira ou Espraiado, cidades e local servidos pela Estrada de Ferro Santos a Jundiai e pela Cia. Paulista de Estradas de Ferro, partindo sempre da Estação da Luz. Daí, talvez, o meu equívoco. Apesar de ter boa memória para fatos antigos, tenho consciência de que é preciso me policiar, para não cometer enganos. Por isto, repassei várias vezes tudo o que conto aqui. Não sou um historiador nem um historiógrafo, apenas sou um contador de "causos", um registrador de lembranças. Tenham condescendência, se outros erros encontrarem, caros colegas de então e caros leitores.

Fato curioso é que eu não tenho a mínima lembrança de como íamos para São Roque, no começo dos anos letivos posteriores, nem de como, no fim do ano, retornávamos às nossas residências. Seria de forma coletiva? Sob o comando dos padres? Não me recordo. Portávamos bagagem? Apenas o essencial? Ao longo da vida, muitas vezes, ouvi dizerem que tenho uma memória privilegiada. Pois há certas coisas de que absolutamente não me lembro. E nem tudo de que me lembro é o mais importante, o mais relevante. Gostaria muito de entender como essas coisas funcionam.



(ponte que atravessa a Estação da Luz - foto da internet)

Voltemos ao trem que estava indo para São Roque. Mal nos conhecíamos. Eu havia feito amizade, no "Seminarinho", com o Ary Joly, ao lado de quem viajei. Havia alguns colegas, advindos das mesmas paróquias, onde geralmente haviam sido coroinhas, como Brás, Belém e outras, que sentiram menos a sensação de solidão do primeiro momento, por formarem pequenas turmas. Desses neo-seminaristas, alguns ainda tinham a companhia de padres de suas paróquias, que estavam indo ser professores no Seminário. Lembro muito bem da espera do trem em São Paulo, todos de terno azul marinho ou terno caqui, este último de calças curtas, meias três-quartos pretas e sapatos da mesma cor, no caso dos mais novos.

Confesso que sempre considerei esse uniforme amarelo horrível. No uso diário, o pano amarrotava muito. Esperando a partida do trem, carregávamos malas e sacos com roupas e objetos de uso pessoal. Na despedida, algumas lágrimas, é claro, não tanto dos alunos, que estavam ansiosos pela expectativa de uma etapa nova em suas vidas, mas, como não podia deixar de ser, das avós e das mães, estas últimas que, em muitos casos, como especialmente o meu, tanto se empenharam para que aquele momento acontecesse. Lágrimas de dor no coração de algumas mães, que viam seus filhos indo embora de seus regaços, lágrimas de júbilo de outras, como Dona Paiota, vendo seus filhos a caminho dos sonhos há tanto acalentados.



(Estação Julio Prestes - Estrada de Ferro Sorocabana – foto da internet – tripadvisor.com.br)



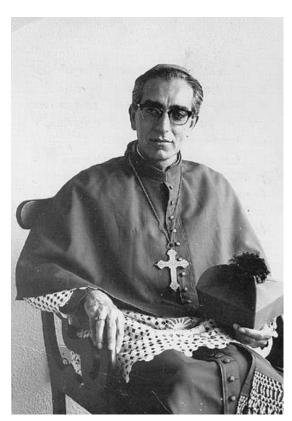
Para muitos, a vocação sacerdotal é como a vida: nasce da mãe e é alimentada generosamente no seio materno. Não que faltem as influências dos vigários, catequistas e outros. Vocação quer dizer chamamento e, em princípio, é o apelo divino para uma carreira dedicada à vida eclesiástica. Porém, o veículo desse chamamento, muitas vezes, é a figura materna. No meu caso, (minha mãe sempre contou isto com orgulho), quando eu nasci e ela soube que se tratava de um menino, seu primeiro pensamento foi: - "Este será padre!" E, assim, eu vivi minha infância. E, assim, eu vivi minha infância. E, assim, eu vivi minha infância. Lembro muito bem que, de acordo com costume muito comum naquela época, as visitas, muitas vezes, perguntavam às crianças, quando as conheciam: "-O que você vai ser quando for grande?" Nunca tive a oportunidade de responder. Minha mãe se antecipava: "-Ele disse que quer ser padre!"

Fui eu quem disse? Será? Sinceramente, eu acredito que minha mãe imaginava que a ideia tinha sido minha.



Meu padrinho de batismo era um monsenhor, pároco de nossa paróquia, que muito colaborou para incentivar a minha vocação. Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo era um historiador sacro, autor do livro "A Igreja na História de São Paulo", de muitos volumes. Hoje em dia, prevalece a expressão "pároco". Antigamente, falava-se, muito mais, "vigário". Não cabe discutir, aqui, o que especifica o Código de Direito Canônico. Refiro-me ao uso popular desses termos. Vou chamar o titular de uma paróquia tanto pároco como vigário. E vou chamar os padres que o auxiliam coadjutores.

(Monsenhor Paulo e membros do Conselho Paroquial: atrás do Monsenhor, o meu pai; ao seu lado, uma paroquiana ilustre, cujo nome não me lembro e não tenho mais a quem perguntar, e o Dr. Antonio Ferreira de Castilho, Provedor da Irmandade do Divino Espírito Santo)



(Dom Benedito -de clergyman- e Monsenhor Paulo, visitando nossa família, na Rua Itararé, na Bela Vista) Eu tinha ido me despedir do "Padre Paulo", em sua casa. Enquanto o vigário me dava conselhos, o Padre Benedito, coadjutor (futuro Dom Benedito de Ulhôa Vieira, Arcebispo de Uberaba), por trás, me provocava, fazendo cara de choro e, com os dedos correndo o seu rosto, simulava lágrimas que estariam debulhando em minha face.



Nesse meu primeiro dia em São Roque, lembro-me de um fato que muito me serviu de consolo, quando, à noite, fomos para o dormitório. As instalações elétricas do prédio ainda não estavam totalmente prontas e uma equipe de eletricistas trabalhava no forro e, mesmo depois de estarmos deitados, ligavam fios e lâmpadas. Para minha sorte, esses eletricistas eram da firma onde meu pai trabalhava e eu logo pude ver, através da treliça, o Zezinho, um rapaz muito amigo de nossa casa, encarrapitado lá no forro, concluindo o seu trabalho, sem saber que estava me dando um grande alívio, por constatar que pelo menos alguém conhecido estava por perto. Isto não foi suficiente para evitar que o meu travesseiro ficasse um pouco molhado pelas lágrimas de uma saudade precoce. Realmente, para quem nunca ficara longe de sua família, a primeira noite em um casarão situado em lugar isolado, na companhia de outros alunos que eu nunca vira, sob o comando de padres por mim desconhecidos e com imponência disciplinar, isto tudo aos 11 anos de idade, era clima para comovido (embora parcimonioso e silencioso) derrame lacrimal. Não fui o único, com certeza.

Eu era um menino, uma criança, acostumado a viver com meus pais, meus avós e minhas quatro irmãs: a Nina, quase dois anos mais velha que eu; a Maria de Lourdes, quase dois anos mais moça que eu; a Maria do Rosário, com 5 anos; e a Maninha, com apenas 3 anos, numa residência de bairro tranquilo, na rua Peixoto Gomide, quase esquina da rua Augusta, perto, portanto, da zona mais central da cidade, de onde só me aventurava a sair sozinho para ir à escola, a três quarteirões dali; à igreja, a duas quadras de minha casa; ou, eventualmente, a casas de tios meus ou de amigos de meus pais, sempre pelas redondezas. Fui criado muito preso à família, não estava acostumado a me separar das pessoas que faziam parte do meu pequeno mundo. De repente, me vejo num lugar estranho, bem longe da minha cidade, com companheiros que eu não conhecia, sob o controle de padres que eu nunca vira antes, e, na calada da noite, naquele imenso dormitório, me vem, de repente, à mente: "- Meu Deus, agora é para sempre!"

Ái! Como foi bom ver o Zezinho lá no forro! No dia seguinte, já enfileirado, enquadrado nos novos moldes disciplinares de locomoção coletiva dentro do prédio, meus olhos corriam o espaço daquele casarão, procurando encontrar, em algum canto, o Zezinho. Quando eu estava no primeiro ano primário, na Escola Caetano de Campos, muitas vezes, quem ia me buscar e me levar para casa, pela mão, a pedido de meu pai, era exatamente o Zezinho que, além de trabalhar ali perto, na Isnard da rua 24 de Maio, ainda morava próximo de nossa residência. De repente, ao passarmos em fila, de um canto para outro do prédio do Ibaté, eu consegui ver, passando perto de mim, o Zezinho. Só deu para eu lhe dizer um quase suplicante "Oi, Zezinho!", ao que ele respondeu "Oi, Paulo, você por aqui?", mas, logo, o olhar severo daquele padre alto e magro nos dissuadiu de maior confraternização. Só voltei a ver alguém conhecido no fim do mês seguinte, quando meu pai chegou para me visitar. O Seminário tinha um telefone, mas, aos alunos era proibido fazer uso. Ninguém estava autorizado a se afastar do recinto do Seminário.



(O Zezinho é o que está no canto direito desta foto, apoiado em um cano. Trata-se de um evento da Congregação Mariana da Paróquia do Divino Espírito Santo da Bela Vista, da Rua Frei Caneca, em São Paulo. Nela estão vários amigos de meu pai e que também foram meus contemporâneos, quando eu fui congregado, após sair do seminário.)

Em 1949, o prédio do Seminário ainda não estava concluído. Na realidade, somente havia uma ala pronta, à esquerda de quem via o prédio de frente. A fachada ou ala frontal estava incompleta, aguardando a construção da ala direita do conjunto, que se daria nos dois anos seguintes. O pátio de recreio ficava nos fundos. Havia um desnível grande entre a frente e o fundo do prédio. Pela frente, víamos três andares, sendo um de porões, ao nível do solo. Pelo fundo, onde estava o pátio, víamos apenas dois andares. Na parte da frente, uma escadaria levava os visitantes até uma galeria, projetada para se estender de ponta a ponta, em cujo centro ficava a entrada principal do edifício. Visto o prédio do pátio existente na sua parte traseira, tínhamos, na mencionada ala lateral já construída: em sua parte de baixo, o salão de estudos provisório, também usado como sala de aulas, uma sala menor, o refeitório dos alunos, a sala de almoço dos padres e a cozinha. Na parte superior dessa ala, ficava o amplo dormitório dos alunos. Na ala central ou frontal do edifício, tínhamos o salão de entrada, dando acesso, de um lado, a corredor onde ficavam quartos dos padres e uma ou duas salas de aula improvisadas; do outro lado, sanitários e um salão com as cabines de banho. Uma galeria com arcos dando para o pátio corria a parte do prédio onde ficavam os sanitários, o salão de cabines de banho e, dobrando a esquina, ia correr ao longo do salão de estudos e do refeitório, findando na entrada da sala de almoço dos padres. Subindo escada existente no salão de entrada, chegava-se, no andar superior, a um hall que tinha, de um lado, a entrada de um corredor que passava por mais quartos de padres, sobre os já referidos do andar de baixo, chegando à porta da capela provisória que, mais tarde, teria seu espaço transformado em um novo dormitório para os alunos mais velhos. Eu gostava muito dessa capela provisória, que não tinha a imponência da que veio a ser construída na nova ala do prédio, mas, era muito mais acolhedora.



(a nova ala, construída nos 2 anos seguintes à inauguração do seminário)



(a primeira capela do Seminário, antes de construída a nova ala)

Do outro lado do hall da entrada, à esquerda de quem subira a escada, tínhamos um corredor que ia até a entrada do dormitório, com arcadas enjaneladas que davam para o pátio. Esse corredor ficava sobre a galeria do andar inferior e, por ele, antes de chegar ao dormitório, passávamos por um salão onde havia quatro filas de pias, duas no centro, uma contra a outra, e duas junto às paredes laterais, formando o lavatório utilizado pelos alunos, principalmente quando se levantavam, de manhã.

Nos porões da parte térrea da frente do prédio foram improvisadas salas de aulas. Futuramente, parte desses porões seria adaptada para os alunos receberem os pais, nos dias de visita. Apenas no ano seguinte tiveram início as obras da parte que faltava da ala central e de toda a ala à direita de quem olha o prédio de frente, onde viríamos ter a nova capela, no andar de cima, e o novo salão de estudos, no andar de baixo, tendo sido construídas, também, as salas de aulas definitivas. Com a nova construção, no local onde ficava a antiga capela, foi montado, como já disse, o dormitório para os alunos mais velhos. Um fato curioso é que eu nunca estive nesse segundo dormitório, nunca vi de perto, embora já estivesse em funcionamento bem antes de eu ter deixado o Seminário em 1953. Isto mostra como eram controladas nossas andanças pelo casarão do Ibaté.

Dos quartos de padres a que me referi, existentes no andar superior, alguns tinham janelas que davam para o pátio. Numa delas, a do quarto do Padre Ministro, este costumava, nos momentos de festa, instalar um potente alto-falante, pelo qual gostava de transmitir marchas e outras músicas. Tinha o prazer de fazer isto quando estavam entrando no pátio visitas ilustres, como o Cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, que muito apreciava tirar uns dias de sossego, lá no Seminário. Sempre que o Cardeal chegava, nós alunos corríamos para cercar o automóvel e ele, usando sua autoridade de figura principal da Arquidiocese, logo, por insistência dos seminaristas e para desespero dos professores, decretava feriado, enquanto estivesse nos visitando.

No subsolo da nova ala foi construído um amplo anfiteatro, com o respectivo palco, além de umas outras salas menores, que tiveram várias finalidades.

Em 1949, no terreno reservado para a construção a ser feita, os alunos do Admissão tiveram o seu improvisado campo de futebol, de uso exclusivo dos pequenos, pois o Reitor, Monsenhor Luiz Gonzaga de Almeida, proibia os demais alunos de frequentá-lo. Ele foi, para

os meninos de menos de 13 anos, com sua bondade e dedicação, o vovô substituto daqueles que deixamos em nossas casas, dos quais sentíamos tanta falta. Vovô, porque nosso pai substituto chamava-se Constantino. Muitas vezes critico nosso Padre Ministro, mas, vou repetir sempre: "Sem ele o seminário não teria sido o que foi!"

Um pensamento que sempre me ocorre é que nossos professores, os padres, também tinham sido seminaristas, também tinham tido sua infância ou seu início de adolescência cortados, para uma imersão no rígido mundo tridentino dos seminários menores. Era natural que alguns (pelo menos) se condoessem de ver meninos de pouco mais de 10 anos, de terninho, se deslocando, de um canto a outro do prédio, em silenciosas filas, sob o olhar severo de quem cuidava da disciplina. Também eles deviam ter saudades dos seu perdidos folguedos da meninice anterior ao seu seminário.

Eram precárias muitas coisas dos primeiros dias. Lembro-me que minha sala de aulas do Admissão foi no porão posteriormente utilizado para a guarda de malas e outras tranqueiras. Era bem agradável, pois tinha várias janelas e porta que dava para a lateral do prédio, perto de onde, então, havia caramanchões de ciprestes onde um sabiá costumava vir cantar. Quando estávamos no silêncio do salão de estudos antigo, exatamente sobre essa sala de aulas, ouvir o canto desse sabiá, enquanto nos debruçávamos sobre os livros, era encantador. Eu gostava bastante da sala de aulas improvisada no porão, pois, nos dias quentes, o Monsenhor Luiz Gonzaga de Almeida, o Reitor, que era nosso professor de Catecismo ou Apologética, deixava a porta ficar aberta, propiciando gostosa ventilação, e, também, usava essa saída, muitas vezes, para nos levar a um bosque, perto dali, onde tínhamos a nossa aula de Religião. Esse bosque tinha um riacho que deslizava murmurante entre florida vegetação. Ouvir falar das coisas do Céu naquele pequeno paraíso era uma delícia. Talvez fosse o recanto mais encantador do Ibaté. Pena que a posterior construção de um novo pavilhão o tenha prejudicado. Na verdade, o uso da expressão Apologética para definir a matéria que nos era ensinada nas aulas de religião não era bem adequado, pois nossas aulas se limitavam ao estudo dos Catecismos da Doutrina Cristã. Geralmente, as crianças aprendem, antes de fazer a Primeira Comunhão, o conteúdo do Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã, tal como elaborado pelo Papa São Pio X. Todavia, há outros, como o Segundo, o Terceiro e o Quarto que vão, num crescendo, aprofundando o ensino da doutrina seguida pelos católicos. No Seminário, eu lembro de ter estudado até o Terceiro Catecismo. As aulas de Catecismo eram alternadas com o estudo da História Sagrada. Tudo bem elementar, para quem iria, no futuro, estudar Teologia e outras matérias afins. O uso da expressão Apologética, para definir a matéria religiosa que nos era ensinada, realmente, não estava muito apropriado, pois esta pode ser definida como uma "defesa argumentativa de que a fé pode ser comprovada pela razão", o que, por extensão (aprendi na Wikipédia), pode ser entendido como uma "defesa persistente de alguma doutrina, teoria ou ideia." Não era o nosso caso, pois seguíamos o conteúdo dos catecismos organizados como o de São Pio X, de que muitos se lembram, quando participaram da preparação para a Primeira Comunhão.

Voltando às condições nos primeiros tempos de nosso Seminário, lembro que os chuveiros só tinham água fria e os vasos sanitários ainda não tinham assentos com tampas, sendo que os alunos tinham que providenciar, cada um, os seus próprios rolos de papel higiênico. Durou pouco essa precariedade, mas, mesmo depois que a situação se regularizou, o banho sempre continuou sendo frio, como já era em Pirapora. São Roque é uma região gelada, no inverno. Tomar banho frio, muitas vezes, era quase insuportável. Nos dias quentes, era um bom motivo para não se ficar muito tempo sob o chuveiro. Mas, nos dias gelados, era preciso ter muita coragem para enfrentar a agua das duchas. Em dias com temperatura extremamente baixa, essa higiene pessoal acabava ficando para o expediente seguinte. Lembro que um dos boxes, no fundo do salão de banhos, possuía algo parecido com um chuveiro elétrico. Era um modelo singular, uma caixa metálica de uns dois palmos de largura por um de altura, onde a água esquentava. Mas, a temperatura não chegava a ser elevada. Tomava-se um banho de morno para frio. Tal chuveiro somente podia ser usado, com autorização especial, por quem

estivesse doente, com gripe ou com febre. Os alunos vindos de Pirapora brincavam que, no antigo seminário, onde o piso dos banheiros já tinha uma certa idade, a marca feita no chão (pela água) era causada pelos alunos dando voltas em torno, sem coragem de avançar para baixo da chuva gelada. Pois acredito que em São Roque fazia muito mais frio que em Pirapora.

Logo que chegamos, tomamos conhecimento da primeira regra disciplinar. Estávamos divididos em três grupos, três recreações, como eram chamados: os Menores, os Médios e os Grandes. Eu fazia parte dos Menores. Como era dos mais moços dos alunos e, também, um dos menos "atirados", custei mais tempo que outros colegas para ser promovido aos Médios. Em 1951, eu ainda estava nos Menores, como bem me fez lembrar Dom José Maria Pinheiro, de quem adiante falarei. Quem fazia parte de uma recreação não podia ficar conversando com os alunos das outras recreações. Isto era considerado uma falta grave. Aprendemos, também, que os alunos deviam se deslocar em filas duplas, como já mencionei, quando a comunidade estivesse se dirigindo ás dependências do prédio, o que devia ser feito em silêncio, de preferência rezando o terço ou, então, era permitido que, nessas ocasiões, trabalhássemos artesanalmente, confeccionando rosários de contas, que eram enfiadas em arames, manipulados com pequenos alicates. Isto era uma novidade engraçada e eu, logo na primeira visita de meu pai, encomendei o material necessário. Lembro que o Sr. Toschi pediu a um dos seus colegas da Isnard, o Sr. Peliciotti, chefe da oficina de rádios, que adaptasse meu alicate, para ter ponta bem adequada para a confecção de rosários.

(Mais tarde, quando eu saí do Seminário e fui trabalhar na Isnard, esse Sr. Peliciotti foi um dos que vieram me recriminar, "por ter dado tal desgosto ao meu pai". Que petulância. Não foi só ele. Outros colegas de meu pai na Isnard assim agiram, como um tal de Sr. Mazzilli. Ora bolas, o que tinha que contar era o meu gosto ou desgosto e não o gosto ou desgosto de meus pais ou de seus amigos. Era minha vida que estava em jogo. Todos tinham escolhido a deles livremente e não era cabível que quisessem me impor um caminho de existência que, por mais sublime que possa ser, é necessariamente de escolha muito pessoal, por conter obrigações e renúncias muitas vezes diversas do que normalmente é anseio de um ser humano. O homem nasceu para crescer e multiplicar-se. Viver um celibato tem que ser uma escolha pessoal, muito ponderada, nunca uma imposição a quem quer que seja. Eu não posso dizer que me impuseram, não estou dizendo isto, mas, realmente, por tudo que fizeram para me convencer, não só os meus pais, principalmente minha mãe, mas toda uma paróquia em que vivíamos introduzidos, muitas vezes, me vejo meditando sobre essas circunstâncias. Sei que as pessoas me amavam e, se tanto fizeram para me levar ao altar, com certeza, foi por acharem que isto era o que de mais sublime podia me acontecer. Mas, erraram. Querendo me fazer o bem, não foi isto que fizeram. Uma das coisas que me levou a escrever este pequeno trabalho, além de contar como era naquele tempo o mundo de preparação clerical, num regime que hoje não existe mais, foi, justamente, a vontade de mostrar como, comigo, aconteceu de, nessa questão de "vocação sacerdotal", muitos acharem que deveria prevalecer muito mais o desejo de quem queria me ver padre do que a minha liberdade de escolher o que fazer de minha vida. Não me refiro somente ou especificamente aos meus pais, falo do ambiente em que cresci. Nem sempre aquilo que as pessoas fazem, achando que é o melhor, é, de fato, o melhor.)

Os melhores rosários por nós confeccionados, com o tempo, passaram a ser enviados a uma instituição beneficente, onde eram oferecidos à venda, para arrecadar fundos entre os colaboradores daquele asilo. Na fila, quem não estivesse fazendo terços, caminhava de braços cruzados. As filas eram organizadas por altura, indo de um minúsculo Claudio Giordano até um agigantado Luiz Barcellos.

Nesta nova apresentação deste meu Palavra de Seminarista, já devem ter reparado que eu venho misturando os assuntos e, inclusive, as épocas, mas, isto é proposital, para tornar mais leves, menos maçantes alguns capítulos descritivos.

A chegada ao Seminário se deu em ônibus da empresa Nossa Senhora da Penha, que fazia a ligação entre São Roque, Araçariguama e Pirapora, por uma estrada poeirenta e sinuosa, não pavimentada, esburacada, com as chamadas costelas de vaca, cheia de subidas e descidas, pelas quais os motores dos veículos pouco modernos gemiam. Hoje em dia, (falo isto em 2019) foi aberto, já faz mais de vinte anos, um novo caminho, ligando São Roque à rodovia Castelo Branco, e o antigo acesso ao nosso seminário foi batizado como Estrada Dom Constantino Amstálden, ainda de terra, porém, melhor cuidada. Naquela manhã de 1949, o ônibus percorreu cinco quilômetros e paramos em frente a uma porteira. Enquanto aguardávamos sua abertura, tivemos a primeira lição de latim: "Parva domus magna quies". Era a inscrição que um morador havia colocado na varanda de sua casinha, numa pequena placa, bem em frente a esse caminho que dava acesso ao prédio do seminário, frase essa, certamente, ditada por um dos nossos futuros professores. Tradução: "A casa é pequena, mas o descanso é grande". O imóvel residencial continua lá, a placa não mais. Se tivesse sido leiloada, em um dos nossos Encontros, teria obtido bons lances.

Subimos pela pequena avenida de terra, passamos por um bosque e por caramanchões de cipreste, para chegar ao pátio que ficava nos fundos do prédio de tijolinhos, muito simpático. Não era como aqueles conventos que eu tinha visto em filmes, em cujos claustros padres ou monges, andando de um lado para o outro, rezavam o breviário, mas, o nosso prédio parecia ser bem agradável. Fomos orientados a guardar nossas coisas nos armários do dormitório e levamos nossas malas para um porão. Voltamos ao pátio e passamos a receber as primeiras instruções. Como se estivéssemos num quartel, o Padre (que eu ainda não sabia tratar-se do nosso Ministro de Disciplina) nos colocou em forma, numa fila. Engraçado: não fez um discurso de boas-vindas e nem disse o seu nome. Os alunos de Pirapora, vários dos quais haviam chegado antes, para ajudarem nas instalações, ficaram à distância, longe desse primeiro contato dos novatos com o Padre Constantino Amstálden.

Muitos anos mais tarde, quando eu, ex-seminarista, foi servir o Exército em Quitauna, aconteceu a mesma coisa. O nosso capitão tomou o cuidado de não deixar os "praças velhos", que ainda não tinham dado baixa, entrarem em contato com os novos recrutas. Interessante: foi nesse quartel de Quitauna que o Padre Constantino ficou, dois ou três anos, servindo, durante o tempo em que o Brasil participava da Segunda Guerra Mundial, na Europa. Muito do que ele aprendeu na caserna foi utilizado nos seus métodos de disciplina aplicados aos seus seminaristas. Sob o comando do Capitão Neves, um truculento, eu pude, em 1956, entender e confirmar isto. Não me entendam mal: o Padre Constantino era rigoroso; o Capitão Neves era truculento.

Todos nós já tínhamos, cada um, um número, pelo qual passaríamos a ser conhecidos, dali em diante. Esse número fora pregado em nossas roupas, por nossas mães. Eu era o 55, dezena que nunca mais esqueci. Fiquei tão habituado a ser identificado pelo número que, em certa ocasião, estava eu no pátio, na hora do recreio da noite, e o Padre Ministro resolveu chamar-me, para dar uma notícia que minha família enviara, sobre o falecimento de um parente, o meu Tio Antoninho: por mais que me chamasse "Paulo", eu não prestei qualquer atenção e só fui atendê-lo quando o Padre Constantino resolveu, já meio bravo, chamar "55", o meu número. De fato, naquela época, eu passara a ser mais 55 que Paulo, quase uma despersonalização, fato que, acredito, contribuiu, como muitos outros, para produzir efeitos psicológicos em minha vida, pela condição de ter sido seminarista. Segundo um colega meu, hoje bispo emérito, nós, em São Roque, passamos por uma verdadeira lavagem cerebral.

Mais tarde, passei a ser o "Toschi" e, felizmente, nunca me deram apelidos, como aconteceu com muitos colegas. Havia o "Perereca", o "Vaca", o "Vó" e muitos outros. Naquele tempo, ainda não haviam inventado a palavra "bullying". Os apelidos eram considerados expressões de carinho. Seminarista não podia tratar seus colegas com chacotas. Se algo fosse dito que pudesse ser entendido como molestação, logo, alguém chamava a atenção: "- Olha a Caridade!" Aliás, Caridade também era o apelido de um companheiro que, até hoje, continua sendo um grande amigo. Porque o apelido? Ele tinha outros, como, por exemplo, Santo Tomaz. Era figura muito popular, o que lhe valeu ser, hoje, um dos líderes da Turma do Ibaté, o Attilio Brunacci. Tendo ele passado mais tempo que eu em São Roque e tendo, também, cursado o Seminário Maior do Ipiranga, até ser sagrado sacerdote, ministério que exerceu por vários anos, bem que deveria, melhor do que eu, ser o autor de um livro de memórias sobre o Ibaté, mesmo porque já escreveu outros livros sobre outras experiências de vida, muito interessantes. Eu gostaria muito que outros colegas também escrevessem. Temos muitos artigos escritos no periódico Echus do Ibaté, uma publicação bimensal da Turma do Ibaté, a associação dos exalunos de São Roque, mas, ninguém se dispôs a escrever um livro. O seminário existiu até 1974 e sofreu modificações acentuadas quanto ao regime de internato de seus alunos. Seria importante termos isto publicado. Mesmo quanto à minha época, seria bom conhecer visões diferentes de outros colegas. Meu amigo Darcy Corazza me contou que a ida para o Seminário Maior do Ipiranga, no começo, provocou nele reações que demoraram para serem contornadas. Considero importante, não só para mim, conhecer melhor esse assunto, mediante depoimentos de outros alunos. Clamo, mais uma vez, para que o façam. Se nós, seminaristas que vivemos sob o regime do Concílio de Trento, não registramos o que foi essa experiência, em breve, os novos membros do clero não o saberão, muito menos os leigos.



(o prédio do Seminário, hoje, é utilizado para diversas atividades religiosas de interesse da Diocese de Osasco e de outras da região. Na foto, padres participantes de um retiro. Vejam os arcos a que me referi, na galeria que contorna toda a parte inferior do prédio, visto do seu pátio de recreação. Grande parte desses padres não viveu num seminário menor, como o aqui descrito. Não sentiram o que foi o Concílio de Trento. Quantos estão de batina? Os tempos mudaram muito.)

CAPÍTULO 2

RETIRO ESPIRITUAL



(terreno argiloso nos fundos do pátio do seminário)

Iñigo López nasceu em Azpeitia, em 31 de maio de 1491. Poucos o conhecem por esse nome. Sua cidade natal fica na província de Guipúzcoa, no País Basco, Espanha. Ele é bem mais conhecido como Inácio, sendo que a localidade onde nasceu, a atual cidade de Azpeitia, era, à época, mais conhecida como Loyola. Santo Inácio de Loiola foi o fundador da Companhia de Jesus e notabilizou-se, também, pelos Exercícios Espirituais, ou seja, os Retiros que ensinou a praticar.

Todos os anos, quando os seminaristas retornavam das férias, havia um retiro espiritual de 3 dias, como preparatório para o novo período de formação.

Os padres diziam que vínhamos muito "dissipados" das férias. O retiro espiritual era para afastar o espírito mundano e reintegrar os hábitos de religiosidade e de estudos. Não me lembro de ter ouvido outras pessoas usando a expressão "dissipado". No Seminário, naquela época, era empregada com certa frequência. Procurando em dicionários, não encontrei sinônimos adequados ao que desejavam exprimir os padres. Usavam-na com o sentido de estarmos fora da compenetração cabível a um seminarista, de estarmos contaminados pelas frivolidades mundanas. Enfim, precisávamos de um ajuste de comportamento e de atitude.

Em outro capítulo, irei descrever o comportamento permitido para um seminarista, durante as férias. Ficará evidente que esse conceito de "dissipação", referido pelos padres, era um grande exagero. Talvez, dentro da metodologia então vigente nos seminários, esse retiro fosse uma maneira de reenquadrar o adolescente que escapara, por curto período de férias, da rigidez a que era submetido na casa de formação de levitas. Assim como fazem as pessoas que possuem automóveis, providenciando, de tempos em tempos, o balanceamento dos pneus e o alinhamento das rodas, embora, aparentemente, estejam funcionando bem, da mesma forma o seminarista vindo das férias precisava de um ajuste.

Tudo o que eu sabia sobre retiros, quando era menor, consistia em ver meu pai, todos os anos, no Carnaval, ir para o Colégio Arquidiocesano, para lá fazer o seu retiro espiritual, junto com os seus colegas congregados marianos. Ele voltava tão bem como fora, mas, dava para

notar que estava um pouco mais tolerante, um pouco menos impaciente com nossas pequenas criancices. O retiro tinha-lhe feito bem. E a nos, também.

Fui com meu pai, várias vezes, até Barueri, perto de São Paulo, onde a Federação das Congregações Marianas tinha uma "Casa de Retiros" denominada Vila São José. Era um lugar muito bonito, com um grande lago cheio de carpas, rodeado de caramanchões de cipreste que eu, anos depois, iria encontrar outros parecidos, no Seminário de São Roque. No Ibaté, esses caramanchões ficavam ao lado da avenida que se estendia desde a estrada até o pátio de recreação. Hoje, esses caramanchões não existem mais, pois, no local, foi construída, não sei em que época, uma nova ala que eu nunca visitei em todas as vezes que voltei ao Ibaté. Estranho. Tenho tão presente em minha memória, como coisa sagrada, o seminário em que vivi que, conhecer essa nova ala seria profanar a imagem e a lembrança de um passado da mais relevante expressão.



Nessas idas a Barueri, usávamos o automóvel da Federação Mariana, um Chevrolet do fim dos anos 30, seguindo pela estrada poeirenta que passava por Osasco, Quitauna e Carapicuíba, sem asfalto, o que provocava desconforto e mal-estar. Mal sabia eu que, anos mais tarde, esse caminho, já asfaltado, seria percorrido por mim, inúmeras vezes, a pé, como infante fuzileiro do quartel do 4º Regimento de Infantaria, de Quitauna. Lembro-me que, numa dessas viagens, o carro estava lotado e eu viajei no colo de Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, que era bispo auxiliar de São Paulo e coordenava os assuntos marianos.

Estávamos indo a Barueri, suponho, para alguma visita de inspeção. Quando fui para São Roque, Dom Antônio era o

bispo encarregado dos seminários da Arquidiocese. Na foto de inauguração da nossa casa de levitas, é ele quem aparece e não o Cardeal Motta. Mais tarde, Dom Antonio veio a ser o Arcebispo de Campinas. Um homem de aspecto místico, principalmente quando pregava. Mas, costumava ser bravo e exigente quanto aos assuntos sob sua supervisão.

No primeiro ano de existência do Seminário Menor de São Roque, em 1949, tivemos o que se poderia chamar de um anti-retiro. Algo que, se Santo Inácio de Loiola estivesse presente, teria ficado desapontado. Este, como é sabido e acima descrevi, foi o criador dos Exercícios Espirituais, modelo geralmente seguido por quem organiza retiros.

Os padres foram compreensivos e deixaram que os três dias transcorressem da forma como nós, os novatos, imaginávamos que fosse um retiro espiritual. Ao final desse exercício, comunicaram que a prática divulgada pelo fundador dos jesuítas não era nada parecida com aquilo e que, dentro de um mês, haveria um novo retiro, de verdade. Houve. Aprendemos que um retiro se faz com a observância do silêncio, de modo a pessoa se concentrar na análise de seu interior espiritual, com momentos de oração coletiva na capela, momentos de pregação por um sacerdote imbuído do espírito correspondente ao tema escolhido para aquele exercício espiritual, e momentos de recolhimento pessoal para meditação solitária, exame de consciência, análise do próprio comportamento, alternados com a reza individual do santo rosário, o terço. Assim como o corpo fica após um bom banho, do mesmo modo a alma deve ficar, depois de um bom retiro espiritual.

O pátio do Seminário era um espaço suficiente para comportar um pequeno campo de futebol e algumas quadras de vôlei, além de um carrossel e um galpão onde havia algumas

mesas de pingue-pongue. Na minha época, ainda não havia o espiribol, jogo muito lembrado pelos alunos de anos posteriores.



(meninos jogando espiribol)

Do nosso recreio podiam-se ver, ao longe, alguns morros, dentre os quais se destacava o Saboó. Essa elevação foi e continua sendo um ponto de referência para os frequentadores do Ibaté. Ao cair da tarde, é romântico ver o sol se pondo. Como o Ibaté é um bairro afastado do centro de São Roque, isolado, e como nosso casarão ficava entre morros e matas, também era lindo acompanhar o surgimento da "estrela vespertina", o planeta Vênus, no início da noite, de forma imponente. Depois, iam despontando as constelações do zodíaco, cujo desfile o céu escuro do Ibaté permitia fôssemos contemplando. Sem esquecer a romântica Lua. Quando os corpos celestes se aproximavam do Saboó, era deslumbrante. Nunca ouvi estrelas, mas, sempre adorei observá-las.

Eu sempre fui apaixonado pelo Saboó e, nos cinco anos em que vivi em São Roque, não me cansava de ficar admirando o seu vulto, de dia ou à noite. Lembro-me, até, da silhueta das árvores que ficavam na crista da elevação.

Fiquei triste quando os alunos mais velhos organizaram uma expedição ao Saboó e os padres não permitiram que os Menores participassem.

Mesmo depois de ter saído do Seminário, voltei muitas vezes à estradinha que ligava São Roque a Araçariguama, parando para rever o Saboó, que tantas recordações me trazia. Fiz isto durante muitos anos, embora não ousasse entrar na área do nosso velho colégio. Só retornei ao casarão depois que passei a frequentar a Turma do Ibaté, que reúne os exseminaristas daquela Casa, e fui levado aos encontros bianuais que, até hoje, ali realizamos. Essa minha volta, inúmeras vezes, sozinho, à estrada do Ibaté, sem nunca ter ousado subir a ladeira que leva ao prédio do nosso Seminário, é algo que talvez devesse ser melhor analisado, possivelmente por um especialista em estudo do comportamento humano. E a influência, até hoje, do Saboó, sobre todos nós, também. As marcas no corpo podem desaparecer com o tempo. As gravadas na alma costumam durar para sempre, sejam boas, sejam ruins.

Se tivesse que escolher um nome para o nosso internato, eu o chamaria de Seminário do Saboó. Aliás, no meu tempo, nos primeiros anos de vida do nosso Seminário, não se dava muita importância ao nome Ibaté. Falávamos muito mais em Seminário de São Roque.



(O Saboó visto da estrada que liga São Roque à rodovia Castelo Branco)

Uma característica interessante dessa elevação é que, vista de longe, costuma mostrar um topo arredondado, como se fosse um crânio. Contudo, chegando perto ou subindo ao alto, vê-se que o Saboó é bicudo, pontudo.

O nosso guardião, contudo, em nada contribuiu para desvirtuar o nosso primeiro retiro espiritual. Pelo contrário, aqueles momentos de silêncio caminhando de um lado a outro do pátio, meditando, eram sempre propícios para melhor se contemplar o Saboó e sonhar. Vale observar que, nos primeiros anos de nosso Seminário, antes de ser construída a ala onde ficam a capela nova, o salão de estudos e o anfiteatro, tínhamos muito mais espaço para desfrutar a vista do Saboó e de toda a região circundante. O fracasso do primeiro retiro, porém, teve como verdadeiro culpado o barranco de terra amarelada e branca, que ficava nos fundos do pátio de recreação. Dos novatos, muitos passamos os três dias de "retiro" dedicando-nos ao "artesanato", confeccionando bonecos, casinhas de barro, labirintos e outras brincadeiras que costumam ser feitas com terra, areia, argila, tagarelando inclusive, pois nada era feito no silêncio recomendado por Santo Inácio de Loiola, o criador dos Exercícios Espirituais. Na realidade, o retiro foi uma boa diversão para os novos seminaristas, que apenas nos intervalos de seus folguedos se dedicaram a meditações e orações. Os alunos do Admissão gostaram muito e, ao final de três dias, foi com surpresa que recebemos a notícia de que havíamos nos comportado muito mal. Não me lembro de muitos pormenores dos demais retiros, mas, este ficou registrado para sempre.

A tagarelice durante o retiro serviu para nos entrosarmos e fazermos as primeiras amizades. Aos poucos fomos nos enturmando.

Estes são os alunos de 1949, ano de fundação do Seminário, segundo relação obtida por colegas junto ao Arquivo Dom Duarte Leopoldo e Silva, da Cúria Metropolitana de São Paulo:

ADMISSÃO

- 1. ADEMAR NOBRE DENIGRIS
- 2. AFONSO FERREIRA BRITO
- 3. ÂNGELO DE CÂNDIA NETO
- 4. ANTÔNIO GLAIR SANTARNECHI

- 5. ARY JOLY
- 6. ATTILIO BRUNACCI
- 7. CARLOS ERNESTO BOLLINI DE CAMPOS
- 8. DAVID DE MORAIS
- 9. DOMINGOS ÂNGELO LAMMOGLIA
- 10. DORIVAL APARECIDO DE MORAES
- 11. DURVAL DE ALMEIDA
- 12. ÊNIO BRAGAGNOLLI
- 13. FERNANDO SCARLET
- **14. JORGE DE NICOLAU**
- 15. JOSÉ ALOYSIO AGNELLO
- 16. JOSÉ LUI
- 17. JOSÉ ROMEU TEIXEIRA
- 18. JURANDIR MENTA DE CARVALHO
- 19. LUIZ MUCCIOLO
- 20. MARCOS TARCÍSIO MASETTO
- 21. OSCAR PRANDINI
- 22. OSVALDO GIUNTINI
- 23. PAULO FRANCISCO DA COSTA AGUIAR TOSCHI
- 24. RUDNEY URIZZI GARCIA
- 25. WALDEMAR CALDIN

PRIMEIRA SÉRIE "A"

- 1. ÂNGELO PALÁCIO
- 2. ANNÍBAL POTY DE SOUZA
- 3. ANTÔNIO CARLOS BARRA
- 4. ANTÔNIO JOAQUIM DE MORAES
- 5. ANTÔNIO MARIANO GOMIDE RIBEIRO
- 6. DARCY CASAGRANDE
- 7. DIORESTE LUIZ DE SOUZA
- 8. EDGARD MARIA EGUCHI
- 9. EUSÉBIO JOSÉ DE MIRANDA
- 10. FERNANDO ESP.SANTO ALVES MATOS
- 11. HAMÍLTON JOSÉ BIANCHI
- 12. JOSÉ MARIA BOLLINI DE CAMPOS
- 13. JOSÉ MOLINA JR.
- 14. JOSÉ PAULO GIANINI
- **15. JOSÉ RIVELLI**
- 16. LUIZ PEDRO ARAÚJO
- 17. MARCOS PELLIZARI DE SOUZA
- 18. MÁRIO POLESI
- 19. NATAL DE MARCHI
- 20. PAULO OLIVEIRA LEITE GONÇALVES
- 21. SEVERINO CARRETEIRO FILHO

PRIMEIRA SÉRIE "B"

- 1. ALBERTO AGUILLAR SANCHES
- 2. ALCIDES PASCHOALOTTO MOINO
- 3. ARIOVALDO FERRARI
- 4. AURÉLIO JOSÉ VIEIRA DE MORAES
- 5. DANIEL CHAGAS
- 6. EDIGARD FERRÁS MACHADO
- 7. EDMUNDO DA MATTA
- 8. GUIDO CHAGAS
- 9. HENRIQUE AUGUSTO BERNARDO PRETO
- **10. JAIR EVRO RAVAIOLLI**
- 11. JOÃO HELEUSE NOGUEIRA MARTINS

- 12. JOAQUIM BARBOSA DE OLIVEIRA
- 13. JOSÉ ALATUINFAN DE OLIVEIRA GOMES
- 14. JOSÉ VITOR ALVES NETO
- 15. LOURENÇO MEDEIROS FERNANDES
- **16. LUIZ CARLOS MARTINS**
- **17. MÁRIO CAROLLO**
- 18. MAURÍCIO BORBA
- 19. ROBERTO PAULETTI
- 20. SÉRGIO ALEXANDRE FIORAVANTE
- 21. VICENTE ÁGUITO SALOTTI

SEGUNDA SÉRIE

- 1. ANTÔNIO DA SILVA MACHADO
- 2. ASDRÚBAL ÂNGELO BARUFFALDI
- 3. CELSO BISSOLI
- 4. DEUSDEDIT LEÃO DA SILVA
- 5. FÉLIX ZEBINO DE ARAÚJO
- 6. FERNANDO JOSÉ PENTEADO
- 7. FRANCISCO FIERRO JR.
- 8. ISAÍAS LUIZ DA SILVA
- 9. JOSÉ DE MELLO JUNQUEIRA
- 10. JOSÉ LUIZ MARIANO GOMIDE RIBEIRO
- 11. JOSÉ PEDRO COSTA
- 12. KLÉBER SEBASTIÃO SILVA
- **13. LUIZ FURLANETO**
- 14. MÁRIO FERNANDO PIRES DE MOURA
- **15. MAURO DE MACEDO**
- **16. NÉLSON ESTEVES SAMPAIO**
- **17. OTO MELO**
- 18. ZEFERINO DE SOUZA COELHO

TERCEIRA SÉRIE

- 1. ALFREDO BARBIERI
- 2. ALMIR PESSOA CÉSAR
- 3. DARCY CORAZZA
- 4. JOÃO DOMINGOS DOS SANTOS
- 5. JOSÉ MARIA PEREZ FERREIRA
- 6. JOSUÉ SILVA LEITE
- 7. LAERTE VIEIRA DA CUNHA
- 8. LUIZ FERREIRA BRITO
- 9. OSWALDO MANOEL DE OLIVEIRA
- 10. TARCÍSIO FRANCISCO DA SILVA
- 11. VALDEMAR CORREA
- 12. WALMIR GOMES DA SILVA

ALUNOS DE 1949 CUJAS CLASSES NÃO FOI POSSÍVEL DEFINIR, MUITOS DOS QUAIS POR NÃO TEREM RETORNADO NO ANO SEGUINTE. ALGUNS FORAM SAINDO NO DECORRER DO PRÓPRIO ANO DE 1949

- 1. ANTÔNIO CARLOS DE ANDRADE
- 2. ANTÔNIO CARLOS VAZ
- 3. ANTÔNIO MASSAIA
- 4. ARMANDO DÓNOLA
- 5. ARNALDO MOURA BELLOUB
- 6. BENEDITO PAULO DE MELLO
- 7. CALIL NICOLAU
- 8. FRANCISCO RIBEIRO DE ARAÚJO
- 9. HERMINIO LÁZARO BRIDI
- 10. JOSÉ ABRANTES DA SILVA
- 11. JOSÉ BRANCO ZUGLIAN

- 12. LINO DO AMARAL GERMANO
- 13. LUIZ AUGUSTO MARCONDES CARVALHO
- 14. MAURÍCIO GÓIS
- 15. PAULO ROCHA CAMARGO
- **16. RUI DE OLIVEIRA E SILVA**
- **17. SÍLVIO SCHIRATTO**
- **18. WALDEMAR RUIS MIRANDA**

A lista completa indica 115 alunos em 1949. Destes, em levantamento feito após o Encontro que realizamos em 2019, 53 já haviam falecido. Restavam 58 fundadores, todos com idade mínima de 80 anos, alguns já perto dos 90. Eu estava para completar 82 anos. Talvez sejam bem menos de 58, pois, com muitos deles, não foi mais possível ter contato, ignorando-se os que já faleceram.

Colegas como o Durval de Almeida (de Itu) e o José Vítor Alves Neto (de Jundiaí) foram amizades que começaram a crescer desde esse passatempo de escavação do barranco, desde a época do nosso primeiro retiro. Passaram a ser bons camaradas, bem como o Osvaldo Giuntini. Fui, aos poucos, conhecendo mais meus colegas de classe e os alunos da minha recreação, muitos dos quais, como o Attilio Brunacci e o José Lui, são, até hoje, de convivência frequente e mais enraizada. O Durval de Almeida ordenou-se, progrediu na carreira eclesiástica e, como Monsenhor, foi o pároco, por muitos anos, da igreja principal da cidade de Itu, a de Nossa Senhora da Candelária. Quando atingiu a idade compulsória de aposentadoria eclesiástica, continuou trabalhando em uma outra paróquia daquela cidade. Dizse emérito aquele que abdica de suas funções sacerdotais, seja padre ou bispo. E o é, com muito mérito. O Giuntini ordenou-se padre, sagrou-se bispo e passou a viver em Marília, tornando-se muito difícil revê-lo. É nos jantares mensais da Turma do Ibaté que tenho oportunidade de desfrutar o convívio de vários outros colegas desse tão precioso passado. E tais jantares nos aproximam também de seminaristas ibateanos queridíssimos, que viveram ou não os mesmos anos de Ibaté que eu vivi. Melhor seria que a Turma do Ibaté se chamasse Irmandade do Ibaté, pois é isto que somos todos: verdadeiros irmãos.







(Dom Osvaldo Giuntini) (Mons. Durval de Almeida)

(Eu, Attilio Brunacci e José Lui)

O retiro espiritual era uma ocasião especial de meditação e de orações. Contudo, rezar era apenas um dos quatro itens que compunham de forma marcante o nosso dia-a-dia: oração, estudo, silêncio e jogos.

De fato, sobrava muito pouco tempo para conversa fiada. Tínhamos, ao todo, pouco mais de duas horas por dia para conversar com os colegas: quinze minutos no intervalo após as primeiras aulas da manhã; outros quinze minutos na parte da tarde; quarenta minutos após o almoço (mas era obrigatório praticar vôlei ou pingue-pongue); e quarenta minutos após o jantar. Creio que, após o café da manhã, também tínhamos alguns minutos de folga, mas, não passavam do tempo suficiente para um pipi, antes de darmos início ao expediente diário. Nos dias em que não havia aulas, o espaço aberto para conversas era bem ampliado. Por incrível que pareça, as horas de aulas eram o momento adequado para se quebrar um pouco o rigor do

silêncio, pois alguns professores faziam vista grossa para alguma ligeira e leve indisciplina. Nunca esquecer que os padres, nossos professores, eram ex-seminaristas e, portanto, sabiam muito bem como era dura a vida dos meninos dos seminários menores, cuja adolescência era mutilada pelo rigor tridentino. Cabe acrescentar que as refeições eram tomadas em silêncio, salvo poucas exceções, como veremos.

Como já disse, o ensino nos seminários menores não tinha a aprovação oficial do Ministério da Educação, embora fosse muito bom. Somente quando eu já estava para deixar o Ibaté surgiram notícias de providências visando essa legalização. Todavia, principalmente no interior de São Paulo e do Brasil, era comum meninos irem estudar em seminários, pois, lá, se aprendia. À parte de escolas públicas e particulares, os seminários eram uma excelente alternativa. E, ainda, era possível usufruir o patrocínio das Obras das Vocações, existentes em muitas paróquias, que bancavam os custos da estada nos seminários. Por não ser oficial o ensino, os professores não precisavam preencher os requisitos dessa profissão e, assim sendo, praticamente todos eram padres formados dentro dos currículos eclesiásticos, que não tinham recebido uma formação especial como educadores escolares. Simplesmente eram designados para ensinar o que tinham aprendido muito bem, ao seu tempo. Muitos, tão logo ordenados, eram designados professores, o que não deixava de ser uma frustração para eles, pois, até então, haviam conduzido suas vidas pensando em exercer o ministério sacerdotal em atividades voltadas aos fiéis. Outros de nossos professores tinham saído de paróquias, onde eram coadjutores ou até vigários. Era bom para os seminaristas que os professores fossem os padres, porque os mestres tinham bem presentes as agruras da vida em seminários e, assim sendo, procuravam ser camaradas conosco. Com o temperamento do nosso Padre Ministro, durão na condução da disciplina, no meu tempo, só havia mais um professor, o Padre Luis Gonzaga de Melo Camargo, sobrinho do meu padrinho, o Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo, sendo ambos de Itu. Na verdade, o meu vigário era de Cabreúva, mas os Camargo tinham suas raízes em Itu, assim como os Silveira, também aparentados dos Delboux, sobrenome de colegas que frequentaram o nosso seminário. O Décio da Silveira Delboux, ituano, sobrinho de meu padrinho, foi casado em primeiras núpcias com uma prima minha, de nome Adelaide Toschi Pacheco Delboux.





(Concílio de Trento – Wikipédia)

O Concílio de Trento, um dos mais importantes havidos na Igreja, ocorreu de 1545 a 1563, mas, suas decisões e suas regras prevaleceram e ainda prevalecem como da maior relevância para a Igreja de Roma. No que diz respeito aos seminários, estes foram oficializados na Igreja por esse Concílio e suas regras rígidas valeram até o Concílio Vaticano II, que foi concluído em 8 de dezembro de 1965. Até então, no mundo todo, os seminários menores e maiores funcionaram de modo muito semelhante, dentro das diretrizes conciliares. Esse Concílio, como é sabido, pretendeu ser uma resposta da Igreja à Reforma Protestante. Embora, em Trento,

ficasse condenada a venda de indulgências, que foi um dos principais argumentos de Martinho Lutero para protestar e separar-se, o Concílio deixou claro que a salvação das almas se dava pelas obras praticadas, não só pela fé, como queria o monge protestante. Em Trento, a missa foi reafirmada como da maior importância, assim como o culto a Maria, a Virgem mãe de Jesus. Foi confirmada a infalibilidade do Papa quando se pronuncia oficialmente em questões de doutrina e de moral. Estabeleceu-se como obrigatório o celibato do clero, até hoje em vigor na Igreja romana. Não acredito que viverei o suficiente para ver a Igreja livre desse tabu, a meu ver uma aberração injustificável. Vários alunos de São Roque que chegaram ao sacerdócio deixaram de exercer o sagrado ministério, por não concordarem com essa restrição. O Concílio de Trento também traçou normas sobre os sete sacramentos, tendo definido como indissolúvel o casamento. E medidas foram anunciadas visando o fortalecimento da unidade católica e da hierarquia. Confirmou-se a existência do purgatório. Hoje, a tendência é mais de se entender por purgatório uma etapa de reparação a ser percorrida pelo espírito, antes de alcançar inteiramente o estado celestial que conquistou, mais que um local de expiação. Aliás, essa é uma dúvida que eu sempre tive: o Céu é um local? Onde fica? Jesus subiu ao Céu na presença dos Apóstolos. Maria, crê-se que foi levada ao Céu pelos anjos. O profeta Elias teria subido ao Céu num carro de fogo. O Céu é um lugar físico? Como corpos físicos tal o de Jesus, tal o de Maria, podem estar onde não seja um espaço físico, um lugar determinado? Jesus subiu ao Céu e está sentado à direita do Pai. Isto é físico? Não? Mas, o corpo ressuscitado de Jesus não é físico? E o de Maria? No fim dos tempos haverá a ressureição dos mortos. Onde os corpos dos ressuscitados viverão? Que a alma viva num espaço tão somente espiritual é fácil entender. Mas, corpos?! Os concílios deixaram claro que os corpos levados ao Céu são de carne e osso. Uma coisa que eu sempre tive muito presente é que o Deus em quem eu acredito não é exatamente igual ao Deus em quem você, meu eventual leitor, acredita. O Deus em quem o Papa Francisco acredita não deve ser igual ao Deus em quem o Papa Bento XVI acredita. Todos, porém, acreditamos em Deus Pai Onipotente, criador do Céu e da Terra, das coisas visíveis e as invisíveis.



Falarei mais adiante sobre a forma organizada em que ocorriam as conversas após o jantar. Por enquanto, o nosso assunto é a oração.

Começava aos pés da cama, no momento em que acordávamos. Assim que o sino pontuava sua primeira intervenção antipática do dia, vinte minutos antes das seis horas, pondo fim aos sonhos dos que ainda dormiam, pondo fim aos sonhos dos que já haviam acordado, tínhamos que trocar rapidamente a calça do pijama pela do uniforme, ainda embaixo das cobertas, pois era vedado fazer isto à vista de todos os companheiros. Pulando da cama sem perda de tempo, trocávamos o paletó do pijama pela camisa do uniforme, primeiro um braço, depois o outro, pois era proibido ficar com o tronco nu na presença de todos os companheiros.

Fico imaginando qual terá sido o efeito dessa aparentemente sem importância medida, na cabeça de outros meninos pré-adolescentes ou já adolescentes, colegas meus, precisando esconder de seus companheiros um simples ato de trocar uma calça de pijama por outra do uniforme, de trocar um paletó de pijama pela camisa a ser usada no resto do dia. De ter que jogar bola com a calça comprida do uniforme. De ter que ir e voltar da piscina com a roupa do dia-a-dia sobre o calção de banho. Na verdade, consciente ou inconscientemente, esses atos de extremo recato acabaram provocando, pelo menos em mim, um efeito psicológico negativo. Realçado, por exemplo, pelo contrastante que vivi quando, pela primeira vez, como exseminarista recentemente desligado daquele convívio, e como novo sócio do Clube de Regatas Tietê, descobri que os homens, com a maior naturalidade e sem minhoca alguma na cabeça, tomavam banho todos juntos, num salão cheio de chuveiros, sem qualquer cabine que os

isolasse dos demais, e que, finda a ducha, iam tranquilamente até seus armários, nus, expondo todas as suas partes, com a maior naturalidade e despreocupação, sem que nenhum estivesse atento aos atributos físicos dos demais frequentadores do recinto. Este contraste vivido por mim é um bom retrato de quanto medidas aparentemente inocentes, aparentemente puras, aparentemente sadias, do seminário menor em que vivi, podiam fazer mal ao psicológico de quem foi tolhido de ter uma evolução de vida dentro dos parâmetros de normalidade correspondentes ao demais rapazes da mesma idade. Não posso responder pelos meus colegas que também deixaram a vida de seminaristas, mas, para mim, os anos vividos no seminário menor produziram efeitos e deixaram marcas que prejudicaram muito os longos anos que já vivi longe daquela casa. Efeitos sobre todos os aspectos de ordem psicológica e comportamental, não só os comentados, não tanto quanto a questões relacionadas a sexo, namoro, casamento, mas, talvez, mais relevantes tenham sido os prejuízos de outras ordens, inibindo minha iniciativa comportamental nas questões de profissão, carreira, estudos, pouco sabendo ir em busca das oportunidades que a vida oferece, etc. Na verdade, ao escrever este pequeno livro, meu objetivo foi este. Foi chamar atenção para isso. Talvez, na primeira publicação deste quase diário, eu não tenha conseguido deixar claro esse propósito. Faço-o agora.

Voltemos ao nosso despertar das 5:40h da manhã. Estávamos falando da troca do pijama pelo uniforme. A essa altura o Padre Ministro já vinha chegando ao dormitório, objetivando encontrar todos ajoelhados, para a primeira oração. Eu nunca soube se era ele quem soava o sino, lá no térreo, no pátio, subindo em seguida ao nosso dormitório, ou se era o sineiro que, acordado pelo despertador, mais cedo que os outros, descia ao térreo para sua primeira missão. Rezávamos o Angelus, aos pés de nossas camas, com suas ave-marias. Só então estávamos liberados para irmos à toalhete e fazermos a higiene matinal. A seguir, em fila, íamos para a Capela, onde tínhamos a meditação e a missa. Quando, após a ginástica, íamos tomar o café da manhã, rezávamos uma breve oração, antes e depois dessa refeição. No salão de estudos e nas salas de aula, no início e no fim de cada sessão, orávamos. Nos dias de provas, era invocado o Espírito Santo, com o "Veni Creator Spiritus". Antes e depois do almoço e do jantar, tínhamos as rezas "ante prandium" e "post prandium". Íamos à capela várias vezes, durante o dia, enturmados, para o terço, para o exame de consciência, para a leitura dos evangelhos e, à noite, antes de dormir, voltávamos a nos reunir aos pés da imagem de Nossa Senhora, para as orações derradeiras da comunidade e a fixação do tema da meditação do dia seguinte. Tínhamos a recomendação de ir pensando nesse tema, até adormecer. Não sou capaz de imaginar quantos realmente seguiam essa prática. Eu, que me lembre, costumava, nesse momento de íntimo sossego, ficar recordando, com saudades, a minha vidinha de menino, no bairro da Bela Vista, que nunca mais iria se repetir. A leitura dos evangelhos começava, no início do ano, com o primeiro capítulo de São Mateus. A cada dia, um capítulo inteiro, fosse curto ou longo. Depois vinha São Marcos, seguido de São Lucas e de São João. Não eram lidos os Atos dos Apóstolos, as Epístolas nem o Apocalipse. Terminado o último capítulo de São João, voltávamos ao primeiro de São Mateus. O seminarista menor, ao longo dos sete anos de seminário menor (admissão mais seis anos, no meu tempo) ficava bem familiarizado com o conteúdo dos evangelhos.

Muita gente não sabe, mas, o Ano Litúrgico é diferente do Ano Civil. Este, inicia em 1 de janeiro e termina em 31 de dezembro. O Ano Litúrgico começa no 1º domingo do Advento e termina no sábado em que se comemora a festa de Cristo Rei. Para efeito da leitura dos Evangelhos, os anos são classificados em A, B e C. Nos anos A, na missa, lê-se um trecho do Evangelho de São Mateus. Nos anos B, de São Marcos. E, nos anos C, de São Lucas. O Evangelho de São João é lido em dias de festa especiais. Antes dos Evangelhos, é feita uma leitura do Antigo ou do Novo Testamento, nos dias comuns, e são duas leituras, nos domingos e em festas especiais. Para efeito dessas leituras, há uma divisão entre anos ímpares e anos

pares. E o ano é dividido em tempos: Advento, tempo de Natal, tempo Comum, tempo de Quaresma, Tríduo de Páscoa, tempo de Páscoa e, novamente, tempo Comum, até o próximo Advento.

Geralmente, era o Padre Diretor Espiritual quem pregava a meditação e celebrava a missa. De vez em quando, outro dos padres da casa assumia essa função. Naquele tempo, ainda não havia os livrinhos de liturgia diária, hoje em uso em todas as igrejas. Tínhamos o nosso missal e o Manual do Seminarista.





(fotos da internet)

A oração estava presente ao longo de todo o dia. Muitos, nas filas silenciosas em que nos deslocávamos coletivamente pelo prédio, rezavam o terço. Os mais fervorosos, ainda, durante os recreios, encontravam sempre uns minutinhos para irem até à Capela, para uma reza particular. Eu nunca fui. Havia colegas, no meu tempo, que eram considerados "santinhos", por suas demonstrações de piedade. Nem todos, porém, chegaram ao sacerdócio ou neste permaneceram, o que mostra que as escolhas do Espírito Santo nem sempre coincidem com as expectativas de nós, pobres mortais.

Em meio a tanta religiosidade, ainda tínhamos, todos os meses, uma manhã de recolhimento, um meio-retiro, para reforçar a reflexão e a ligação com o mundo espiritual. Um dos padres era o pregador. Nos retiros mais longos, no meio do ano, de três dias, muitas vezes, eram convidados oradores de fora. Dom Antonio Maria Alves de Siqueira, sempre de ar muito severo, era um orador profundo, penetrando o âmago de nossas almas. Grande devoto de Nossa Senhora, talvez devamos a ele o nome de nossa instituição: Imaculado Coração de Maria. Ouvir um sermão de Dom Antonio, de mais de hora, logo depois do almoço, numa capela mal iluminada e com pouca ventilação, era um verdadeiro tormento, uma luta com as pálpebras para estas não se fecharem.



(Dom Antonio falando a congregados marianos; foto: exemplar da coleção de meu pai, mas, já vi outra cópia na internet)

De vez em quando, o vigário de São Roque comparecia durante os retiros, para ouvir confissões, dando assim oportunidade para termos o aconselhamento de um sacerdote não ligado à nossa comunidade. Foi vigário de São Roque o Frei João, carmelita, que, muitos anos mais tarde, tendo optado a continuar seu ministério sacerdotal como padre secular, com o seu nome civil de Padre Mario Ranaldi, veio a ser o titular da igreja do meu bairro, em São Paulo, onde faleceu enquanto rezava a missa. Era um verdadeiro santo. Antes da igreja do Divino Espírito Santo da Bela Vista, ele já tinha sido pároco na igreja de Santa Terezinha, na Rua Maranhão, no bairro de Higienópolis.

Essa ida periódica de um confessor externo era muito importante, pois muito pecadilho de seminarista era fruto de indisciplina miúda e, apesar do sigilo da confissão, era bem mais confortável, para os alunos, contar certas coisas para um padre de fora, não para os professores da casa. Entenda-se o mesmo, quanto a outros pecados mais graúdos que pudessem cometer. Não que os houvesse muito graves. Claro está que o Padre Constantino nunca foi confessor de ninguém. Penso, até, que teria sido uma boa ideia, no entender dos mal comportados, porque o padre, sob pena de excomunhão, é obrigado a guardar segredo de tudo o que ouve em confissão. Assim, ele não poderia tomar medidas disciplinares, caso ouvisse no confessionário falhas de comportamento.

Ainda como prática religiosa, havia as reuniões mensais do círculo literário, onde os alunos tinham por obrigação apresentar uma poesia sobre Nossa Senhora. Tínhamos o círculo literário, para os principiantes, e o grêmio literário, para os mais adiantados. A biblioteca do Seminário, na minha época, era muito pobre em livros e logo se esgotaram os versos marianos disponíveis. Quando chegou a minha vez, não encontrei nada que já não tivesse sido apresentado. Como "quem não tem cão caça com gato", não tive dúvidas: inventei um pseudônimo (Eduardo Caiapó) e apresentei à censura prévia do Padre Espiritual a poesia que eu iria recitar (de minha autoria). Lembro-me muito bem, ainda, da expressão de gozação do Padre Paschoal Amato, quando se referiu àquele "autor" com sobrenome de índio, que ele "desconhecia". Lançou um olhar comprido, inquisidor, mas, eu não me dei por achado.



(índio caiapó – foto do Pinterest)

O Padre Paschoal Amato aprovou minha poesia e eu a li para os colegas, na reunião do círculo literário. Não chegou a ser um sucesso, mas cumpriu sua finalidade. Pena que eu não tenha guardado cópia. Recordo-me que os versos falavam de um sino badalando, num campanário, ao final da tarde, na hora da Ave Maria. Nunca mais me aventurei a fazer poesias. Tínhamos, porém, excelentes poetas e escritores, muitos dos quais, hoje, fazem parte de academias de letras de várias cidades. Nosso bi mensário Echus do Ibaté traz, sempre, trovas e sonetos de um Jurandyr Amadi, de um Alfredo Barbieri, de um Joel Barbieri e artigos de muitos outros colegas de todos os tempos do nosso seminário. Vários livros já foram publicados por respeitáveis escritores, muitos dos quais, no Ibaté, se dedicavam à elaboração

de diários que são preciosidades sobre nossa história como levitas. Mereciam ser publicados por seus autores.



(Av. Nove de Julho – foto de AG Jornalismo, obtida na internet)

Aquela minha poesia teve melhor sorte que o trabalho sobre a Avenida Nove de Julho que eu apresentei em outra reunião literária, dias antes de sair do Seminário, em 1953, cujo crítico não gostou muito do seu conteúdo e fez um discurso desfavorável, desconhecendo as circunstâncias em que o escrito estava sendo apresentado. Se ele adivinhasse o conteúdo do último capítulo deste livro, poderia saber que circunstâncias foram aquelas e que não estava em jogo o trabalho literário em si, mas, uma "guerrinha" com o nosso querido Padre Ministro, hoje lembrado com saudades e carinho por mim e por quase todos nós. Vou repetir várias vezes, aqui neste livro: o Padre Constantino, o futuro Dom Constantino Amstálden, Bispo de São Carlos, foi exageradamente disciplinador, tendo cometido, sim, injustiças. Porém, sem ele, o Seminário do Ibaté não teria sido o que foi, para todos nós. Ele era, sim, o pai que deixamos em casa e que nos fazia tanta falta. Cuidava de todos nós com desvelo. Só que era um pai sem saber controlar suas emoções diante de pequenas faltas, tomando medidas extremamente exageradas, muitas vezes injustas e irreversíveis, por motivos, muitas vezes, banais e sem relevância. Ceifou muitos candidatos a operários da messe do Senhor, expulsando-os sumariamente. Arrependeu-se. Num dos encontros que a Turma do Ibaté costuma realizar, a cada dois anos, em nosso antigo seminário, ele, já bispo da diocese de São Carlos, compareceu e publicamente pediu perdão pelos seus exageros. Deus deve ter dado atenção prioritária a tudo o que ele fez de bom e, misericordioso, enxergou as boas intenções daquilo que o bom padre fez com descabido exagero. Sua perene "penitência" há de ser receber, com emoção e carinho, cada um dos seus pupilos que vão se apresentando ao Pai Eterno. Carinho e zelo que nunca lhe faltou. Só dos alunos do ano de 1949 já se foram 53 (até novembro de 2019), dos 115 que inauguraram o Seminário. O bispo faleceu em 1997, devendo, portanto, ter precedido à maior parte dos 53 que já se apresentaram à mansão celeste. Muitos alunos de anos posteriores a 1949 também já faleceram, o que eleva significativamente os dados acima registrados e aumenta a "penitência" do nosso amado Padre Ministro. Espero que não me receba com aquele olhar severo e com aquele apito, por conta das críticas que lhe faço neste opúsculo.

O momento de maior emoção religiosa, na minha opinião, estava na "Hora do Angelus", comemorada todo sábado, no final do recreio que se seguia ao jantar. O Padre Constantino colocava na janela do seu quarto aquele seu enorme alto-falante (presença obrigatória nos melhores momentos do Seminário), tocando inesquecível música erudita mariana, pano de fundo de uma recitação feita por um aluno dos mais adiantados, enaltecendo a Virgem Nossa Senhora e convidando à prece. Esse momento sempre me comoveu e é a recordação que eu gosto de ter daquele bem intencionado e zeloso sacerdote. Também preciso dizer aqui que era edificante ver o nosso Padre Ministro rezando o breviário ou o terço, andando, de um lado para outro, nos corredores de nosso prédio. E, quando lhe cabia pregar a meditação matinal, fazia

com muita devoção. A Ave-Maria que ele tocava não era a de Gounod. Muitos não sabem que essa maravilhosa música, no passado, estava proibida de ser executada nas igrejas, porque Gounod não acreditava que Maria fosse a Mãe de Deus, razão pela qual, em sua Ave-Maria, não existe o "Mater Dei". No momento dessa invocação, na oração mariana, Gounod fica repetindo: "Sancta Maria, Maria, Maria" e não inclui o "Mater Dei". Depois de muito tempo, a Santa Sé liberou, para serem tocadas nas igrejas, as músicas eruditas. E é como música erudita e não como música sacra que a Ave Maria de Gounod é tocada, principalmente nos casamentos religiosos.



(o Saboó)

CAPÍTULO 3 ESTUDO E RECREAÇÃO

Não só de oração era a vida no Seminário. O estudo era a segunda atividade, sempre presente no dia-a-dia do seminarista. Sobrava pouco tempo para a recreação.

Tínhamos aulas de manhã e à tarde, de quarenta a cinquenta minutos cada, exceto nos domingos e nas quintas-feiras ou dias feriados. Os sábados não eram dias de folga. Além das aulas, tínhamos períodos de permanência no salão de estudos, repartidos entre de manhã, à tarde e à noite. Mesmo nos feriados e férias gozadas no seminário havia horas de permanência no salão de estudos, embora no regime de Estudo Livre, quando podíamos nos dedicar a atividades de lazer, como ler, escrever, trabalhos manuais, etc. Porém, em silêncio e sob vigilância.

Como eram muito poucos os momentos diários de recreação, pode-se dizer que, quando não estávamos rezando, estávamos estudando.

Silêncio, muito silêncio, durante a maior parte do dia, o que resultava em uma explosão de alegria, nos momentos de recreação. Para azar de um colega nosso, cujo nome vou poupar, este foi sumariamente expulso do seminário tão somente porque, na hora de sermos liberados para o recreio, estando todos em formação, cada recreação ao seu canto do pátio, quando o Padre Ministro pronunciou o "Benedicamus Domino", a expressão código que significava "estão todos liberados", respondeu o "Deo Gratias" com muito entusiasmo, pulando e gritando. O Padre Constantino, vermelho, agitado, nervoso, simplesmente silenciou a todos, com o seu estridente apito assoprado com vigor, e, rispidamente determinou: "-Pode subir e arrumar sua mala, você está expulso do Seminário!". Tolhia uma vocação, um chamamento divino, com um simples destempero de humor. Até as refeições eram tomadas em silêncio, acompanhadas as principais de leituras feitas por um dos alunos, dos mais velhos, que permanecia de pé, diante de um suporte de livros de pé alto, em cuja bandeja estavam os livros a serem lidos no almoço ou no jantar. No almoço, eram leituras de aventuras, como Julio Verne e, de modo marcante, o Winetou, de Karl May. No jantar, geralmente, a leitura era de livro de cunho religioso,

contendo a história de um determinado santo, por exemplo. Terminada essa refeição, era lido o Martirológio Romano, com a lista dos santos a serem comemorados no dia seguinte. Há sempre um santo de maior destaque, cuja festa, geralmente, corresponde ao dia de sua morte. Porém, além desse, vários outros santos costumam fazer parte da comemoração diária. Antigamente, tal livro enunciava apenas os mártires, dizendo seu nome e o local onde haviam sofrido o martírio. Com o tempo, foram sendo introduzidos os diversos santos e beatos a serem festejados, independentemente de serem mártires. Mas, o nome do livro permaneceu sendo Martirológio Romano. É um livro oficial da Igreja, antiquíssimo, sendo primeiramente escrito apenas em latim. Em seminários maiores e conventos a leitura costumava ser feita em latim, que é a língua oficial da Igreja de Roma. Em São Roque, lia-se a tradução para o português. No livro oficial, em latim, que permanece existindo, a leitura é concluída com uma oração pelos mortos.

As missas, no meu tempo de seminário, eram celebradas em latim, com o padre no altar ou voltado para o altar, de costas para a comunidade, virando-se de quando em quando para um "Dominus Vobiscum" (o Senhor esteja convosco), a que todos respondiam "Et cum spiritu tuo" (e com o teu espírito, também). Tinham as missas sempre a comemoração de um santo ou de uma festa religiosa. Hoje em dia, considerados os dias de festas, prevalecem as missas do tempo comum, onde, nem sempre, há uma indicação de memória facultativa a ser celebrada. Recentemente, eu fui assistir a uma missa em latim, na igreja de São Bento, em São Paulo, celebrada por padre de uma facção tradicionalista da Igreja Católica, com observância de todos os costumes antigos, tal como no meu tempo de seminário. Confesso que, como instrumento de devoção e exercício de piedade, a missa atual, em português, é muito mais adequada. A antiga me pareceu um "repeteco" anacrônico de palavras que não induzem à religiosidade do ato. Mesmo para mim, que conseguia entender o significado das palavras em latim e dos textos bíblicos em que se inspiravam, tal missa na língua oficial da Igreja nada significou. Muito menos ver senhoras e moças com a cabeça coberta por um véu preto, todas usando um velho missal. Pior que tudo foi o sermão anacrônico de um celebrante enfurecido. Nada piedoso, no meu entender. Passei a gostar muito mais das missas em português e com o ritual hoje em uso. Em São Roque, a comunidade participava da missa logo cedo, após as orações da manhã e a meditação, esta pregada pelo Padre Diretor Espiritual ou um outro dos nossos professores. As freiras tinham capela própria e um dos padres ia celebrar missa para elas. Não sei dizer a que horas os demais padres da casa celebravam suas missas diárias, pois nunca fui convocado para servir como coroinha. Também nunca fui escalado para cuidar da sacristia.

Abrindo parêntesis: eu deixei o seminário quando já havia ultrapassado a metade do 4º ano, dos seis que, além do admissão, compunham o currículo escolar. Já fazia parte dos Médios, não mais dos Menores. No entanto, exceto quanto a cuidar, por todo um semestre, em mais de uma ocasião, das bolas esportivas e das redes de vôlei, inclusive organizando as listas dos times a disputarem os sucessivos torneios desse esporte, dentro da minha recreação, eu nunca fui escalado para outras atividades. Fui auxiliar do Prefeito, quando estava nos Menores, inclusive com a missão, que eu nunca exerci, de "anotar" os faltosos a serem punidos pelo Padre Ministro. Jamais fui "dedo duro" em toda minha vida. Mas, no Seminário, nunca fui escalado para ajudar as cerimônias litúrgicas, como coroinha; nunca fui convocado para participar das peças teatrais que eram apresentadas no palco então existente no fundo do refeitório; nunca servi no refeitório, como garçom dos demais colegas; nunca fui enfermeiro, sineiro ou encarregado de qualquer outra atividade; enfim, como todos os outros, nunca me encarreguei de faxina ou de qualquer atividade de manutenção, para as quais havia empregados contratados. Bem que eu gostaria de ter feito algumas coisas, privilégio dos Grandes. Uma delas seria apresentar, nos sábados à noite, na Hora do Angelus, algum trabalho sobre nossa Santa Mãe. O aluno escalado lia a sua composição, ao som da Ave Maria, transmitida pelo alto-falante do Padre Ministro. Os demais, em silêncio, no pátio do recreio, ouviam

devotamente o elogio mariano. Um momento bem edificante. Nossa oração predileta era o Sub Tuum Praesidium que, até hoje, quando nos reunimos, fazemos questão de cantar: "Sub tuum praesidium confugimus, Sancta Dei Genitrix. Nostras deprecationes ne despicias, in necessitatibus nostris. Sed a periculis cunctis libera nos semper, Virgo Gloriosa et Benedicta" – "Sob vossa proteção nós nos refugiamos, Santa Mãe de Deus. Não deixeis de atender às nossas súplicas, em nossas necessidades. Mas, de todos os perigos livrai-nos sempre, Virgem Gloriosa e Bendita". Esta é a oração mais antiga que se conhece, na história da Igreja, dirigida a Nossa Senhora. Em 1917, foi encontrado, no Egito, um papiro, com datação do século III, contendo essa invocação à Mãe de Deus. Adquirido por uma livraria pertencente a um protestante, somente em 1938 publicaram o seu conteúdo, pois, sabidamente, muitos protestantes não aceitam que Maria seja a Mãe de Deus, considerando-a, tão somente, a mãe carnal de Jesus, feito homem. O papiro do século III a denomina Mãe de Deus (Theotokos, em grego). Isto é importante, pois os protestantes consideram que o reconhecimento da Virgem Maria como Mãe de Deus foi uma criação do Concílio da Calcedônia, realizado em 451, que estabeleceu como dogma de fé essa crença. O papiro prova que a tradição vem de antes desse Concílio, vem dos primórdios da Igreja.



Nos cinco anos em que fiquei em São Roque, tive aulas principalmente de Latim, Português, Francês, Italiano, Inglês, Grego, Matemática, Religião, Coreografia, História do Brasil e Geral, História Natural e Ciências.

O ensino do latim e do português era muito bom. O italiano, nosso bom professor Padre Paschoal justificava ser necessário, porque ouviríamos muitas confissões de imigrantes italianos, que mal falavam o português. Creio que este não fosse o motivo principal. Mesmo porque, acredito, iríamos ouvir em confissão os netos desses imigrantes, apenas herdeiros de um leve sotaque e de algumas expressões, geralmente de gíria. Muitos de meus colegas, mais tarde, estiveram em Roma, frequentando cursos de pós-graduação e aperfeiçoamento, e devem ter tirado bom proveito dos ensinamentos de italiano do Seminário de São Roque. Este o principal motivo do ensino dessa língua, no seminário menor. Eu sou de família italiana, meu avô paterno era nascido em Sanza, na província de Salerno, no sul da Itália, porém, em minha casa, nunca se falou o italiano. E o bairro onde cresci fora fundado por portugueses e não pelo pessoal que passou a viver no Bixiga, embora a denominação de ambas as partes desse bairro fosse Bela Vista. Hoje, o bairro em que nasci se chama Cerqueira Cesar. Sou feliz, porque eu tenho bastante facilidade em dominar a língua italiana, graças aos ensinamentos do Padre Paschoal Amato.

O aprendizado de inglês era péssimo. Tive o mesmo professor para o latim e para o inglês. Se, na primeira língua, o Padre Constantino soube transmitir conhecimentos que foram de grande ajuda ao longo de toda minha vida, como apoio não só para o português como para matérias que dependem de raciocínio lógico, em inglês ele conseguiu criar um bloqueio tão grande que, até hoje, eu não soube resolver plenamente. Saí do Seminário sem qualquer base para o inglês. Entrei no Colégio, onde os alunos já tinham maior conhecimento que eu e isto criou um obstáculo difícil de transpor. Lembro-me de uma aula em que o nosso professor de inglês do Seminário disse literalmente o seguinte: -"Meu irmão, que é engenheiro e fala muito bem o inglês, disse que *tal palavra* se pronuncia *assim.*" Às vezes, fico pensando se teria sido bom aqueles padres terem aprendido um pouco mais de inglês, a língua de grande parte dos protestantes, para entenderem um pouco mais do pensamento religioso de outros cristãos, em vez de se apegarem às certezas de suas verdades, e não terem sofrido tão grande influência da penetração ou nascimento de seitas não católicas no país. Enfim, Deus sabe o que faz e muitas vezes escreve certo, por linhas tortas. Eu, particularmente, penso que o importante é ser

cristão. Duvido que, no interrogatório de admissão à eternidade, talvez feito por São Pedro, o porteiro celeste, haja distinção entre quem seja da religião A, da B, da C, etc. Hão de querer saber se eu amei a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a mim mesmo. Um detalhe: a gramática de inglês que usávamos tinha os textos explicativos em português. O Padre Ministro também foi meu professor de matemática. Porém, quando eu saí do seminário, o que eu já havia aprendido dessa matéria não correspondia ao que os colegas que fui encontrar no colégio já sabiam. Senti grande dificuldade em cursar os três anos do colegial, por conta dessa defasagem. Cheguei, mesmo, a ser reprovado, no segundo ano colegial, por conta das duas matérias que aprendi mal em São Roque: matemática e inglês.

É bem verdade que esse não foi o único motivo. Fatores de ordem psicológica e até religiosa estavam provocando em minha mente um turbilhão efervescente, ante o contraste entre minha experiência como seminarista e as novas vivências, primeiro como soldado, depois como colegial, ou seja, um contraste entre um menino preparado desde a tenra infância para uma existência de pudica religiosidade e que vivera o despertar da adolescência num seminário de características rígidas e enclausurantes e, de outro lado, um jovem totalmente inexperiente, em nítida desvantagem diante de seus pares, na nova vida civil, inclusive totalmente despreparado para a novidade de conviver o dia-a-dia com colegas do sexo feminino, numa época da vida onde o amadurecimento sexual fala tão alto e tanto exige. Desde que fui para o quartel e, depois, no colégio, cheguei, mesmo, algumas vezes, a viver momentos de grande desespero e frustração, sentimentos que podem nos levar a pensar em pôr termo a tudo, coisa felizmente superada, embora jamais haja me recuperado inteiramente dos estragos feitos em minha mente pelos meus primeiros quinze anos de existência. Pelas oportunidades que tive depois, inclusive na minha vida profissional, eu poderia ter alcançado um patamar muitíssimo superior ao que efetivamente concretizei, não fossem as limitações de arrojo que, pela vida pregressa, me foram impostas. Isto que ora introduzo nesta revisão talvez seja o que de mais importante eu tenha a dizer. Mereceria, talvez, um outro livro.

As aulas de francês também eram boas. De grego, não posso falar nada, pois só aprendi os primeiros passos do modo de expressão helênico no último ano em que lá estive, quando eu já estava com a cabeça voltada para outros objetivos. Eu, que fui um bom aluno em quase todas as matérias, consegui ser o pior aluno da classe, em grego, para desgosto do Padre José Colaço que, no dia em que soube da minha decisão de sair do Seminário, reclamou: -"Agora eu sei porque você não ligava para o grego". Só me restaram algumas frases da Ave Maria em grego, que eu até hoje repito. Encontrei o texto integral na internet, mas não mais consegui decorar. Ensinei o texto em grego à minha neta Giovanna, que o recita com eficiência, o que prova que a capacidade de decorar tem idade. Leio, todos os dias, nas minhas orações da manhã, os dons, as virtudes e os frutos do Espírito Santo. De modo algum consigo decorar, pois comecei a fazer isto depois dos 70 e tantos anos. Só sei de cor as virtudes teologais, Fé, Esperança e Caridade. Quanto aos dons, virtudes cardeais e frutos, faço uma confusão bem grande. Também, pudera: as virtudes humanas ou frutos do Espírito Santo estão especificadas na carta de São Paulo aos Gálatas (5, 22-23). Tenho três traduções da Bíblia: não são coincidentes e, para piorar, o CIC – Catecismo da Igreja Católica apresenta uma lista diferente, inclusive incluindo virtudes que o Apóstolo não especificou.

Das demais ciências exatas e humanas, saí prejudicado na matemática. No Seminário, eu havia aprendido a equação de primeiro grau. Quando deixei aquela casa, o estudo ainda não era reconhecido pelo Governo e eu precisei me submeter aos exames de adaptação que, mais tarde, ficaram conhecidos como exames de madureza, o famoso Artigo 99 da lei que veio a ser posteriormente promulgada. Tive que validar meus estudos correspondentes ao ginásio. Entrei, a seguir, num colégio estadual que, na época, era um dos melhores de São Paulo, o Colégio Estadual Presidente Roosevelt, da Rua São Joaquim, na Liberdade. Lá, os alunos já sabiam a

equação do segundo grau. Mesmo fazendo o curso clássico, onde as ciências exatas não eram tão "puxadas", como se dizia, eu enfrentei grandes dificuldades para acompanhar os demais alunos. Como já disse, a única vez na vida em que eu repeti o ano, foi exatamente em Inglês e Matemática, as duas matérias que o Seminário de São Roque não me ensinou suficientemente. Quando deixei o seminário, meu sonho era fazer um curso de engenharia, ligado à eletrônica, para voltar-me ao trabalho em radiocomunicações. Eu queria idealizar e fabricar aparelhos de rádio e coisas do gênero. Isto não foi possível, por razões diversas, mas uma delas foi o fato de eu não estar preparado para cursar o científico e ter sido levado a permanecer no clássico, durante o colegial. Eu bem que desejava ter entrado no científico. Mas, como não havia vaga, fui aconselhado a me matricular provisoriamente no clássico. Contudo, iniciados os estudos, vi que não teria condições de frequentar o científico, principalmente por falta de base em matemática. Em compensação, destaquei-me nas aulas de latim, dada a bagagem que trazia do seminário.

Ter sido seminarista foi fundamental para minha formação escolar. Às vezes, isto até atrapalhou um pouco. Ao deixar o seminário, no exame de madureza, sai-me muito bem em latim. O texto de Julio Cesar que precisei traduzir, do De Bello Gallico, eu sabia de cor. Em compensação, na fase oral desse exame, quando o professor me perguntou "Em que seminário o senhor estudou?", eu, pego de supetão, com indagação inesperada sobre meu passado recente e que eu procurava esconder, fiquei tão nervoso que não fui capaz de responder sequer uma palavra, daquilo que o examinador perguntou. Pelos critérios da prova, eu precisava obter, no mínimo, a nota 5, apesar de ter obtido 10 na parte escrita. O entrevistador, possivelmente um ex-seminarista, me disse: "Eu sei que o sr. sabe. Sua nota é 5. Pode ir".

No Seminário, o Salão de Estudos (o ESTUDO ou ESTUDÃO, como nós falávamos), tinha escrivaninhas individuais para todos os alunos, alinhadas como as carteiras de uma sala de aulas. À frente, o Padre Ministro ou algum outro, sempre presentes, controlando, vigiando, dando ordens, chamando as turmas de banho. Sim, porque o horário de banho era durante o período de Estudo, na parte da tarde, como, mais para a frente, irei descrever.

Estudava-se tanto que, nos dias de prova, muitas vezes, não era necessário repassar a matéria a ser examinada, de tal forma que, antes da prova de latim, por exemplo, eu estava estudando matemática, por exemplo, que seria sabatinada em algum dia seguinte.

Durante as horas de permanência no salão de estudos do período noturno, quem tivesse dúvidas sobre algum ponto ensinado naquele dia, podia pedir licença para ir até o quarto do professor e, com ele, esclarecer a matéria que não ficara muito clara durante a aula. Todavia, o rigoroso Padre Ministro anotava minuciosamente essas visitas, de modo que, se algum aluno fizesse essa solicitação com mais frequência e, principalmente, se solicitasse ir mais vezes ao quarto de um mesmo padre, logo era impedido de fazê-lo. O Padre Ministro tinha verdadeiro pavor de qualquer deslize. Para evitar o que, no seu entender, pudesse eventualmente vir a acontecer, não tinha dúvida em tomar medidas drásticas, inclusive coibir as visitas dos alunos aos professores, mesmo que se tratasse de um aluno exemplar e de um santo sacerdote.

Vale a pena acrescentar e bem esclarecer que eu nunca soube de um caso de pedofilia no Seminário. Mesmo hoje, em que tenho contato com meus antigos colegas que fazem parte do grupo denominado Turma do Ibaté, nunca foi relatado qualquer caso que pudesse ter essa característica. O rigor do Padre Ministro, no que diz respeito a sexo, era tão acentuado que, nem alunos, nem professores iriam tentar qualquer deslize do gênero, pois as medidas seriam drásticas e imediatas, como foi em um caso que irei relatar mais adiante, de um aluno que tentou, de um outro modo, se aproximar de mim.

Na verdade, até deixar o seminário, em 1953, quando eu já estava para completar 16 anos, minha ignorância sobre sexo era muito grande. Desde a infância, sexo foi um tabu que meus pais levaram muito a sério. Eu era tão ignorante a respeito de sexo que mal sabia como a procriação era feita. Suponho que meus colegas fossem mais bem informados sobre o assunto, mas, eu nunca soube de algum deslize que pudesse ter acontecido, entre alunos ou com professores. A reação da direção da casa, no caso que irei descrever e que aconteceu comigo, é prova evidente do rigor existente. No Seminário do Padre Constantino, com absoluta certeza, não havia espaço para concretização de pedofilias ou de deslizes entre colegas.

Dentre outras medidas disciplinares, que comentarei mais tarde, o Padre Ministro controlava a correspondência recebida ou remetida. Todo aluno devia escrever para os seus pais a cada 15 dias, nem mais, nem menos. Avós podiam ser cumprimentados nos seus aniversários. Tios, em ocasiões muito especiais. Irmãos, também. Fora disto, as cartas escritas pelos alunos simplesmente não eram enviadas. Lembro que precisei de autorização especial para escrever a meus tios Lauro e Carminha, quando a filhinha deles, de nome Marta, morreu em razão de um acidente em casa. Havia umas jardineiras penduradas no peitoril das janelas da frente da casa e a menina resolveu se agarrar em uma delas, que despencou, ferindo mortalmente a criança. Aconselhado por minha mãe, resolvi escrever aos pais da priminha. A autorização foi dada pelo Padre Constantino, com ressalva de que era uma exceção muito especial. As cartas recebidas eram todas censuradas. Muitas ele rasgava, sem nada informar ao destinatário, muito menos ao remetente. A distribuição das cartas era feita enquanto estávamos no Salão de Estudos. Também neste, nos fins de semana, escrevíamos as nossas missivas. O Salão de Estudos, nos domingos e feriados, era o local adequado para leituras, trabalhos manuais, literários, e correspondência.

Os livros tinham que conter o "nihil obstat" do Padre Ministro, para poderem ser lidos. Ganhei de meu padrinho, que era um monsenhor, sacerdote de prestígio na Arquidiocese, o livro "A Alma de Todo Apostolado" de autoria de Dom Jean-Baptiste Chautard, um clássico da literatura cristã. Desse livro, só me lembro da primeira frase: - "Apanágio da natureza divina é ser sumamente liberal". Fui simplesmente proibido de ler o restante. Somente quando eu estivesse no Seminário Maior, disse o Padre Ministro, que não tivera coragem de omitir o "nihil obstat", em respeito ao monsenhor, mas me impediu a leitura. Nunca estive no Seminário Maior e nunca li o restante do livro. Alegou que eu precisava ter conhecimentos de teologia para ler aquele livro. Não era assim que pensava o meu padrinho, Vigário da minha paróquia que, muitos anos depois, aquele Padre Ministro veio substituir, como Vigário-Auxiliar, quando o Padre Paulo já estava idoso demais para responder pelas suas funções eclesiásticas. O fato se deu em um dia de retiro, quando, num dos intervalos das pregações e meditações, estávamos no salão de estudos, com a recomendação de nos dedicarmos a leituras edificantes. O Padre, como era seu costume, começou a percorrer as fileiras de carteiras, para ver o que fazíamos. Ao passar por mim, deteve-se, tomou o livro em suas mãos, fechou e me devolveu, com a recomendação de que eu não o lesse mais. Por oportuno, constatando que eu estava usando um anel onde fora incrustado o distintivo de Congregado Mariano, simplesmente o levou embora consigo, sob alegação de que "seminarista não usa essas coisas".

Aliás, cabe aqui um parêntese: Inaugurado o Seminário de São Roque, foi nomeado seu reitor o Monsenhor Luis Gonzaga de Almeida, que, até então, era o pároco da Igreja de Santa Cecília, em São Paulo. Era um sacerdote de grande prestígio na Arquidiocese. Tinha o Cardeal Motta que escolher alguém renomado para dar início ao Seminário Menor com que São Paulo, na verdade, até então, não contava. O de Pirapora pertencia à Ordem dos Padres Premonstratenses. Razões diversas, inclusive de ordem econômica, não recomendavam que tivesse continuidade o contrato entre a Arquidiocese e a referida Ordem. Foi construído o prédio de São Roque, em terrenos doados por generosos integrantes da comunidade

arquidiocesana. Chegada a ocasião da inauguração, era preciso escolher o seu corpo diretivo. Monsenhor Luiz Gonzaga era a figura ideal para assumir o cargo de Reitor. O Cônego João Gonçalves foi escolhido como Ecônomo e Vice-Reitor. Para cuidar dos alunos seminaristas, o Cardeal escolheu o "durão" Padre Constantino Amstálden, que exercia funções paroquiais em Santo Amaro, em São Paulo. Santo Amaro, naquele tempo, fazia parte da Arquidiocese de São Paulo. Mas, o nosso Padre Ministro, além de dirigir o dia-a-dia dos alunos, estava ali para "apoiar" os dois comandantes principais. Deu-se tão bem na função de vigilante que, quando o meu padrinho, já envelhecido, não estava mais em condições de gerir a Paróquia do Divino Espírito Santo da Bela Vista, logo a Cúria se lembrou de levar para lá, sob o título de Vigário Auxiliar, o já Monsenhor Constantino. O Seminário de São Roque estava encerrando suas atividades e o Padre Constantino, futuro Dom Constantino, Bispo de São Carlos, era, então, o Reitor do Seminário. De lá saiu para "apoiar" meu padrinho, o Monsenhor Paulo Camargo, já senil. Em São Roque, quando Monsenhor Luis Gonzaga de Almeida foi substituído pelo Monsenhor Luis Gonzaga da Silva, o Padre Constantino continuou exercendo sua função de "apoiar". Porém, Monsenhor Luis Gonzaga da Silva, dizem, acabou se aborrecendo com as interferências do, então, seu Vice-Reitor Constantino, que ficara no lugar do Cônego João Gonçalves, aposentado. Demitiu-se, cedendo o lugar de comando ao seu vigilante. Não foi no meu tempo, ouvi de meus colegas.

Voltemos à rotina do seminário:

Minha avó deu-me um livro sobre a vida de Santo Agostinho. Por decisão do Padre Ministro, fui expressamente proibido de ler a vida desse santo que, em sua juventude, algum desgosto deu à sua mãe, Santa Mônica, pelos namoros e vida mundana que levava. O livro, como tive a curiosidade de verificar muitos anos mais tarde, nada tinha de mais expressivo sobre essa fama do preclaro fundador dos Agostinianos. Mas, na dúvida, era melhor proibir. Santo Agostinho é considerado um dos Pais da Igreja, um dos pensadores dos tempos primitivos. Foi, também, declarado Doutor da Igreja. Muito ensinou do que hoje se sabe. Não ocorreu ao nosso disciplinador que suas proibições, além de aguçarem a curiosidade, causavam marcas, muito mais prejudiciais que qualquer conteúdo das cartas ou dos livros.

Seis anos de muito estudo (sete, para quem fez o Admissão em São Roque), entremeados por alguns folguedos: jogos, futebol, vôlei, piscina, passeios pelas estradas das vizinhanças, para comprar frutas no sítio do português amigo, caminhadas até a cidade de São Roque, distante cinco quilômetros, subida do morro para, lá de cima, vislumbrar um panorama deslumbrante. Cinema, esquetes de teatro, coral, banda, malhação do Judas, fogueira de São João. Havia até umas "olimpíadas", uma vez por ano, com várias competições. Uma delas era a corrida de saco, em que os participantes acabavam levando bons tombos. Outra, era quebrar potes de barro pendurados bem alto, com um pedaço de pau, devendo o competidor estar com os olhos vendados. Futebol. Vôlei. Basquete. Era bem divertido. Nas quintas-feiras, muitas vezes, eu tive que fugir da boiada que corria atrás dos alunos, quando estávamos andando pelas estradas das vizinhanças. Havia, também, passeios ao bosque, visitas ao pomar para recolher pêras e outros divertimentos, muito embora, no geral, estivéssemos confinados no pátio de recreio, nas horas livres. Tudo que pudesse consistir em pequenos grupos, afastados da vida em comunidade, foi sendo proibido. Também foi proibido, por exemplo, brincar de mocinho e bandido no mato, atrás do campo de futebol, o que fazíamos com pedaços de pau como se fossem revólveres. O Padre José Colaço até que nos apoiava nessa brincadeira, mas, bastou o Padre Constantino ficar sabendo para, de imediato, proibi-la. Outro divertimento era andar de perna de pau. Foi brincando assim que eu descobri dores no lado esquerdo do ventre que acabaram sendo diagnosticadas como apendicite. Eu inventei também uma brincadeira, fazendo espingardas com pedaços de cano que eram fixados a uma tábua, a coronha. No cano eu inseria bombinhas de São João já acesas e uma bolinha de gude, o que permitia dar uns

tiros bem certeiros. Bastou o Padre Constantino saber, para proibir. Na verdade, vários colegas haviam gostado da ideia e já tínhamos um pequeno pelotão de atiradores. Brincadeira mais inocente era rodar em um carrossel que dependia da propulsão dos próprios participantes, pois não tinha motor. No meu tempo, ainda não havia sido introduzido o espiribol, um jogo muito comum em colégios internos e seminários, mas, pouco conhecido fora desses estabelecimentos. Consiste em dar tapas em uma bola que está presa a uma corda, pendurada desde o topo de um poste. Dois alunos tentam enrolar a corda no poste, com esses tapas na bola, enquanto dois outros tentam impedir. E vice-versa. Quem conseguir enrolar a corda, ganha.

Um final de infância e uma adolescência felizes, apesar da rígida disciplina. Recordação inesquecível dos anos vividos no Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria. Principalmente dos colegas, amigos queridos, de quem não se esquece, jamais. Os padres também sempre lembrados, com destaque para o Reitor, o Ecônomo, o Ministro, o Orientador Espiritual, além dos demais professores. As Irmãs de Jesus Crucificado lavando roupas, cuidando da limpeza, cozinhando. Funcionários de ajuda e manutenção, que também trabalhavam na horta. Este o nosso pequeno mundo.

As horas de recreação não eram tão livres como poderia insinuar a descrição acima. Segregados, nós, os Menores, éramos proibidos de conversar com os Médios ou com os Grandes. Se formássemos grupinhos, éramos advertidos de que eram vedadas as "amizades particulares". Conversar com os colegas somente era possível, na realidade, nos quinze minutos de recreio da manhã e da tarde; durante os jogos do "post prandium"; ou, no recreio da noite, quando tínhamos que nos organizar em filas, andando em formação, de um lado para outro do pátio, pois era proibido ficar parado ou formar rodinhas. Eram três ou quatro alunos, um ao lado do outro, fazendo frente para mais uns três ou quatro alunos, também arrumados lado a lado, caminhando os 3 ou 4 primeiros de frente e os outros 3 ou 4 de costas, de um canto a outro do recreio. Lá chegando, o grupo voltava ao contrário: os que tinham ido de frente retornavam de costas e os que tinham ido de costas voltavam de frente. Caso fosse maior o número de alunos, logo um dos padres se introduzia entre eles, para participar da conversa. Pena que não tivéssemos, então, os smartphones de hoje em dia, para filmar esses engraçados passeios. Tudo tem o seu tempo. O seminário dos anos 50 do século 20 não existiria nos anos 10 ou 20 do século 21. Um simples celular tornaria impossível a existência do regime de um seminário tridentino. Os seminários de hoje em dia são bem diferentes. Não conheci como era viver em um seminário maior. Colegas meus que foram adiante, alguns até se ordenando padres, embora muitos desses não tenham persistido, bem que poderiam escrever sobre suas experiências. Eu sou, matematicamente falando, 1/3 de seminarista, pois fiquei em São Roque 4 anos e 8 meses, quando o tempo total de formação, incluindo o admissão, atingia 14 anos. Sei que, nos anos próximos de 1974, quando o nosso seminário fechou as portas, a vida dos alunos já era muito diferente da que estou descrevendo. Colegas há que começaram os estudos no Seminário de Aparecida do Norte. Depois, foram transferidos para São Roque. Alguns, voltaram para Aparecida do Norte para cursar a Filosofia. E a Teologia foi estudada no Seminário do Ipiranga. Há os que foram estudar em Roma. Tudo bem diferente desta singela história que eu posso contar. Quanta experiência poderia ser trazida a público. Uma pena que ninguém dos ibateanos, até agora, tenha criado ânimo para escrever um livro. Há bons trabalhos no periódico da Turma do Ibaté, denominado Echus do Ibaté, e que, em dezembro de 2019 estava na sua 164ª edição bimensal. Porém, um livro daria melhor e mais amplo testemunho.



(capa de uma das edições do Echus do Ibaté)

Voltemos ao Ibaté. Certa vez, eu e mais dois colegas fomos chamados pelo Padre Ministro, que nos repreendeu, principalmente pelo fato de estarmos falando com um aluno dos Médios, que tinha quase a mesma idade que nós e com o qual seria perfeitamente natural termos amizade. Alegou o padre que havia sido informado e tinha anotado em sua caderneta que nós, durante um passeio pela estrada, na ida ao sítio onde comprávamos laranjas, tínhamos quebrado o regulamento, pois íamos caminhando ao lado desse aluno dos Médios e conversando animadamente com ele. Aproveitou para nos proibir, como era do "regulamento", de termos "amizade particular". Disse que fora informado de que nós três, nas horas de recreio, estávamos sempre juntos, conversando, formando um grupinho separado dos demais. Nunca soube quem nos acusou. Muito feio existir esse tipo de "dedos duros" em uma comunidade tão santa. Mas, ele próprio andava com uma pequena caderneta de capa preta, onde tudo anotava, para depois reprimir e aplicar penalidades. Cada "recreação" tinha um encarregado (um aluno da própria recreação), liderados pelo Prefeito (um aluno dos Grandes), nomeados para auxiliar o Padre Ministro nessa "árdua tarefa" de perseguir os faltosos. A penalidade preferida era proibir o banho de piscina, nos dias de folga. Todos perfilados, o Padre Ministro puxava do bolso da batina a sua caderneta e anunciava a lista de punições. Omiti propositalmente os nomes desses dois colegas tidos como meus "amigos particulares": um é bispo e o outro monsenhor. Meus contemporâneos sabem de quem se trata, mesmo porque, certa vez, num encontro da Turma do Ibaté, na igreja onde esse monsenhor era o titular, na hora do sermão, alguém tomou a palavra para homenageá-lo e, indiscretamente, tornou pública a nossa "amizade particular". Uma inocente "amizade particular", que não ia além de conversar, de "bater papo" nas horas de recreio em que isto era permitido. Sim, porque até "bater papo" nas horas de recreio nem sempre era admitido. Por pouco a Igreja não se viu privada de dois importantes colaboradores, hoje eméritos. Chegamos a ser ameaçados de expulsão. Penso que tenho alguma coisa a ver com essa santa decisão de não expulsar os três "amigos particulares", como muito bem poderia ter acontecido, eis que, para o nosso Padre Ministro, qualquer pequeno motivo era razão suficiente para uma expulsão sumária, sem qualquer direito de defesa. Mas, eu era filho do Toschi, da Isnard, a quem os padres todos deviam inúmeros favores. Se estiver correta esta minha maldosa suposição, a Santa Madre Igreja me deve o favor de ter salvo dois importantes "operários" para a sua grande "messe", ocupando posições de destaque. Segundo o Anuário Estatístico referente a 2016, o número de batizados, no mundo, atingia o número de 1 bilhão, 299 milhões, enquanto o número de clérigos era de 466.634, sendo 5.353 bispos, 414.969 sacerdotes e 46.312 diáconos permanentes. Pelo

Seminário de São Roque, de 1949 a 1974, passaram perto de 1700 alunos. Desses, ordenaram-se padres menos de 70. Continuaram exercendo o sacerdócio aproximadamente a metade dos que se ordenaram. Não podia ser, portanto, boa política a expulsão sumária de seminaristas, por motivos de pouca significância, como aconteceu muitas vezes.



(Nota: eu fui encarregado dos Menores, em certa ocasião. Contudo, como, aliás, sempre me pautei, em toda a minha vida, eu, como encarregado, nunca forneci dados ao Prefeito ou diretamente ao Padre Ministro, sobre eventuais indisciplinas cometidas por meus colegas. Se tivesse que tomar alguma medida, tomaria eu mesmo, com o faltoso, sem arbitrariedades. Não faz muitos anos, estava eu na Igreja de Santa Efigênia, em São Paulo, cujas portas já estavam fechadas ao público, esperando o início de uma cerimônia de fim-de-ano da qual participariam os ex-alunos seminaristas de São Roque que constituem, hoje, a chamada Turma do Ibaté, e os monges daquele convento. De repente, eis que entra um bispo, nosso colega, acompanhado de pessoas de sua amizade, ele que morava bem perto daquele mosteiro. Quando me viu, já de certa distância, exclamou apontando para mim: "-Aquele cara ali, no Seminário, eu morria de medo dele, porque ele, um dia, me passou um pito, na frente de todo mundo, porque eu estava conversando fora de hora". Não foi bem assim, o bispo estava exagerando, era mais um gracejo, mas, serve para mostrar que eu jamais iria anotar em qualquer caderninho o nome do futuro Dom José Maria Pinheiro, bispo emérito de Bragança Paulista, para denunciá-lo à "autoridade eclesiástica" do nosso bom tempo de seminário, visando granjear-lhe uma punição.)



Uma de nossas diversões eram os banhos de piscina. Para quem lê, fica a impressão de que era um divertimento prolongado e descontraído. Na realidade, não durava muito mais que uns 15 ou 20 minutos, raramente meia-hora. Cada recreação ia para a piscina em horário separado das demais. Vestíamos os nossos calções de banho (compridos até os joelhos), mas tínhamos que voltar a colocar as calças compridas por cima deles, pois não era permitido fazer o trajeto até a piscina, um ladeirão em meio a um bosque onde havia uma gruta com uma imagem de Nossa Senhora, usando apenas os calções ou sem as camisas. Mal dávamos uns mergulhos e o padre logo usava o seu apito para interromper a diversão. Íamos nos enxugar e trocar de roupa nas cabinas de banho, para retornar ao prédio principal. No primeiro ano de existência do Seminário, essas cabinas ainda não haviam sido construídas. Por esta razão, e para não subirmos até o prédio principal apenas com roupas de banho, tínhamos que vestir a calça comprida por sobre o calção molhado. Calça comprida que fazia parte do nosso uniforme de uso diário obrigatório, de que não tínhamos muitas peças. Se outras estivessem em regime de lavanderia, teríamos que usar, depois do banho, as meio-molhadas mesmo. Tudo para não ficarmos mostrando nossas lindas perninhas aos colegas, na subida da piscina. Por falar nisso, em 1949, o uniforme dos alunos menores era com calças curtas. Depois de algum tempo, ficou proibido usá-las, pois, tendo crescido um pouco e estando mais gordos, dada a boa alimentação que tínhamos, ficava meio "indecoroso", nas salas de aula, os meninões mostrarem suas bem nutridas coxas. Foi o que alegou um dos padres, professor da minha classe do Admissão.

Até a ginástica matinal era feita com roupa comprida. Nada de calções. Da forma como saíamos da capela, de paletó inclusive, parávamos em formação, no meio do pátio, e seguíamos as instruções daquele que comandava a ginástica sueca. Depois, as filas de alunos prosseguiam a marcha até o refeitório, para o café-da-manhã. De começo, o próprio Padre Ministro era o instrutor da ginástica. Depois, nomeou o Edgar Eguchi, dos Maiores, que também era o nosso farmacêutico, para comandar o exercício. O Edgar era bom nisso.

Futebol também era jogado com calça comprida e camisa. Não eram 11 contra 11, como mandam as regras do esporte bretão. Metade da recreação jogava contra a outra metade, ou seja, mais ou menos uns 20 contra outros 20 (em 1949, quando o total de alunos era 121; nos anos seguintes, eram mais de 20 contra 20), todos embolados em um campo pequeno de futebol, qual seja, uma parte do nosso pátio de recreio. O campo próprio para esse esporte, num terreno do outro lado da estrada que passava pela frente do seminário, só ficou pronto depois que eu já tinha saído, em 1953. Eu sempre fui péssimo jogador e me escalavam sempre numa posição que não atrapalhasse os outros, de modo que, ao que me lembre, não fiz nenhum gol. Minha especialidade era pular com o adversário, para cabecear a bola. Um dos professores, o Padre Vieira, que mais tarde veio a ser o primeiro bispo diocesano de Osasco, Dom Francisco Vieira, costumava jogar com os Menores (os padres jogavam de batina arregaçada). Ele era o que se poderia chamar, na gíria futebolística, um jogador pesado, sempre provocando choques com os seus oponentes. Eu não deixava por menos: como era um pouco maior que os outros meus colegas, pois demorei para ser transferido para os Médios, especializei-me em marcar esse padre, no qual, na hora de pular para cabecear, sempre que possível, eu dava umas boas caneladas (de propósito). Jamais confessei este pecado, faço-o agora. Perdão, Sr. Bispo. Leve em conta, por favor, que eu fui o único do Ibaté a estar presente ao seu velório e sepultamento. Rezei pelo senhor e pedi perdão a Deus. (Esse padre, depois bispo, era originário da mesma paróquia que eu e nossas famílias sempre tiveram ótimas relações de amizade, mas, "jogo é jogo").

Às vezes, organizávamos uns torneios de futebol. Cada equipe tinha o seu nome, que podia ser uma cor ou o nome de uma cidade, por exemplo, pois era proibido denominá-las Palmeiras, São Paulo, Juventus ou qualquer outro nome de clube esportivo que pudesse ensejar rivalidade entre os alunos. Um dia, minha equipe jogava contra a do Marcos Mazetto. Numa disputa mais renhida, eu escorreguei e ele, sem querer, acabou dando um pontapé em meu olho. Fiquei, por um ou dois minutos, enxergando tudo em duplicata. Como não podíamos perder o lance, eu tapei um dos olhos com a mão e continuei disputando a bola com o Marcos.

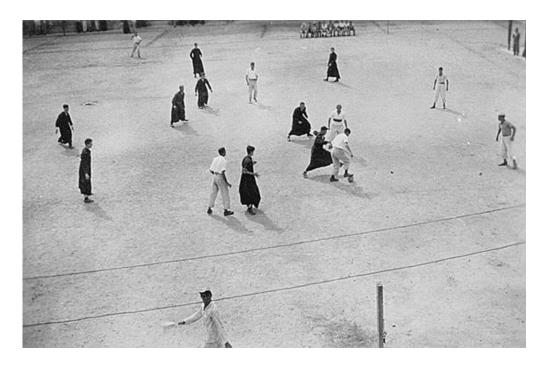
Um bom jogador era o Edgar, uma espécie de Edmundo do futebol paulista, muito briguento mas bom goleador. Cabia sempre a ele escalar quem jogava de cada lado e em qual posição. Na verdade, eram dois a escolher: iam convocando para os seus times os melhores jogadores. Eu era sempre um dos últimos, quando não o último, a ser escolhido. Ficava sempre num meio de campo que não comprometesse nem a defesa nem o ataque. Como o jogo de futebol era obrigatório, acontecia que, tirando as épocas de campeonatos, nos demais dias feriados, os times acabavam tendo muito mais de 11 jogadores, de cada lado.

Um dos alunos era nomeado encarregado de cuidar do material esportivo. Cabia-lhe conservar as redes e as bolas. Estas eram de capotão, as câmaras de borracha eram com bico, e tínhamos que costurá-las com umas agulhas especiais, de dentro para fora. Eram engraxadas com sebo, o que as tornava imundas e grudentas, pois o chão do pátio era coberto com cascalho. Araçariguama, a então pequena vila próxima ao Seminário, fora, no passado, sede de uma mina de ouro. Já exaurida, suas rochas eram usadas como cascalho. Era comum encontrarmos algumas pedras com pequenos pontos brilhantes, remanescentes dessa mina de ouro, no chão de nosso recreio e, também, campo de futebol.

Em certa ocasião, eu fui encarregado do material esportivo. Achava um "barato" costurar as bolas com umas agulhas tortas, o que tinha que ser feito sem que a costura aparecesse do lado de fora. Dei-me bem nessa missão.

Os jogos de vôlei eram o esporte preferido para o recreio após o almoço. Também se jogava o pingue-pongue. Ficar parado, "batendo papo", era o que não podia acontecer. Ainda

bem que nos deixavam tirar o paletó, para praticar esporte. Tocado o sino, dali partíamos em filas, para a Capela ou para o Estudo. Suados e poeirentos.



Jogo de futebol entre os nossos colegas Maiores e alunos do Seminário Maior do Ipiranga)

CAPÍTULO 4

FÉRIAS

Em São Roque, no final do primeiro semestre, no meu tempo, não íamos para casa. Gozávamos as férias no próprio colégio. Com as aulas suspensas, era maior o número de horas para a recreação. Eram mais frequentes os passeios de toda a comunidade, pelas redondezas. Também nessas férias de meio-de-ano íamos, nas carrocerias de caminhões, a cidades e lugares próximos, a passeio. Um desses passeios foi ao sítio, próximo de Cotia, onde a Votorantim estava construindo sua fábrica de alumínio, que acabou dando nome à localidade. Lembro que eu estava munido de minha máquina fotográfica Adox, porém, fomos proibidos de tirar fotos, por razões estratégicas. Fomos, também, a um seminário ou convento de uns monges, também em São Roque. E fomos ao sítio do Prefeito de Araçariguama, cujo filho veio a ser nosso colega, onde nos foi servido um bom churrasco. Não tenho certeza se Araçariguama, naquela época, já era um município independente de São Roque, mas, de qualquer forma, o nosso anfitrião era a autoridade administrativa maior daquela localidade. O Padre Jair do Nascimento era o vigário de Araçariguama e, depois, veio a ser nosso professor e nosso Diretor Espiritual, quando o Padre Paschoal Amato deixou essas funções. Foi o Padre Jair que me chamou de "lunático", quando eu disse a ele que desejava deixar o seminário, como adiante veremos. Nessas férias gozadas no próprio seminário, podíamos, no salão de estudos, dedicar o nosso tempo a outras atividades não relacionadas com o ano letivo, como leituras, cartas, trabalhos manuais, etc. Em silêncio. Se um padre não estivesse vigiando, o Prefeito o faria.

Certa ocasião, eu resolvi consertar um relógio de pulso, desses à prova d'água. Pelo menos, isto é o que estava escrito em inglês no fundo da caixa de aço. Querendo mostrar aos meus amigos que eu tinha um relógio desse tipo, no dia em que fomos à piscina, chamei a atenção dos colegas, me aprontei, mergulhei, atravessei a piscina e......sai do outro lado com o relógio todo cheio de água. Levei uma vaia do Attilio, que havia duvidado do meu "waterproof".

Como estávamos em férias, eu aproveitei o horário de permanência no salão de estudos para o "conserto" do relógio. Tinha na minha escrivaninha algumas ferramentas: um canivete, chave de parafuso, o alicate pequeno de fazer terços e um martelo. Este último fazia parte de um jogo de ferramentas, presente de meus pais, incluindo serra tico-tico, furadeira e régua. Eram de tamanho pequeno, próprios para meninos. Guardava esses apetrechos num armário que ficava no salão de entrada da ala principal, uma espécie de buffet, junto com alguns carrinhos de corda e outros brinquedos meus. Não tinha pedido licença a ninguém para guardar essas coisas naquele lugar. Ficaram lá durante algum tempo, até que sumiram. Nunca mais as achei. (quem será que as confiscou? Não fui me queixar, que eu não era bobo.) Só sobrou o martelo, que estava, por acaso, na escrivaninha do salão de estudos.

Coloquei esses objetos sobre a escrivaninha e comecei a abrir o relógio, para enxugar o mecanismo e o vidro, que ficara todo embaçado. O martelo estava ali apenas porque havia sido retirado da gaveta. Não seria utilizado. Para meu azar, passou pela minha carteira, naquele momento, o Corazza. Levou muito tempo se divertindo à minha custa, dizendo a todo mundo que eu consertava relógios de pulso com martelo.

Nas horas de recreação jogávamos futebol e, enquanto uma turma estava praticando esse esporte, os outros disputavam partidas de voleibol. Diferentemente dos fins de semana, em que todo mundo jogava futebol contra todo mundo, com uns quarenta alunos dentro do campo, nessa época de férias formávamos equipes e disputávamos torneios.

O esporte era praticado com o mesmo uniforme que usávamos no resto do dia. Todos de calças compridas, de cor amarelada, e de chuteiras, que, naquele tempo, tinham cravos de metal e podiam ter o bico duro. Quem levasse um pontapé com as de bico duro corria o perigo de se machucar de verdade. Quando os padres participavam do jogo, não tiravam a batina, que era apenas arregaçada.

Como já disse, também aproveitávamos essas férias de meio de ano para fazer algumas excursões a cidades vizinhas. Íamos na carroceria de dois ou três caminhões, onde eram colocadas algumas tábuas para nos sentarmos, no estilo "pau-de-arara".



(Caminhões a caminho de Ibiúna, terra do David de Moraes. Estou sob a mão do menino de braço estendido. O Cláudio Giordano está bem na frente. No caminhão de trás, o mais alto, de pé, é o Luiz Barcellos)

A estrada tinha uma poeira incrível, uma camada grossa que se levantava com a passagem dos caminhões e encobria totalmente a visão dos que vinham logo atrás. A região de São Roque tem um relevo bastante acidentado, com muitos vales e morros, que formam uma paisagem muito agradável. Quando íamos além de Araçariguama, em direção a Pirapora, avistávamos o Rasgão e o Vuturuna, duas elevações muito conhecidas dos alunos que tinham vindo do seminário que existia naquela cidade. Em uma dessas vezes, fomos a Ibiúna, terra do David de Morais e do Deusdedit Leão da Silva. Fomos recebidos por crianças da Cruzada Eucarística que cantaram algumas músicas, em nossa homenagem. Depois da missa, foi servida uma gostosa macarronada. O Attilio Brunacci, da minha classe, sempre foi uma pessoa dada a prestar atenção no ambiente circunvizinho. Era comum vê-lo, nas horas de recreio, meio distante de todos, de braços cruzados, andando sozinho pelos cantos do pátio e observando todos e tudo. Hoje em dia, nos dias de jantares da Turma do Ibaté, é com esse jeito que ele costuma aparecer, sempre depois que o ágape teve início, com o mesmo ar observante dos

tempos de outrora. Pois, nesse dia da ida a Ibiúna, na hora da missa, ele inventou de ir ao banheiro. Perambulando por ali, viu os homens que estavam preparando o macarrão, em grandes panelas, mexendo o conteúdo com um pedaço de pau. Disse ele, não sei se é verdade, que eram pedaços de pau do galinheiro. Não comeu o macarrão e não contou nada a ninguém. Viemos a saber muito tempo depois.

Em uma outra ocasião, houve uma festa no Seminário de Pirapora e os ex-alunos, que haviam sido transferidos para São Roque, foram convidados. Eu fui escolhido para representar os novatos do Seminário do Ibaté. Depois de correr todo o prédio, fiquei sozinho, na varanda da frente, de onde se podia ver a cidade. Havia uma escola primária, no outro lado da rua, e estava sendo dada uma aula. Chamou-me a atenção o fato de a professora ter uma longa vara, que apontava na direção dos alunos que não estavam se comportando direito. Mais tarde, dois dos meus colegas, um deles sendo o Darcy Corazza, me convidaram para darmos um passeio pelo bosque que havia nos fundos do Seminário. Era um terreno bem grande e nos distanciamos bastante. Quando voltamos, Monsenhor Luís Gonzaga, nosso Reitor, estava muito bravo, porque havia me procurado por toda a parte, pois queria que eu retornasse a São Roque. O veículo com que tínhamos ido não era muito grande, cabendo um número limitado de pessoas, e os padres de Pirapora estavam reclamando a presença de um outro colega, que não havia sido escolhido para aquele passeio. Como a perua iria retornar a São Roque, para buscar alguns objetos, o Reitor resolveu que eu iria embora, para que esse colega pudesse voltar no meu lugar. Fiquei meio aborrecido, mas não houve jeito.

As férias de fim de ano eram diferentes. Íamos para nossas casas, passar pouco mais de um mês com nossos pais. Antes de sairmos, tínhamos que fazer uma agenda, com os horários a serem cumpridos. Hora para levantar, para ir à Missa, para ficar na igreja ajudando o Vigário, para ir almoçar em casa, para voltar à igreja e rezar o terço, para fazer meditação e exame de consciência, um período de permanência em casa até a hora do jantar, e, antes de acabar o dia, hora para voltar à igreja para a "reza".

Naquela tempo, as igrejas ficavam abertas todo o dia e quase o dia todo, pois não havia assaltantes, apenas uns raros gatunos de cofres de esmolas, que o sacristão afugentava. Meu padrinho, Monsenhor Paulo, costumava dizer que a mudança dos costumes tinha muito a ver com o crescimento das cidades. Antigamente, dizia ele, quando um viajante se aproximava de um lugarejo ou mesmo de uma cidade maior, a primeira coisa que via, de longe, ainda da estrada, era a torre de uma igreja. Em volta dela se desenvolvia a vida urbana. A *Igreja* era o centro das atenções. Com os prédios modernos, os arranha-céus, as igrejas ficaram escondidas. Muitas vezes, hoje em dia, as pessoas passam e nem percebem que estão diante de uma casa de oração. O templo não chama mais a atenção e o pensamento de todos raramente está voltado para a *Igreja*.

Nas minhas dúvidas sobre a fé, que sempre me perseguiram, uma delas é o fato de Cristo permanecer presente na santa hóstia, consagrada na missa, quando guardada no sacrário, geralmente na capela do Santíssimo. Se as pessoas realmente acreditassem que Jesus, o Filho de Deus Pai, está ali presente, em corpo e alma, embora de modo transubstanciado, não era para se ter, permanentemente, dia e noite, dentro e fora das igrejas, numerosos fiéis, todos ajoelhados, prestando adoração? Deus está ali, segundo nossa fé, e, no entanto, as pessoas passam indiferentes, muitas vezes nem reparando que se trata de um templo de oração.

Mas, retornemos às férias dos seminaristas. O calendário que preparávamos, antes de ir para casa, tinha que ser submetido ao visto superior, geralmente o Padre Ministro, e devia ser entregue ao Vigário de nossa paróquia que, assim, poderia, se quisesse, vigiar o nosso comportamento. Meu padrinho, Monsenhor Paulo, um homem de convicções arraigadas e que

não gostava muito de seguir diretrizes de terceiros, nunca aceitou que eu lhe apresentasse aquele quadro de horários. Dizia que eu sabia muito bem como devia me comportar e não era ele quem iria ficar me controlando. Também é verdade que, na volta ao seminário, nunca me cobraram a devolução do formulário, com o visto do meu Vigário.

Passávamos boa parte do dia na igreja, durante as férias. Certa ocasião, aconteceu um fato pitoresco. Um casal, que havia celebrado o matrimônio pouco tempo antes, teve o seu casamento considerado nulo, porque eram primos irmãos e não tinham pedido a dispensa eclesiástica. Responderam a um processo na Cúria, no Tribunal Eclesiástico, e receberam uma penitência. Contaram que tiveram que fazer uma romaria a Aparecida do Norte e dar algumas esmolas, além de rezar alguns rosários. Depois, compareceram à paróquia, para regularizar sua situação. Pensavam que iriam apenas cumprir uma formalidade burocrática, mas o Vigário foi enfático: - "Onde estão os seus padrinhos ? O casamento de verdade vai ser agora, aquele não valeu". Os nubentes não tinham entendido isto e não estavam preparados. Eu e o sacristão fomos escalados como padrinhos de última hora. Nunca mais vi esses meus afilhados que, muito aborrecidos, nem agradeceram. Antes que me corrijam, vale a pena acrescentar que, no casamento, os celebrantes são os noivos, o padre apenas preside a cerimônia e os declara casados, com as bençãos da Igreja.

Monsenhor Paulo era um padre meio fora do comum. Era um historiador sacro, membro da Academia Paulista de Letras, e tinha várias obras publicadas. Seu escritório tinha papéis e livros espalhados por toda parte. Um dia, sua irmã, a Donana, resolveu fazer uma surpresa e por tudo em ordem. Nunca mais o Monsenhor conseguiu terminar o livro que estava escrevendo. Tinha uma aversão muito grande pelo Getúlio Vargas e pelo Adhemar de Barros. Via de regra, encerrava seus sermões proferindo um admoestação grave contra um dos dois, antes de descer do púlpito. Quem não tinha acompanhado os acontecimentos políticos da semana, muitas vezes, ficava sem entender o que o padre estava condenando. Na verdade, a missa principal do domingo era celebrada às 10:30h. Antes, ele estivera na reunião da Congregação Mariana, onde o assunto político tinha sido debatido. Voltava para a igreja meio nervoso, pelas opiniões opostas de alguns participantes do encontro. Ao fazer o sermão, descarregava, no final, toda sua contrariedade. Ninguém conseguia entender, só quem tivesse participado da reunião dos congregados.

Certa vez, eu ajudava a missa que ele estava celebrando e, na hora da ablução das mãos, substituiu a oração ritual pelo seguinte: - "Paulo, esse sacristão é um porco. Quando terminar a missa, lave essas galhetas para mim, que estão imundas". Voltou para o centro do altar, como se tivesse rezado o previsto no missal ou nas "sacras", uns quadrinhos colocados sobre o altar e que continham orações do "ordo missae". No confessionário, quando eu era menino, antes que houvesse oportunidade para eu relatar minhas faltas, ele tomava a palavra: - "Como vai sua avó, como está sua mãe? Leve um abraço para elas, reze 3 ave-marias e até logo". (Que pecados um menino de 7 anos poderia ter cometido, que o simples ato de ir até o confessionário já não merecesse a absolvição? Meu padrinho era um sábio sacerdote.)

Quanto à confissão de crianças, aproveito para contar um episódio ocorrido pouco tempo depois de eu ter feito a minha Primeira Comunhão. Nas aulas de catecismo, quem comparecia ganhava uns cupons que, juntados até completar determinada quantidade, davam o direito de comparecer às sessões de cinema que o Padre Joaquim Medeiros, nosso Coadjutor, projetava em sua máquina de 9,5mm, da Pathé Baby. Fui ao catecismo, não tendo, porém, recebido o cupom, por se ter esgotado o estoque da ocasião. Fiquei com raiva do padre e proferi, mentalmente, um "nome feio". No sábado seguinte, fui me confessar. Quem estava no confessionário? O Padre Joaquim. Quando, morrendo de vergonha, contei a ele o meu pecado,

o sacerdote deu uma gargalhada e me mandou embora, dizendo que eu não cometera pecado algum.

Mas o regulamento de férias dos seminaristas não ficava apenas na agenda previamente elaborada e aprovada pelos padres do Seminário. Levávamos muitas recomendações sobre como devíamos nos comportar. Lembro-me de frases fortes, que até hoje ainda repercutem em meus ouvidos:

- 1) Quem quiser ir ao cinema durante as férias, "pode ir", mas não precisa voltar para o Seminário.
 - 2) Quem quiser ler revistas mundanas, como o "O Cruzeiro", também não precisa voltar.
- 3) Se vocês estiverem em casa e se alguma amiga ou prima de suas irmãs for visitá-las, vocês devem ir imediatamente para o seu quarto, para fazer as suas orações ou ler um livro religioso. Não fiquem conversando com as amigas de suas irmãs.
- 4) Na rua, andem sempre de olhos baixos, voltados para o chão. Não fiquem prestando atenção nas pessoas que passam.

Sempre achei esse exagero contraproducente. Servia para despertar a curiosidade e a malícia. Nós, que éramos meninos inocentes, acabávamos tendo a atenção despertada para as moças que iam visitar nossas irmãs ou que passavam pela rua, embora, na rua, cabisbaixos, somente pudéssemos dedicar atenção às suas pernas e seus sapatos. O que passei a achar muito bom.

O comportamento exigido de nós no Seminário deixou marcas duradouras, perenes. O Senador Roberto Campos, que também foi seminarista, costumava dizer que era capaz de identificar uma pessoa que passou por um seminário, somente pela forma desta cruzar os bracos ou ficar de mãos postas.

Com férias de fim de ano tão cheia de normas, seria mesmo necessário o retiro espiritual que realizávamos, logo que retornávamos a São Roque? Os padres diziam que era para afastar a dissipação das férias. Que dissipação?

No decorrer das férias, eram ainda realizadas reuniões, com a presença de todos, como algumas que fizemos na igreja de São João Batista, no Brás, para meditação e oração. Numa outra ocasião, fomos a Aparecida do Norte. A estrada São Paulo – Rio de Janeiro ainda era de terra, cheia de curvas e arborizada, passando por dentro de várias cidades. A Via Dutra estava em construção. Em Aparecida, ainda não funcionava o Seminário Menor da Arquidiocese de São Paulo. Lá, fomos recebidos por padres redentoristas. Quando a Arquidiocese organizou o Seminário Menor naquela cidade, o Seminário de São Roque passou a se denominar Seminário Médio. Os seminaristas iniciavam seus estudos em Aparecida do Norte, iam para São Roque e, antes de irem fazer Teologia no Ipiranga, voltavam a fazer Filosofia em Aparecida do Norte. Hoje, Aparecida do Norte é uma arquidiocese, sem qualquer vínculo com a Arquidiocese de São Paulo. O prédio do antigo seminário, hoje, é um hotel para romeiros.

Um ponto a considerar e que os leigos dificilmente entenderão é que, para o seminarista, existe um mundo espiritual, em que a presença divina é relevante. Não havia necessidade de tantas regras e tanto controle. O seminarista tinha consciência de que Deus tudo estava vendo e que, se agisse de forma errada, poderia enganar os pobres mortais, nunca o Criador. Lembrome de uma ocasião em que alunos novos, recém chegados ao Seminário, ainda não

acostumados com a nossa disciplina, aprontaram uma folia no dormitório, à qual alguns veteranos aderiram. No dia seguinte, o Padre Ministro só teve um trabalho. Reuniu a comunidade e disse: - "Quem participou das brincadeiras, ontem à noite, no dormitório, está obrigado, em consciência, a vir até aqui e dar o seu nome". Não faltou nenhum dos barulhentos. Primeiro, os veteranos, depois, os novatos, que já tinham compreendido o espírito da coisa. Eu não precisei me acusar de nada, pois fiquei quietinho na minha cama.

O mesmo aconteceu no dia em que, no Salão de Estudos, alguns arteiros passaram a grudar no teto bolinhas de papel molhadas com o cuspe, atiradas com elásticos amarrados aos dedos, como se fossem estilingues.

Eu soube, também, que alguns colegas andaram fumando, escondidos no mato, cigarros feitos por eles próprios. Diabrura de meninos do interior, que os da Capital não sabiam confeccionar tais cigarros. Não é mesmo, colegas de Itu? (Não vou dizer os nomes, porque, disto, que eu saiba, ninguém se acusou).

CAPÍTULO 5

AS VISITAS DOS PAIS



"Non dubito fore plerosque, Attice, qui hoc genus scripturae leve atque non satis dignum summorum virorum personis judicent".

O Padre Constantino, bom latinista, corrigia Cornelius Nepus: - "Non dubito ut futuri sint plerique qui judicent hoc genus scripturae leve....."

Muitos também hão de achar este meu pequeno livro superficial. Realmente, não é obra de retórica e precisa ser entendido como um depoimento modesto sobre fatos de uma época já distante 70 anos, muito diferente dos dias de hoje. Se quem viveu essa época não deixar escritas as suas lembranças, a grande maioria das pessoas perderá a oportunidade de conhecer um passado de coisas que não existem mais. Os que vivemos o início dos anos 50 somos, hoje, uma minoria. Não há mais seminários como o de São Roque. Os mestres também não são mais como aqueles que venho descrevendo. Portanto, mesmo para padres e bispos mais moços, o que conto aqui poderá ser novidade. Mentira não é, nem exagero. Palavra de seminarista.

Os nossos pais também eram diferentes. É difícil explicar a uma criança ou a um adolescente de hoje, por exemplo, que bastava um olhar do pai ou da mãe para que seu filho mudasse imediatamente de atitude. Que, na mesa, criança não conversava. Que, chegando uma visita, as crianças não deviam ficar na sala. Que namoro dos jovens somente podia acontecer com a presença de uma terceira pessoa, "segurando a vela". Que professor era respeitado na sala de aula. Que criança ouvia, de cabeça baixa, com respeito, temor e arrependimento, as admoestações. Que se tomava a benção dos pais, avós e tios. Que as pessoas dobravam o

joelho, para beijar o anel do bispo. Meu padrinho Monsenhor Paulo contava que, no tempo dele de menino, sua mãe obrigava os filhos, na rua, a tomarem a benção dos mendigos que passavam.

Por outro lado, criança podia brincar na rua o dia todo, pois não havia perigo. Os quintais também eram grandes e não como os playgrounds dos condomínios atuais. Pulava-se a "amarelinha", brincava-se de pega-pega e de esconde-esconde. Correr pelas ruas empurrando um aro de metal com o cabo de uma vassoura ou rolando um pneumático velho era tão divertido quanto, hoje, é jogar vídeo game. Voltar sozinho da escola, junto com os colegas, era normal, pois as mães nem tinham carro para fazer fila dupla na porta do colégio. Naquela época, criança ganhava roupa, em vez de brinquedo, e não ficava triste.

Isto, às vezes, tinha um preço alto. Eu, certa ocasião, meses antes de ir para o Seminário, ganhei uma mala de escola, no dia do meu aniversário. Sim, mala nova era presente, também. Quando voltava da escola, com os meus colegas, um deles, maldosamente, deu um tranco em minha mala e a jogou no meio da rua. Sai correndo atrás do moleque e um carro atropelou nós dois. Fiquei boas horas desacordado e tive uma amnésia. Até hoje, só sei o que aconteceu porque minha irmã Maria de Lourdes estava presente, tudo assistiu e me contou.

Com isto, quero dizer que não devem levar as minhas críticas ao sistema de então como um desabafo. Estou apenas retratando uma época diferente da atual e considero importante que as pessoas de hoje possam ter conhecimento do que se passava há setenta anos. Pouca gente teve a oportunidade de viver dentro de um seminário. Podem ter curiosidade de saber como era essa vida. Os padres hoje admitidos ao sacerdócio não viveram o que eu e os padres velhos, já eméritos, vivemos. O que eu conto aqui eles não aprenderam e não viram no seminário que frequentaram. Portanto, creio que meu livrinho despretensioso pode ter alguma utilidade.

Quanto ao Padre Ministro, citado com frequência nestes meus apontamentos, era efetivamente uma pessoa severa. Porém, para nós, ele era, mais que tudo, o substituto da figura paterna. Um pai à moda antiga, exigente, mas preocupado com o bem estar da família e provedor das necessidades de todos, com um afeto às vezes mal demonstrado mas, sem dúvida, verdadeiro. Desdobrou-se nos cuidados, embora tenha exagerado nas restrições.

Nossa vida girava em torno da figura do Padre Ministro. Pela sua personalidade forte, o Padre Constantino era mais importante para nós que o próprio Reitor. De uma certa forma, o Seminário de São Roque era o Seminário do Padre Constantino. "Sem ele, o Ibaté não teria sido o mesmo." É uma frase que gosto de repetir.

Tenho uma dívida de gratidão para com ele: creio que um dos piores momentos de minha vida foi o falecimento de meu pai, em 1975. Fiquei profundamente chocado. No seu velório, eu chorava copiosamente, não conseguindo me controlar. E, quem apareceu lá, vindo ao meu encontro por trás, sem que eu percebesse, para carinhosamente me abraçar, apertando-me contra o seu peito longamente, num gesto verdadeiramente paternal? Dom Constantino Amstálden, o Bispo de São Carlos. Viera a São Paulo para consolar os familiares de meu pai e de um outro paroquiano da Bela Vista, também falecido no mesmo dia.

Faço esta introdução porque já falei bastante em tom de crítica e outros assuntos desse teor serão tratados, até o fim do livro. O meu pequeno trabalho é uma dissertação de muito saudosismo sobre nossa adolescência, conta episódios banais, procura adotar um tom de graça, é propositadamente leve, mas, seu principal objetivo é revelar um mundo que ficou para trás. Um mundo cheio de momentos desagradáveis, também. Poderá ser útil a quem quiser analisar aquela época. Muita coisa que deixei de escrever aqui poderá ser encontrada nas entrelinhas.

Dadas essas explicações, falemos dos dias de visitas em São Roque.

Os pais e parentes podiam ir ao Seminário, uma vez por mês, em um dos dois domingos reservados para o seu comparecimento. Não era permitido que fossem com maior frequência. Seminarista que recebesse visitas no primeiro domingo do mês não podia receber outras, no terceiro domingo. E vice-versa.

Havia um trem que chegava a São Roque por volta das nove horas da manhã e outro que partia para São Paulo lá pelas 16 horas. Meus pais se encaixavam nesses horários. Do centro de São Roque, tomavam o ônibus que fazia o percurso até Araçariguama e os deixava na porta do Seminário. Na hora de irem embora, não me era permitido acompanhá-los até o ponto do ônibus.

As visitas traziam lanches e promoviam piqueniques sob as árvores ou nos caramanchões ou no bosque ou no salão que ficava na parte inferior, com entrada pela frente do prédio. O edifício tinha 3 andares, se visto de frente, ou 2, se observado pelo pátio dos fundos. Tinha um corpo central, com duas alas laterais. Ficava em um declive, razão pela qual foram construídas algumas salas, na frente, ao rés do chão, compondo um andar a mais, que não era visto dos fundos.

Quando chegamos em São Roque, em 1949, somente metade do prédio estava pronta. Para construir o restante, os operários abriram um grande buraco, com picaretas, fazendo cortes no barranco, de modo a formar uns grandes cubos de terra que, com uma alavanca, eram derrubados em uma carroça puxada a burro. Às vezes, o animal se assustava e disparava até o começo da descida que ia dar na piscina, perto de um lugar onde foi construído um cruzeiro. Essa corrida do burro era uma diversão para nós, que ficávamos torcendo para que acontecesse. Já os operários ficavam desesperados, correndo atrás do fujão.



(o buraco e o cruzeiro; ao fundo, o Saboó; quem mal aparece na foto é minha irmã Maria de Lourdes)

Nos dias de visita, nem todos iam de trem. Havia um caminhão, com placa de Salto, que trazia uma família numerosa. Havia vários colegas dessa cidade, assim como de Itu.

A primeira visita que recebi foi de meu pai. Mamãe estava acamada e foi sozinho, para meu desaponto, pois eu estava morrendo de saudades de Dona Maria Paula. Não fora avisado que era necessário trazer o lanche e o meu pai acabou conseguindo que nós dois almoçássemos no refeitório dos alunos, após a saída destes. Lembro muito bem que o rigoroso Padre Constantino não perdeu a ocasião de dizer: "- Toschi, eu estou fazendo isto, hoje, em caráter excepcional. Das próximas vezes, traga um lanche!"



(Eu e meu pai almoçando no refeitório dos alunos, em um dia de visita dos congregados da Paróquia do Divino Espírito Santo da Bela Vista ao Seminário. Ao fundo, Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo conversa com seu grande amigo, Monsenhor Luiz Gonzaga de Almeida, nosso Reitor.)

Papai sempre teve um bom relacionamento com os padres, pois a empresa onde ele trabalhava pertencia a uns senhores muito católicos (João Batista Isnard, José Villac e João Baptista Isnard Gouveia) e tinha, dentre outras, uma seção de artigos religiosos, onde padres e freiras sempre tiveram excelentes descontos, para qualquer tipo de artigo que desejassem. Mais tarde, eu também trabalhei nessa empresa e sei como os seus diretores eram condescendentes com o clero. Era nessa empresa que o Seminário alugava os filmes que eram exibidos, duas vezes por mês. Procuravam sempre fornecer filmes adequados para os seminaristas. Certa vez, não tendo mais nada novo no estoque, encontraram um filme denominado "Anjinhos de Cara Suja". Só vimos as primeiras cenas, com um casal de namorados se beijando. O padre tapou a lente do projetor com a mão, o filme foi suspenso e ficamos sem cinema.

Certa ocasião, essa empresa deu de presente um aparelho de televisão para o Seminário, o que era uma novidade, na época. Instalaram o aparelho junto à sala do Reitor e só foi permitido

que alguns alunos, dos Grandes, assistissem alguns jogos e alguns programas, creio que musicais. Os Menores, como eu, não tiveram esse privilégio. Esta é uma revisão do meu livro Palavra de Seminarista, publicado, pela primeira vez, em brochura, em 1998. Eu havia dito, anteriormente, que, na Copa de 1950, os alunos mais velhos puderam ver os jogos pela televisão, enquanto os menores, como eu, tiveram que se contentar com o último jogo, aquele em que o Brasil perdeu o título para o Uruguai, quando o televisor foi instalado no pátio do recreio. Isto não é verdade. Em 1950, não houve transmissão da Copa do Mundo pela TV, porque, nessa época, o Brasil ainda não havia inaugurado sua primeira estação, a TV Tupi, de São Paulo, o que se deu em 18 de setembro daquele ano, depois, portanto, de encerrada a Copa do Mundo. O fato a que me referi deve ter sido um outro jogo de futebol de campeonato de menor categoria. Mas, falarei, adiante, sobre o presente do televisor que, de fato, ocorreu.

Acompanhados das visitas, podíamos passear por toda a propriedade, indo até o alto do morro de onde se via São Roque; descendo até à piscina, pelo bosque que tinha uma gruta com a imagem de Nossa Senhora; ou passeando no outro bosque, ao lado dos caramanchões, que era muito pitoresco, com um curso d'água que formava um pequeno lago.

Monsenhor Luís Gonzaga de Almeida, nosso primeiro Reitor, em 1949, costumava dar aulas de Religião aos alunos do Admissão, nesse bosque. Um dia, eu vi um bule velho de ágata jogado perto do riacho e resolvi pegá-lo. Quando percebi, entre minha mão e o bule havia uma grande aranha caranguejeira. Nunca vi um bule voar tão longe.

As visitas serviam também para as famílias irem se conhecendo, pois ficavam todos nos mesmos lugares. Isto fazia com que pudéssemos perceber alguns lances engraçados, como o de uma mãe de certo aluno muito mimado, que era filho único, respondendo com uma voz lamuriante aos inúmeros pedidos de compras de novos objetos: -"Tômpo, filhinho, tômpo!"



Fora desses dias, os pais só compareciam em datas festivas. Era montado um palco no refeitório, pois o anfiteatro ainda não havia sido construído, onde eram apresentados alguns esquetes e números de música, geralmente peças musicais famosas, com sua letra adaptada para a circunstância. Na festa dos pais, uma música erudita ficava com a seguinte letra:

O Seminário festeja Os pais eleitos por Deus Para doar à Igreja Aqueles que são filhos seus.

Caros pais, sois hoje a nossa alegria A mesma festa que é nossa é vossa É a festa do Coração de Maria.

Meu pai furou, certa vez, o esquema de visitas. Em um dia de entrega solene de boletins, creio que semestrais, para grande surpresa minha, ele apareceu, quando a sessão já estava iniciada. Como ainda não tínhamos o anfiteatro, transformaram o nosso refeitório em sala de cerimônia solene. Os padres estavam sobre um tablado, em que fora montada uma mesa de presidência dos trabalhos. Os alunos ficaram numa plateia onde tinham sido retiradas as mesas do refeitório. Nunca houve outra reunião de entrega de boletins, tão solene como aquela. Não me recordo qual o motivo dessa distinção. Devia ser a comemoração de alguma data especial, suponho. De repente, entra no recinto, depois de a cerimônia já estar em andamento, o Padre Constantino, acompanhado de meu pai e do Sr. João Batista Isnard. Não estavam sendo

esperados, foi uma surpresa o sucedido. Convidaram-nos para fazer parte da Mesa e, para alegria minha, fui chamado para receber a medalha de primeiro aluno da classe, naquele mês ou semestre. Algumas vozes maldosas sussurraram que aquilo tinha sido arrumado. Pura maledicência. Meu pai não sabia que aquele era dia de entrega de medalhas, os padres não sabiam que ele iria comparecer e, para mim, não era novidade ser o primeiro da classe, embora geralmente fosse superado pelo Marcos Tarcísio Masetto ou pelo David de Moraes. O Marcos sempre foi muito estudioso e se preparava com empenho para obter boas e merecidas aprovações. O David, muito inteligente, não deixava por menos. Volta e meia era ele quem subia ao palco para receber a medalha. Já eu, vez por outra, servia de lembrete aos dois que era preciso não esmorecer para não desmerecer. Foi assim que, nesse dia em que o Seminário ganhou da firma Isnard & Cia., da qual meu pai era o gerente, um aparelho de televisão, eu, coincidentemente, estava sendo condecorado pelas melhores notas obtidas naquele período. Das vezes em que tive essa honraria, quando obtive o primeiro lugar, guardei com carinho várias medalhas. Lembro-me de uma época em que eu estava meio displicente, com notas menos honrosas em várias matérias. O Padre Paschoal me chamou ao seu quarto e passou uma descompostura, exigindo que, no mês seguinte, eu fosse o primeiro da classe ou, ao menos, obtivesse média 9,5. O sermão valeu: tirei o primeiro lugar, com a média nove e meio. Só que ele esqueceu de exigir nota dez em comportamento e, como era regra, eu fui obrigado a receber minha medalha, sem subir ao palco. Aliás, acho que, naquele episódio da presença do meu pai, no dia da entrega de boletins, houve mesmo uma "proteção", não dos professores, mas, do Padre Ministro, que deve ter arredondado a minha nota de comportamento para dez, para que eu pudesse subir ao palco. Quando fui chamado, eu, que não tinha ainda tido a oportunidade de cumprimentar o meu pai, dirigi-me ao palco sem qualquer hesitação, caminhando em direção ao Reitor, que presidia a cerimônia, cumprimentei-o, fui condecorado e, depois, me dirigi a meu pai, de quem tomei a benção, agindo de modo bem formal, passando, a seguir, a apertar a mão dos demais componentes da Mesa. O Darcy Corazza, que não perdia a oportunidade de fazer um comentário, disse que eu agira com muita classe, parecendo um diplomata. A observação valeu mais que a medalha e eu fiquei devendo a gentileza, o que procurarei pagar no parágrafo seguinte:

Assim como o Padre Constantino era o destaque entre o corpo diretivo do Seminário, havia um aluno que se projetava dentre os demais, a ponto de minha mãe, que só via os meus colegas nos dias de visitas ou de festas, anos depois, em nossa casa, quando já tinha 90 anos, me perguntar: - "Como era mesmo o nome daquele seu colega, que eu costumava apelidar de Dono do Seminário ?" (*nota: Maria Paula faleceu aos 102 anos, em 2011)



(Darcy Corazza, seminarista mór – O "dono do seminário")

CAPÍTULO 6

O ANGELUS E O ÂNGELO



No dormitório, o silêncio era regra. Quando as luzes se apagavam, no corredor central duas lâmpadas ficavam acesas, uma em cada ponta do salão, em abajures pendentes do teto, pintados com cores escuras para deixarem transparecer apenas uma tênue luz azul.

Até que os alunos adormecessem, um padre permanecia andando pelos corredores, a passos lentos, sem fazer ruído, dedilhando em ave-marias as contas do rosário que tinha na mão. Creio que as cinco dezenas do terço eram a medida exata para todos estarem entregues aos braços de Morfeu.

As muitas janelas deixavam a claridade da manhã ir invadindo o recinto e despertando os alunos. Os mais sonolentos eram despertados pelas badaladas de um sino que ficava no andar de baixo, pendente de uma das paredes do pátio do recreio.

Antes que esse sino soasse, não era permitido, na última meia-hora, a quem já estivesse acordado, ir ao banheiro. À primeira badalada, porém, todos eram obrigados a não permanecer em repouso, devendo imediatamente trocar de roupa.

Era um exercício de obediência, igual ao que praticávamos no salão de estudos: neste, soando o sino, ao ouvirmos a primeira badalada, tínhamos que parar de escrever, deixando incompleta não só a frase, mas a palavra que estava sendo redigida.

A troca de roupa no dormitório obedecia a um ritual que procurava impedir que ficássemos nus na presença dos colegas, mesmo da cintura para cima. A camisa devia ser retirada por partes, primeiro uma manga, logo substituída pela manga do pijama, depois a outra, completando-se, assim, o ato de vestir o paletó de dormir. As calças somente poderiam ser trocadas depois que a luz se apagasse, por baixo das cobertas. No dia seguinte, de manhã, repetia-se o ritual, em sentido inverso.

Uma das regras vigentes era que doces e guloseimas deviam ser repartidos com os alunos da mesma mesa, no refeitório. Os mais gulosos, visando burlar essa norma, levavam doces e bombons para o dormitório e, à noite, quando as luzes se apagavam, ouvia-se o barulho característico de papel celofane sendo desembrulhado, em vários pontos do salão.

Tão logo nos levantávamos, o primeiro ato era nos ajoelharmos ao lado da cama e rezarmos, em uníssono, o Angelus. Mesmo quem estivesse muito necessitado de ir ao banheiro precisava aguardar o fim dessa oração. Um dia, aconteceu um desastre comigo, que foi um vexame. No meio das ave-marias, não podendo correr para o banheiro, acabei deixando uma roda de pipi no chão, logo vista, com olhar severo, pelo Padre Ministro que, porém, nada falou. O assoalho do dormitório era de tabuas. No andar de baixo, ficava o refeitório. Depois que fomos para a capela, tendo, em seguida, feito no pátio a ginástica sueca, era a hora do café da manhã. Ao entrar no refeitório, eu vi que, em uma das colunas de ferro que sustentavam o forro, estava escorrendo um pouco evidente fio de um líquido. Não falei nada a ninguém.

Ao lado de minha cama, dormia o Ângelo De Cândia Neto. Era meu colega de classe. Certa vez, quando eu acordei de manhã, vi sua cama vazia. Nem sinal do Ângelo. Não estava no banheiro, não apareceu na capela, não foi tomar o café da manhã. Que fim teria levado o Ângelo?

Padre Pedro Baptistela, na ocasião encarregado da disciplina, como substituto do Padre Ministro que estava ausente de São Roque, ficou fora de si, nervoso e inseguro, e veio me procurar. Lembro que era uma manhã de retiro espiritual, mas, ele não se incomodou por quebrar o silêncio. Eu era, naquele semestre, o encarregado da turma dos Menores, uma espécie de ajudante do xerife que, no caso, era o aluno que estava ocupando o cargo de Prefeito, creio que o Walmir Silva Gomes.

O assustado Padre Pedro exigiu que eu desse conta do Ângelo. Mandou que eu saísse pelos arredores, à procura do colega. Só poderia voltar com o Ângelo ao meu lado. Esqueceuse de que eu era, apenas, um menino de 13 ou 14 anos.

Antes que a decisão do Padre Pedro fosse posta em prática, um telefonema vindo de São Paulo esclareceu o mistério. O Ângelo havia fugido. Fora até São Roque, não sei se de ônibus ou a pé, pulou no vagão de um trem cargueiro, no melhor estilo de filmes de faroeste, desceu na Lapa, ligou para sua família e voltou em definitivo para a sua residência.

Porque será que o Ângelo não pediu simplesmente para ir embora, hão de perguntar muitos. Porque fugir ? Quando eu me lembro das dificuldades que tive quando resolvi sair do Seminário, digo que sou capaz de entender, pelo menos em parte, talvez muito bem, as razões do Ângelo. Para ele, foi mais fácil fugir. Gostaria de ter podido reencontrá-lo, para ouvir os seus motivos. Para compará-los com os meus. Muito contribuiriam para este livro que estou escrevendo. Já faleceu. Procurei por ele na internet, mas somente achei seu nome em uma lista antiga de multas de trânsito. Era professor na USP. No bairro de São Mateus, em São Paulo, há uma rua denominada Ângelo De Cândia.

O que ficou engraçado foi o Padre Pedro, no seu desespero, achar que eu, por ser vizinho de cama do Ângelo, tivesse alguma cumplicidade com a fuga. Nem vi. Logo eu que dormia como pedra e que só acordava com a badalada forte do sino. Colega de recreação e de classe, ele não era, entretanto, dos meus amigos mais chegados. Que eu saiba, nada confidenciou a ninguém sobre seus planos. Puro desespero do Padre Pedro.

Nem todos os casos de saída do Seminário foram assim tão românticos. Houve muitos alunos que foram impelidos a se retirar. Os motivos podiam ser banais, como aconteceu com um colega de minha classe que, entusiasmado, na hora do "Deo Gratias", para início do recreio, deu um grito mais alto que o normal e, imediatamente, foi expulso pelo Padre Ministro, que o mandou, árdego, enfurecido, subir ao dormitório e arrumar sua mala. Nós vínhamos para o pátio em filas duplas. A fila dos Menores parava perto da entrada do refeitório, a dos Médios perto da quadra de vôlei, e a dos Grandes no outro canto do pátio. Todos perfilados, aguardávamos o Padre Ministro ou o Prefeito dizer "Benedicamus Domine" e respondíamos "Deo Gratias". Era o sinal de que estávamos liberados para sair da fila e irmos nos divertir. Por alguma razão, o referido colega se entusiasmou e deu um grito mais alto. Era um excelente seminarista. Mas, foi o suficiente para ser sumariamente expulso. Um outro colega, que veio a se ordenar padre, hoje despido das vestes e dos votos sacerdotais, como a grande maioria dos ibateanos que foram ungidos na Ordem de Melquisedec, certa vez, provocado por um companheiro, no refeitório, começou a brincar de riscar uma bombinha de São João na caixa de fósforos. Tanto brincou que a bombinha acabou acendendo. Ficou desesperado, pois era um dia de muito frio e todas as janelas estavam fechadas. Não deu para jogar fora a bombinha acesa, que explodiu no refeitório. O Padre Constantino, que estava na sala de refeições dos padres, ao lado do nosso refeitório, ouviu e veio, vermelho como se fosse explodir, e, sabendo quem fora o autor, simplesmente expulsou colericamente o meu colega. Nem se lembrou que já era noite e que o adolescente não teria como ir embora. O banido era um dos melhores alunos do seminário, comportado e aplicado nos estudos. Foi preciso que os demais padres, que bem o conheciam, vindo ver o que estava acontecendo, usassem de todo o seu prestígio, para convencerem o Padre Ministro a não dar continuidade à punição.

Recordo-me de um caso que o Padre Reitor pediu fosse guardado em segredo mas que, decorridos quase 70 anos (estamos em 2019), creio que já posso contar, sem revelar o nome, porém.

Um dia, estávamos eu e o João Fornazieri jogando xadrez em um tabuleiro que havíamos colocado sobre a mureta da escada que descia para o porão, no fim do corredor que passava pelo refeitório, quando um terceiro aluno se aproximou, para ver o jogo. Estávamos concentrados na jogada e, de repente, esse terceiro aluno, de forma inesperada, acabou agarrando uma parte do meu corpo que eu jamais imaginei que pudesse despertar o interesse de qualquer colega. Fiquei tão assustado que minha única reação foi dar-lhe um empurrão, deixando que sumisse dali.

Ao contrário do que muitos leigos possam pensar sobre os colégios internos, no Seminário de São Roque não havia lugar para coisas desse tipo. Éramos castos e muito ignorantes em matéria de sexo. Entrávamos no colégio com onze anos de idade, totalmente inocentes, pois, antes de sermos seminaristas, já levávamos uma vida de pureza e religiosidade, pois estávamos nos preparando para uma carreira muito especial. Tanto isto é verdade que eu, quando saí do Seminário de São Roque, aos dezesseis anos, não sabia coisas que todos os rapazes da minha idade, do meu bairro, estavam cansados de conhecer.

Como eu disse, minha reação impulsiva foi dar um safanão naquele colega. Dias depois, durante uma sessão de cinema, no anfiteatro, aquele mesmo colega deu um jeito de sentar-se ao meu lado e, assim que as luzes se apagaram, atacou-me novamente, de forma mais acintosa. Desta vez, minha reação foi mais séria. Dei-lhe uns murros e expulsei-o de perto de mim. Isto foi numa sessão de cinema, à noite, após o jantar.

No dia seguinte cedo, eu fui procurar o Padre Diretor Espiritual e contei-lhe o sucedido. Este, nada podendo fazer, em razão do sigilo de confissão imposto ao seu cargo, disse-me que o assunto era muito grave e que eu devia procurar o Reitor. Fiz isto logo em seguida. O Reitor me ouviu, nada comentou e mandou que eu não contasse absolutamente nada a ninguém. Quase ao fim da tarde desse mesmo dia, o Reitor me chamou para comunicar que aquele aluno já estava na casa de seus pais, em sua cidade de origem, e que não retornaria mais ao Seminário. Foi o único caso da espécie de que eu tive notícia, enquanto estive em São Roque. Não acredito, nunca soube que tenham ocorrido fatos semelhantes em nosso Seminário. Da mesma forma, recuso-me veementemente a acreditar que tenha ocorrido algum caso de pedofilia, envolvendo padres e alunos. Naquele tempo, não haviam inventado, ainda, a expressão "opção de gênero" e indivíduos que não fossem empedernidamente másculos procuravam ser extremamente discretos. Mas, no Seminário, não havia lugar para eles.

Perda lamentável foi a do nosso colega Jésus. Morreu enquanto tomava banho de piscina. Havia participado do chá da tarde, não sei se comeu mais que o normal, e foi nadar. Sentiu-se mal e afundou na piscina. Como a água era bastante turva, pois não era uma piscina azulejada e de água tratada, foram necessários vários mergulhos de colegas mais experientes para encontrá-lo. Foi um dia muito triste e um choque terrível para todos nós.

Não tínhamos uma enfermaria, de forma que, quando alguém ficava de cama, permanecia no próprio dormitório. A única exceção foi a gripe coreana, que derrubou vários alunos e professores. Foi uma epidemia brava, que atacou muita gente, no Brasil e em outros lugares, na época em que se desenvolvia a Guerra da Coréia, daí o seu nome.

Para diminuir o contágio, foi improvisada uma enfermaria, usando, para tanto, dois quartos que normalmente eram dos padres. As camas foram colocadas bem juntas, lado a lado, lotando os quartos. Entre eles havia uma divisória que podia ser e foi removida. Naquele tempo, a penicilina ainda era novidade e tinha que ser tomada por injeção intramuscular, em muitas doses, a cada duas horas, durante vários dias. Tínhamos um colega que havia trabalhado em farmácia e que se desdobrou de forma abnegada, dia e noite, até ficar exausto e cair também doente. Tomamos tantas injeções que o meu braço mais parecia o fundo de um coador de chá, cheio de pontinhos pretos. O Padre Constantino não permitia que injeções fossem dadas nas nádegas. Contou-me um colega, o Gilberto Lukatts, "farmacêutico" no tempo em que esteve em São Roque, que, em certa ocasião, foi chamado pelas freiras para aplicar uma injeção contendo ferro, numa irmã que estava acamada. Como é sabido, tais injeções doem muitíssimo, razão pela qual só podem ser aplicadas nas nádegas. Estava o Giba se preparando para o procedimento quando, repentinamente, chega, espavorido, o nosso Padre Ministro, para dizer, afoito: "-Seminarista meu só aplica injeção no braço". Coitada da Irmã de Jesus Crucificado.

Lembro-me que um tio meu, que tinha farmácia no Brooklin Paulista, Roque Petroni Júnior, contava que, nessa época inicial da penicilina, era obrigado a permanecer na casa dos clientes, durante toda a noite, aplicando injeções, revezando-se com os seus auxiliares, que ficavam durante o dia. É incrível. Hoje, para tomar antibióticos, bastam uma, duas ou, no máximo, três doses diárias de simples comprimidos, que são tomados por boca, sem necessidade de injeções.

São os progressos da medicina. Naquele tempo, São Roque não tinha qualquer hospital. Havia um médico obstetra que, uma vez por ano, fazia a caridade de ir ao Seminário fazer um check-up geral nos alunos. Um dia, eu estava com umas dores no lado direito do abdome, quando esse médico apareceu. Fez um exame geral e, quando foi apertar minha barriga, senti dor forte e ele, depois de examinar melhor, sentenciou: - "É apêndice, moço. Se continuar doendo, avise, que nós vamos operar". Confesso que senti um medo enorme. Fiquei pensando como ele iria me operar, se São Roque não tinha hospital. Não me ocorreu que ele iria me levar

para uma cidade próxima, mais provida de recursos, talvez Sorocaba. Só sosseguei quando obtive autorização para ir a São Paulo, para me tratar com um tio meu que era médico, o Dr. Lauro Americano Sant'Anna. Permaneci em São Paulo uns quinze dias.

Minha mãe me levou ao consultório do meu tio. Este confirmou o diagnóstico. Era apêndice. Isto foi em 1951 ou 1952. Vejam como era a medicina da época. Fosse hoje em dia, eu seria levado imediatamente para um hospital e operado. Meu tio chamou minha mãe de lado, os dois se afastaram de mim e conversaram em tom de voz bem baixo, para eu não escutar. Mas, escutei.

Ele disse:

"-Sabe, Paiota?! Existe uma teoria nova, que está sendo analisada, não qual eu não acredito, mas, não posso deixar de levar em consideração: dizem médicos especialistas que há uma certa relação entre o apêndice e o desempenho sexual. Se a pessoa extrai o apêndice desnecessariamente, corre o risco de ser afetada no seu desempenho sexual".

Uma teoria estapafúrdia, da qual nunca mais se ouviu falar. Na qual meu tio não acreditava.

Por incrível que pareça, eis a resposta igualmente estapafúrdia de minha mãe:

"-Mas, não tem problema, Lauro, ele vai ser padre!"

Finalmente, uma resposta sensata do meu tio:

"-Paiota, nunca se sabe o dia de amanhã!"

Jamais passara pela cabeça de minha mãe que eu pudesse não ser padre! A hipótese aventada pelo meu tio era tão absurda para ela, que nem deu resposta. Mas, seu semblante dizia tudo.

Acabei não sendo operado. Tenho o meu apêndice até hoje. Porém, confesso que senti dores na região, por muito tempo. Lembro que, nos sábados à noite, lá no Seminário, antes da "Hora da Ave-Maria", tínhamos que engraxar nossos sapatos. Para fazer isto, eu me agachava. Era o suficiente para eu sentir a dor no lado direito do abdome, na região onde está o apêndice. Mesmo depois que deixei São Roque, essa dor me molestou por vários anos. Com o tempo, parou de me incomodar.

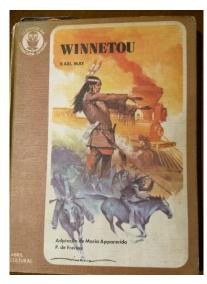
O importante é concluir que, pela atitude de minha mãe, fica fácil entender porque eu era tão ignorante, até então, a respeito de sexo. Que absurdo. Por conta de uma aspiração religiosa, não eram dispensados ao próprio filho os ensinamentos essenciais sobre assunto de tamanha relevância. Meu pai, nesse ponto, foi inteiramente omisso.

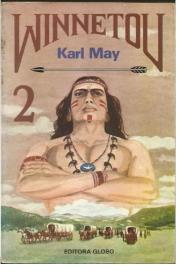
Não foi uma falha deles. Era assim, naquela época. Conversando recentemente com uma de minhas irmãs, esta revelou que, também ela, chegara a uma idade de plena adolescência, completamente ignorante sobre assuntos básicos de educação sexual. Nisto, os tempos atuais são bem diferentes, bem melhores.

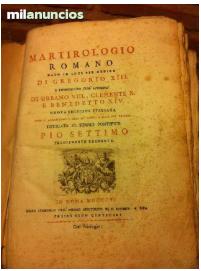
CAPÍTULO 7

O REFEITÓRIO

"WINETOU"! Karl May - No centro do refeitório, em pé diante do pedestal que suportava o livro a ser lido, um dos alunos dos Grandes, escolhido para o mister, com voz firme, pausada, forte o suficiente para que todos ouvissem, anunciava o início de mais um trecho da história que vinha sendo apresentada durante as refeições principais. O primeiro a ser Leitor foi o Darcy Corazza. Durante muitos anos da vida do Seminário de São Roque, Winetou foi o livro mais festejado. Contava as aventuras de um príncipe da tribo apache. Peles Vermelhas e Caras Pálidas se enfrentavam bravamente. A obra de Karl May tem três volumes, cada um sendo uma história diferente. O interessante é que esse admirado autor de livros sobre o envolvimento dos índios americanos com os brancos nunca esteve na América. Escreveu também sobre outras aventuras, em diversas partes do mundo. Parte de sua obra foi escrita enquanto estava na prisão. Tínhamos, também, a leitura de obras de Julio Verne e de outros autores consagrados, mas Winetou sempre foi o preferido. Tenho em minha estante um exemplar do segundo volume







Para chegar ao refeitório, os alunos haviam entrado em silêncio, vindos em fila, como sempre fazia a comunidade para se deslocar pelo prédio. Cada um havia se dirigido para a mesa que lhe fora designada no início do semestre e, de pé, à frente de sua cadeira, em coro, rezavam uma simples ave-maria, no caso do café da manhã ou do chá da tarde, ou, então, as orações rituais para antes do almoço ou antes do jantar, "ante prandium et ante coenam". Quando terminassem a refeição, iriam rezar novamente as orações "post prandium et post coenam". As refeições eram tomadas em silencio, exceto nos domingos e dias feriados, como as quintas-feiras, em que, no almoço, era proclamado o "Benedicamus Domino", respondido com o "Deo Gratias". Tais expressões eram a autorização dada para os seminaristas ficarem à vontade. Nas refeições, autorizavam a conversar. Nos momentos de recreio, autorizavam a sairmos das filas em que tínhamos chegado ao pátio a fim de desfrutar os bons momentos de confraternização e diversão. Algo semelhante ao "Companhia, Fora de Forma" que eu ouvi muitíssimas vezes no quartel em que servi o Exército e onde o Padre Constantino também serviu, à sua época.

No refeitório, assim que todos se acomodassem, os alunos escalados para serem os garçons iriam trazer as travessas com os alimentos preparados sob o comando das freiras de Jesus Crucificado. A cozinha ficava separada do refeitório, cuidadosamente, sem ter uma comunicação direta. Havia apenas uma abertura na parede, uma pequena janela, na qual fora instalado um cilindro rotatório de madeira, ocupando o espaço todo, com meia abertura na parte de baixo e outra meia abertura a 180 graus, na parte de cima, cada uma dessas aberturas tendo uma bandeja, para que fosse permitido passar os pratos da cozinha para o refeitório e vice-versa, sem que se pudesse olhar, de um desses recintos, para dentro do outro. Essa roda tinha por finalidade isolar completamente os seminaristas das irmãs e cozinheiras. Esse tipo de equipamento é muito comum em locais onde surge a necessidade de passar objetos de um recinto para outro, sem que as pessoas de um deles vejam as que estão no outro recinto, como, por exemplo, o serviço de quarto, nos motéis.

Havia uma preocupação muito grande para que os alunos tivessem uma vida totalmente separada das demais pessoas que prestavam serviços ao Seminário, principalmente as do sexo feminino. Na verdade, somente víamos uma ou duas freiras no sábado, dia da semana em que levávamos nossas roupas para a lavanderia. Geralmente, a Madre Superiora ficava recebendo as sacolas de roupas a serem lavadas e, ao mesmo tempo, uma outra freira entregava as já lavadas e passadas, que havíamos deixado no fim da semana anterior. Como sempre, íamos até à lavanderia em fila, em rigoroso silêncio, cada um com sua sacola de roupas. Todas as peças eram numeradas, com etiquetas costuradas às mesmas, contendo a identificação do aluno, para facilitar a separação e conferência. Meu número era o 55. As mães haviam recebido orientação nesse sentido, quando foram entregues as listas do enxoval. Esse número tinha que ser posto, também, nos objetos de uso pessoal, cadernos, livros, etc.

Fora dessa ocasião, raramente víamos as irmãs, que residiam em dependência totalmente isolada do prédio dos alunos, com entrada pela avenida que vinha desde a estrada municipal até o pátio de recreio. As freiras tinham, inclusive, capela própria, não participando das cerimônias religiosas dos alunos. Às vezes, quando, por doença, algum aluno tinha que permanecer no dormitório, era comum encontrar a Madre Superiora, que costumava fazer uma ronda para verificar se o serviço de limpeza estava sendo bem feito pelos funcionários contratados. Um dia, estando de cama, eu aproveitava o ócio para costurar umas roupas e pregar uns botões. A Superiora passou e, à falta do que dizer, comentou que eu tinha muita habilidade para isso. Expliquei-lhe que devia ser um dom herdado de meu avô, que era um alfaiate de renome, em São Paulo. Foi a única vez em que tive oportunidade de conversar com uma das freiras.

Não tínhamos quase contato com os demais empregados, raramente surgindo uma oportunidade para trocarmos algumas palavras com o motorista Luizão ou algum outro servidor. Havia um senhor, já idoso, que era marceneiro. No fundo do pátio do recreio, numa pequena oficina, ao lado da garagem que abrigava o Ford 29 que pertencia ao Cônego João Bueno, ele fazia pequenos serviços com madeira. Certa vez, na companhia de colegas, ouvimos o marceneiro pedir ao seu ajudante o "insipié". Curioso, um colega perguntou o que era. Disse que servia para "insipiá". Mas, o que é "insipiá", indagou o colega. Ora, é "acochá", respondeu. E "acochá", o que é ? Ele, então, fez um gesto esclarecedor, indicando o movimento que fazia com o instrumento, para aplicá-lo na madeira. Era, nada mais, nada menos que a plaina, usada para acertar a tábua que ele estava trabalhando.

Sentados à mesa, no refeitório, um dos alunos dava início ao serviço, tomando um primeiro prato de comida e dele se servindo. Isto feito, passava o prato ao colega à sua direita. Cada aluno ia passando as travessas para o companheiro da direita, até a roda se completar. No dia seguinte, o primeiro a se servir era o aluno que ficava à direita daquele que tinha tido esse privilégio na véspera. Desta forma, ninguém tirava vantagem, em relação aos demais. Não que

a comida fosse limitada, pois podiam ser pedidas tantas novas travessas quantas fossem necessárias. Os alimentos eram preparados com esmero, sendo bastante variados e bem nutritivos. Comida simples, caseira, muito bem feita e saborosa.

Aliás, nenhum outro privilégio era permitido no refeitório. Quem tivesse recebido de sua família alguma lata de doce ou guloseima semelhante, podia guardá-la em um armário e, todos os dias, antes de se sentar, ia buscá-la, para reparti-la com os colegas de mesa. Era comum, nos dias de visita, as mães e demais parentes trazerem goiabadas, doces caseiros, compotas, etc. Minha família já trazia o suficiente para todos os de minha mesa se fartarem.

A comida era abundante. Se alguma travessa se esvaziasse, antes de toda a mesa ter-se servido à vontade, os garçons, imediatamente, iam buscar nova remessa junto à cozinha. Como sobremesa, geralmente, era servida uma fruta do pomar. Garçons eram alunos dos Maiores, que eram escalados para prestarem esse serviço aos colegas. Havia uma escala periódica, para tanto.

O Seminário tinha uma plantação bem numerosa de pereiras, que produziam aquelas pêras duras, esverdeadas, meio sem gosto. Na hora do lanche, era colocado junto à porta externa da cozinha um caixote cheio de frutas e fazíamos fila para nos servirmos. Um dia, reclamamos que não aguentávamos mais comer pêra. Disponibilizado o caixote na porta da cozinha, ninguém foi se servir. O Padre Ministro, aborrecido, soprou seu apito e nos passou um pito, dizendo que muitos de nós não tínhamos fruta nenhuma em nossas casas e que, no entanto, estávamos nos dando ao luxo de reclamar. Os alunos, em sua maioria, não eram de famílias abastadas, muitos eram amparados pela Obra das Vocações de suas paróquias mas, também, não era para tanto. Na minha casa, sempre tivemos frutas, mesmo que fossem apenas bananas. Nossa casa era vizinha da quitanda do Sr. Belmiro, de quem éramos bons fregueses.

Uma fruta mais rara de se ter em casa era a maçã. Quando eu era pequeno, não havia, ainda, produção nacional significativa dessas frutas, que vinham da Argentina, em caixotes, embrulhadas em papel de seda azul, tendo o caixote a inscrição "Manzanas de Rio Negro". Naquela época, não se encontravam maçãs nas quitandas dos bairros, em São Paulo. Era preciso ir ao centro da cidade, para adquiri-las. Aliás, acho que a recordação mais antiga que tenho é justamente esta. Eu nasci em 1937 e minha irmã Maria de Lourdes, em 1940. Portanto, a lembrança mais antiga que posso registrar é de quando eu tinha 2 anos e meio. Lembro-me de ter ido à maternidade para conhecer minha irmã. Naquele tempo, as crianças não ficavam em berçários, mas no próprio quarto da mãe. Hoje em dia, estão voltando a adotar essa prática, pois dá mais conforto ao recém-nascido. Recordo-me de minha irmã, com as bochechas muito vermelhas, na sua caminha. Depois da visita, fui com meu pai ao centro da cidade, para comprar maçãs para minha mãe.

Naquele tempo, pelo menos na minha casa, maçã era privilégio de quem estava doente. Quando meus pais compravam essas frutas para um dos seus filhos eventualmente adoentado, os outros ficavam esperando para disputar o "sorvete", nome que dávamos à parte junto ao talo, não servida ao "feliz" enfermo.

Em São Roque, como já contei, as refeições eram tomadas em silêncio e, durante o almoço e o jantar, eram lidos livros. Na refeição do meio-dia, a leitura era sempre de uma história interessante, como o *Winetou*, de Karl May, *A Vestal*, de Edmundo de Amicis, uma história do tempo dos romanos, ou *O Herói do Alcácer*, contando a vida de um padre acusado de um crime que não cometeu mas cujo assassino não podia revelar, pois este se confessara com aquele sacerdote, acusando-se do pecado. Durante o jantar, o livro era sempre sobre a vida de um santo, como o Padre Vianney. Uma passagem de outro livro, que nunca esqueci, sobre

São Luís Gonzaga, que era filho de nobres, contava que ele levava à escola um pajem, para tomar nota da matéria, enquanto ele ficava concentrado, ouvindo as explicações do professor. Era uma esnobação de causar inveja. Esse santo era tão obcecado com a perfeição que nunca conseguiu rezar um rosário por inteiro, pois, sempre que estava rezando uma ave-maria e, por alguma razão, se distraía, começava tudo de novo, desde a primeira ave-maria da primeira dezena do mistério do terço.

No fim do jantar, antes de nos levantarmos, era lido o *Martirológio Romano*, um livro que continha a relação de todos os santos que seriam comemorados pela Igreja, no dia seguinte. Quando, mais tarde, eu servi o Exército, em Quitauna, lembrava sempre do Martirológio, quando, no fim do dia, o capitão reunia a tropa para ler o boletim do quartel, com os despachos burocráticos do dia e os nomes de todos os envolvidos em promoções, dispensas, penalidades, etc.

Aliás, a vida de caserna, por incrível que pareça, tinha muita coisa semelhante à do Seminário. Ambas eram organizações rígidas, com disciplina severa, embora uma voltada para a piedade e para a vida espiritual e a outra bem ligada à proteção das coisas da vida terrena.

Os padres não tomavam suas refeições no mesmo salão dos alunos. Tinham uma sala em separado e aproveitavam o almoço e o jantar para colocarem os seus assuntos em dia.

Nunca tive oportunidade de saber o que o Seminário significava para os professores e dirigentes. Embora fossem padres seculares, estavam ali em regime de quase clausura, isolados, pouco saindo para irem encontrar suas famílias, e nunca vi algum deles recebendo visitas. Deviam gostar daquele ambiente, pois o próprio Cardeal Motta, muitas vezes, para lá ia, quando queria descansar um pouco. Para nós era uma grande festa. Assim que víamos o seu carro se aproximar, corríamos para abraçá-lo e beijar sua mão, pedindo que decretasse feriado, durante sua permanência. O bom arcebispo, muitas vezes, atendeu ao nosso pleito, para contrariedade dos padres, que viam as aulas interrompidas e o cronograma de ensino sendo prejudicado. Quando a coisa se tornou um exagero, o Padre Ministro criou coragem e foi pedir ao Cardeal que não mais nos desse esse benefício, para bem do cumprimento do ano letivo. Mesmo assim, de vez em quando, ganhávamos alguma folguinha extra.

Outros bispos também nos visitaram, como Dom Paulo Rolim Loureiro, que gostava de ficar conversando com os alunos, quebrando completamente o cerimonial, e Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, Arcebispo de Campinas, que, nos retiros, fazia pregações de profunda reflexão, sempre se referindo à Virgem Maria. Sempre que recebíamos uma visita, o primeiro a anunciá-la era o Padre Constantino, tocando em alto som uma marcha norte-americana que ele devia adorar, pelo seu alto-falante de bocal grande, assentado na janela de seu quarto. Certa ocasião, recebemos a visita do Governador Lucas Nogueira Garcez, que veio acompanhado de auxiliares, em grande estilo. Tinha um irmão que era nosso professor, o Padre Matheus. Lembro-me que fui dar uma olhadinha no carro do Governador que estava estacionado no fundo do pátio e vi duas metralhadoras de mão, cruzadas sobre o aparador que fica atrás do banco traseiro.

Nessa visita do Governador, aconteceu um episódio que me deixou meio decepcionado. Foi celebrada uma missa e o Governador ficou no primeiro banco, com seus acompanhantes. Colocaram um genuflexório na frente do altar, no meio do corredor, perto desse primeiro banco. Após a homilia, houve uma coleta, coisa que jamais aconteceu em qualquer outra ocasião. O Governador tirou do bolso um envelope e o depositou numa bandeja colocada sobre o genuflexório. Para que essa ostentação? Não podia, pura e simplesmente, se queria fazer uma doação, entregar o envelope ao Reitor, fora da missa? Porque fazer isto à vista de todos os

seminaristas e demais presentes? Nunca houve outra coleta, nas bem mais de 1.200 missas de que eu participei no Seminário.

CAPÍTULO 8

OS PADRES



(no alto: Padre Paschoal Amato, Padre Constantino Amstálden, Padre José Colaço e Padre José Paine; sentados: Monsenhor Luiz Gonzaga de Almeida, Dom Antonio Maria Alves de Siqueira e Cônego João Bueno Gonçalves)

OS SACERDOTES DO MEU TEMPO (1949-1953): (por ordem de título)

Dom Constantino Amstálden – Padre Ministro – Professor** - Fundador (1949)

Dom Francisco Manoel Vieira – Professor

Monsenhor Luiz Gonzaga de Almeida – 1º Reitor – Professor** – Fundador (1949)

Monsenhor Luiz Gonzaga da Silva – 2º Reitor

Monsenhor João Bueno Gonçalves – Vice-Reitor e Ecônomo – Professor – Fundador (1949)

Monsenhor Antonio Expedito de Barros Marcondes – Professor

Monsenhor João Kulay - Professor

Cônego Paschoal Amato – meu 1º Diretor Espiritual – Professor** – Fundador (1949)

Cônego Jair Nascimento do Val – meu 2º Diretor Espiritual - Professor

Cônego José Mayer Paine – Professor – Fundador (1949)

Cônego Noé Rodrigues - Professor

Cônego Ruy Amaral Mello - Professor**

Padre João Maria Cesar de Resende - Professor

Padre José Maria F. Colaço – Professor** – Fundador (1949)

Padre Luiz Gonzaga de Mello Camargo - Professor

Padre Matheus Nogueira Garcez – Professor

Padre Pedro Eduardo P. Batistella – Professor**

Padre Tarcísio Geraldo da Silva - Professor

** (os assinalados com dois asteriscos foram meus professores)

Muito já falei sobre o Padre Constantino, o nosso Padre Ministro. Sua função era cuidar da disciplina e, também, dos assuntos relacionados com os nossos gastos. Controlava as listas dos alunos e registrava os pagamentos das mensalidades. Diversos alunos eram sustentados por suas famílias, outros contavam com o patrocínio de um amigo dos pais ou de uma empresa, e vários eram custeados pela Obra das Vocações, uma espécie de associação religiosa, existente em quase todas as paróquias, e que se encarregava de arrecadar contribuições dos fiéis para o sustento dos seus seminaristas.

Quando fui para São Roque, meu avô Afonso Toschi foi o responsável pela minha estadia no Seminário, sendo sucedido, após sua morte, pela empresa onde meu pai trabalhava, a Isnard & Cia. Serei sempre grato a esses benfeitores, rezando pelo meu falecido avô e pelos falecidos donos da Isnard. Farei sempre menção especial a eles em minhas orações matinais.

Quando recebíamos visitas, se nossos pais nos dessem algum dinheiro para pequenos gastos, não podíamos ficar na posse dessas quantias, que eram entregues ao Padre Ministro. Este abria uma conta, em um livro caixa, em nome de cada aluno, e ia registrando as entradas e saídas do numerário. É curioso como certas lembranças se apagam completamente. Eu sempre tive algum saldo nessa contabilidade, para os meus gastos pessoais. Porém, absolutamente não me lembro de ter ido entregar ao padre valores recebidos de meus pais. Com certeza, não havia as comodidades dos dias atuais, em que transferências de dinheiro são feitas pela internet. Nem me lembro de meus pais irem ter com os padres, nos dias de visita. Mas, que eu sempre tinha algum saldinho nos alfarrábios do Padre Constantino, não tenho dúvida, pois sempre comprei doces e laranjas, sem qualquer problema. Também não faço ideia de como meus pais efetuavam o pagamento das mensalidades de minha permanência no Seminário. Provavelmente, o Seminário tinha alguma conta em alguma agência bancária de São Paulo, onde os depósitos eram ser feitos. Quanto isto custava? Não imagino.

Às quintas-feiras, dias de folga no Seminário, em lugar do sábado, que era dia comum, costumávamos ir até o sítio de um português, a poucos quilômetros do colégio, comprar laranjas.



(Barizon com as laranjas. O de boné, ao seu lado, é o Lui)

Era um passeio agradável, feito a pé, pela estradinha que ia para a cidade de São Roque.



(Barizon à frente, Lui de boné, Giuntini com suspensórios, Claudio Giordano, bem pequeno, e outros dois, atrás do Barizon. Eu fui o fotógrafo. Naquele tempo, não havia selfie)

Esse caminho era também o utilizado pelos donos de boiadas, para levarem seus animais até o matadouro. De repente, um bando de alunos se encontrava com um bando de bois. Não sei quem se assustava mais. O certo é que, muitas vezes, a boiada estourava e nós tínhamos que sair correndo, para não sermos apanhados pelos chifres daqueles animais. Talvez eu fosse o mais medroso de todos, pois era sempre o campeão na corrida. Lembro-me de um dia em que foi preciso subir num barranco, pois não houve tempo de fugir. Estávamos lá encarrapitados, quando a terra começou a ceder e nós fomos escorregando em direção aos chifres dos bois, que nos esperavam nervosos. Tremi como vara verde. Graças aos santos invocados, os bois desistiram e nos deixaram.

Comprávamos quantas laranjas queríamos e, depois, o dono do sítio apresentava a relação dos gastos ao Padre Ministro, que pagava a conta e registrava as despesas de cada um no seu livro caixa. Nesse sítio havia uma pequena capela rural, bem como um galpão onde fabricavam vinho, espremendo as uvas com os pés. Não sei se nossas compras representavam uma receita importante para o sitiante, que nos tratava muito bem. Devia haver uma dose de camaradagem. Anos depois, um filho dele foi ser um dos nossos seminaristas, o Eduardo Antônio Santiago, apelido Manga, que lá esteve de 1971 a 1973. Porque Manga? Não sei. Comprávamos laranjas.

Outra compra que fazíamos com regularidade era de doces. Uma vez a cada quinze dias, mais ou menos, chegava o caminhão da fábrica de doces. Geralmente, era da Bela Vista, mas, vez por outra, aparecia o caminhão da Neusa ou de outra fornecedora. Formávamos filas e o vendedor ia nos atendendo, com doces de abóbora, de cidra, de batata doce, de batata roxa, de banana e outros. Anotava em uma lista os nossos gastos e depois apresentava a conta ao Padre Ministro. Eu sempre fui muito guloso por doces e me abastecia convenientemente.



Além do Reitor, que era a autoridade máxima no Seminário, outra figura importante era o Padre Diretor Espiritual. O Reitor não cuidava diretamente dos alunos, estava voltado para os assuntos da comunidade, mas não deixava de nos dar muita atenção. Era comum sua presença na hora do recreio, sendo muito interessantes as conversas que tínhamos com o primeiro deles, Monsenhor Luiz Gonzaga de Almeida e com o seu sucessor, que também se chamava Monsenhor Luiz Gonzaga, da Silva. O Almeida, em 1949, nos dava aulas de catecismo.

O Padre Espiritual foi, primeiramente, o Cônego Paschoal Amato, sendo substituído pelo Padre Jair Nascimento do Val. Sua função era dar orientação e cuidar dos assuntos da alma. Uma vez por mês, obrigatoriamente, ou mais vezes, se assim o quiséssemos, tínhamos uma conversa individual com o Padre Espiritual. Íamos ao seu quarto e éramos ouvidos em segredo de confissão. Podíamos abrir nossos corações, contar nossas fraquezas e nossas inquietações e sempre recebíamos um bom conselho. Geralmente, ao fim da entrevista, ouvia-nos em confissão. Padre Paschoal foi meu professor de italiano. Tudo que sei dessa língua, na qual consigo me expressar, aprendi com ele.

Dentro do Seminário, havia uma associação quase secreta, que reunia os mais devotos da Virgem Maria. Seus integrantes faziam uma espécie de voto, dedicando à Santa Mãe suas vidas. Ninguém ingressava nessa associação sem ser convidado. O Padre Espiritual escolhia os candidatos e promovia uma cerimônia de adesão, que consistia em orações de consagração, após um período de devota preparação, onde o candidato devia ler o livro Tratado da Verdadeira Devoção, de São Luiz Maria Grignon de Montfort, instituidor dos Servos de Maria. Essa associação se espalha por todo o mundo religioso, não era uma invenção do Seminário de São Roque, e os padres seus integrantes podem ser reconhecidos pelo fato de, nos sermões, sempre encerrarem a preleção fazendo uma referência a Nossa Senhora, qualquer que seja o tema do dia. Os Servos de Maria dedicam à Mãe de Deus tudo o que possuem, passando a viver como sendo dela os bens de que têm a titularidade. Seu instituidor foi indicado para ser proclamado, pelo Papa, como Doutor da Igreja. O processo já está concluído, há muitos anos.

O Padre Espiritual também substituía a figura do pai, dando orientação sexual aos alunos. Só que fazia isto de forma tão discreta que nem sempre o ouvinte entendia o que ele estava querendo dizer. Lembro-me que, quando comecei a me tornar um adolescente, tudo o que o Padre Paschoal conseguiu me transmitir foi que, não estando eu no convívio de meu pai, cabia a ele me orientar, indicando que se tratavam de fato muito natural algumas mudanças que poderiam estar ocorrendo em meu corpo, mais precisamente no meu órgão genital. Não conseguiu explicar mais nada, talvez porque ficasse encabulado para dar essa aula, mas a intervenção foi oportuníssima, pois eu já havia notado algumas alterações e confesso que estava bastante preocupado, pensando se tratar de alguma enfermidade. Fiquei aliviado quando vim a saber que todos os meninos tinham o mesmo "problema" e que aquele líquido que eu observava de vez em quando não era uma doença, muito pelo contrário.

Outro sacerdote espetacular era o Cônego João Bueno, o Vice-Reitor. Cuidava do patrimônio, pois era, também, o Ecônomo, e, ainda, era o Vigário dos que moravam nas redondezas do Seminário. Mantinha contato com os empregados e sitiantes, que muito o respeitavam. Era uma figura imponente, alto, moreno, meio gordo, com ar de caboclo. Usava um capacete de soldado inglês e gostava de caçar com sua espingarda, que levava ao ombro. Tinha um carro Ford 29, de pneus finos e rodas como as de carroça, com capota conversível. Num dia de chuva precisei ir ao médico, na cidade, e rodopiamos na estrada, que estava lisa como sabão, tenho o Luizão dificuldade para controlar o carro do Padre João.



(automóvel semelhante ao do Cônego João Bueno Gonçalves)

Certa vez, os caipiras que cultivavam as terras vizinhas ao Seminário vieram alarmados, pedir ajuda ao Padre João, porque o mato estava pegando fogo. Diziam: "Padre João!", "Padre João!", "reze por nós que o mato está pegando fogo e não conseguimos controlar!".

Esperavam que as orações do Cônego fossem suficientes para apagar as chamas.

"- Ora, meus amigos", respondeu o Padre João. — "Rezar coisa nenhuma, isto nós vamos fazer depois, para agradecer a Deus. Agora, cada um pegue a enxada e vamos apagar esse fogo!" E lá se foi o Cônego João debelar as labaredas.

Numa outra ocasião, Padre João foi de carroça, lá para os lados do Saboó, dar a extrema-unção a um moribundo. Dentro do Seminário, ele parecia não fazer grande coisa, aos olhos dos alunos. Mas, era o Vice-Reitor e o Ecônomo, isto é, cuidava das finanças. Dava aulas aos alunos mais adiantados. Deus devia estar bem contente com o serviço daquele sacerdote.

Destacava-se por sua santidade o Padre José Colaço. Fora vigário em Santana do Parnaíba, na mesma igreja matriz em que meu padrinho, Monsenhor Paulo Camargo, também esteve, no início de sua carreira. A igreja fica numa praça, tendo ao seu lado uma ladeira que, ao subir, acaba passando perto do telhado do templo. No telhado da igreja havia uma caixa d'agua. Ficava próxima da calçada da ladeira. Padre José nos contou que, um dia, descobriram que um mendigo costumava ir tomar banho na caixa d'agua. Estavam bebendo, portanto, agua suja. Foi um deus-nos-acuda. Pessoa boníssima, o Padre Colaço estava sempre junto aos alunos, nas horas de recreio, com uma prosa agradável e bons conselhos. Era professor de francês e de grego. Devoto de São João Vianney, não sossegou enquanto eu não lhe dei de presente uma relíquia desse santo, que meu pai havia me dado, e que eu costuma trazer no bolso, em um relicário dourado, muito bonito. Disse que a colocou em um altar. Com certeza, em suas mãos, aquela preciosidade estava muito bem guardada. O único desgosto que lhe dei eram as minhas notas de grego, matéria com a qual nunca consegui me entender. Fui o seu pior

aluno nessa língua. Um dia, bravo pelo nota baixa que eu tinha tido, chegou a me aplicar uma palmada, na hora do recreio.

Outro que me convenceu a dar-lhe um presente foi o Padre João Kulay. Eu havia ganho um ímã bem grande, em forma de ferradura, do sacristão da minha paróquia, o Sr. Antônio. O Padre Kulay estava montando o laboratório de Física do Seminário e minha contribuição foi recebida de bom grado.

O Padre Matheus Garcez não chegou a ser meu professor. Lecionava para os alunos mais velhos. Eu o conhecia do tempo em que era coadjutor na minha paróquia. Aliás, a Paróquia do Divino Espírito Santo da Bela Vista contou com a participação de várias pessoas ligadas ao Seminário de São Roque. Meus colegas de classe Dom Oswaldo Giuntini e Dom Antônio Gaspar foram coadjutores dessa paróquia. O Marcos Pellizari de Souza, também. Padre Mário Ranaldi, antigo Vigário de São Roque, no tempo em que era Frei João, carmelita, foi também Vigário da Bela Vista, como padre secular. Dom Constantino Amstálden, antes de ser Bispo de São Carlos, foi Vigário Auxiliar da Igreja do Divino Espírito Santo. Levou com ele o Padre João Kulay. Dom Francisco Vieira, professor em São Roque, era originário da nossa paróquia. Monsenhor Expedito Marcondes, o Regente do nosso Coral, foi também nosso coadjutor na Bela Vista. Encerrou sua carreira no Vaticano, onde era o responsável pela edição em português do Observatório Romano, o jornal oficial da Igreja. O Padre Luiz Gonzaga de Mello Camargo, sobrinho do nosso pároco Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo, também andou por lá.

Alguns de nossos professores haviam sido de paróquias a que pertenciam os meus colegas, como o próprio Padre Constantino, que serviu em Santo Amaro, de onde veio o Ary Joly, o Padre Paschoal e o Padre Pedro, que pertenceram a paróquias da Zona Leste, donde vieram o Attilio Brunacci, o Oswaldo Giuntinni, o Paulo Sebastião Ribeiro e outros.

Guardo de todos os professores muita saudade e reconheço que muito do que sei é fruto dos seus preciosos ensinamentos. Mais que tudo, foram homens que nos formaram sabiamente para a vida e para a fé. Não que eu, hoje, esteja muito apegado às práticas de religião que eles me propiciaram. Mas, quanto à fé, souberam fazer robusta a minha crença.

Continuo Católico, Apostólico, Romano, mas, não tenho a assiduidade paroquial que com eles aprendi. A culpa não é inteiramente minha, pois, tendo chegado ao divórcio por desejo de minha primeira mulher, sofro proibições sacramentais impostas pela Igreja, a meu ver extremamente injustas. Conheço certas alternativas que, já me sugeriram, tribunais eclesiásticos oferecem, mas, com elas não concordo. Quero ter o direito de aproximar-me da mesa eucarística de cabeça erguida, pois acredito no TODOS VÓS oferecido por Jesus na Santa Ceia, eis que, como dizia meu amigo Corazza, "comunhão não é um prêmio, é remédio". Quero, não mais, sentir certa revolta quando, na missa, ouço o padre proclamar: "Felizes os Convidados para a Ceia do Senhor!" Como, Sr. Padre, eu não sou convidado? Quer que eu me retire? Isto é o que sinto. Por isto, pouco vou à missa.

O Padre José Mayer Paine era filho do Sr. Paine, colega de meu pai, na Isnard & Cia. Por isso, me tratava de modo muito especial. Certa vez, numa noite muito fria, do inverno gelado de São Roque, eu inventei de dormir sem cobertores. Justamente no dia em que o Padre Paine estava fazendo a ronda noturna, no dormitório dos alunos. Ao passar pela minha cama, perguntou: -"Onde estão seus cobertores?" Eu respondi que não estava precisando deles. — "Não senhor, ponha, no mínimo, dois cobertores. E boa noite!" Vindo da Paróquia Bom Jesus do Brás, onde foi Vigário Cooperador em 1947 e 1948, foi professor em São Roque apenas no ano de 1949, pois, em 1950 voltou a ser Vigário Cooperador na Paróquia Santa Cecília. Em

1951, tornou-se professor no Seminário Central do Ipiranga e Secretário Geral da Obra das Vocações Sacerdotais. De Vigário Auxiliar da Paróquia de Santa Cecília, tornou-se, em 1954, Vigário Ecônomo da Paróquia de Santa Generosa, da qual se tornou o Pároco, de 1959 a 2017. Foi Cônego do Cabido Metropolitano e, em 2017, recebeu o título de Capelão de Sua Santidade (Monsenhor). Participava da Prelazia Opus Dei. Faleceu em 2018.

Um dia, eu estava no pátio do Seminário, com outro colega, creio que o Victor (José Victor Alves Neto, de Jundiaí), quando, bem alto, passou um avião militar. Eu comentei: -"É um avião do Correio Aéreo Nacional". Padre Paine, que estava atravessando o pátio e ouviu nossa conversa, observou: -"Como estamos sabidos, hein?!" Ele contou, numa missa comemorativa dos seus 60 anos de paróquia, na Igreja de Santa Generosa, à qual eu e o Attilio Brunacci comparecemos, que, quando era professor no Seminário do Ipiranga, certo dia, ao entrar na sala de reunião dos padres, todos começaram a brincar com ele: -"Chegou o Generoso!" Sem saber o motivo da brincadeira, curioso, perguntou de que se tratava. Responderam: -"Você não lê o Boletim da Arquidiocese? Você é o novo Vigário da Igreja de Santa Generosa!" Ficou lá 62 anos.

CAPÍTULO 9

OS ALUNOS



(grupo de alunos de 1949, num dos Encontros da Turma do Ibaté, em 2009, no velho casarão do Seminário – o Attilio foi cortado pelo fotógrafo, não por mim.)



(outra foto desse grupo; no alto, eu, o Attilio Brunacci e o José Lui, colegas de turma.)

Quando o Seminário de São Roque foi inaugurado, em 1949, éramos perto de 120 alunos. Uma lista que foi levantada no Arquivo Dom Duarte, da Cúria Metropolitana de São Paulo, por colegas do Ibaté, aponta o total de 115 alunos. Nesta lista, os alunos do Admissão eram 25; na Primeira Série A havia 21 alunos; na Primeira Série B, também 21; 18 estavam na Segunda Série; e 12 na Terceira Série, mas, há 18 nomes cujas classes não foram identificadas. As classes do quarto, quinto e sexto anos somente foram formadas em 1950, 1951 e 1952, na medida em que ocorria a promoção dos mais adiantados. A relação aponta, ainda, que 28 alunos de 1949 não constam da lista de alunos de 1950. Quem concluísse o curso seria transferido para o Seminário Maior, no Ipiranga, em São Paulo. Na verdade, anos depois, os seminaristas que concluíam os estudos em São Roque eram enviados a Aparecida do Norte, para cursarem a Filosofia. Depois, fariam Teologia no Seminário Maior. E vários, a partir de 1952, antes de estarem em São Roque, também começaram sua vida de seminaristas em Aparecida do Norte. Mas, aqui, estamos falando, no momento, dos fundadores do Seminário do Ibaté, em 1949.

Os seminaristas mais novos tinham desde 11 anos de idade, como eu, e, dos veteranos, o mais idoso era o Darcy Corazza, com 18 anos de idade (nasceu em 1931 e faleceu em 2015). A partir de 1950, além de alunos de 11, 12 anos, também passaram a ser admitidos os que são denominados "vocações tardias", ou seja, mais velhos. Havia um colega, em 1951 ou 1952, que tinha deixado o seu estabelecimento comercial, creio que um açougue, para ingressar no seminário. Vivia pedindo licença aos padres, para retornar a São Paulo, pois ainda tinha pendências da profissão que não mais estava exercendo. Não deu certo, acabou desistindo de ser sacerdote.

Boa parte dos alunos era de São Paulo, havendo também colegas de outras cidades que faziam parte da Arquidiocese ou eram próximas. Por alguma razão, talvez a influência de professores do próprio Seminário que tinham sido os titulares de paróquias das quais os alunos eram provenientes, havia vários colegas da zona leste de São Paulo e de cidades como Itu e Salto. Acredito que nenhuma outra cidade do Estado ou nenhum bairro da Capital forneceu tantos seminaristas para a Messe do Senhor como Salto. Em uma edição do periódico Echus do Ibaté, referente a setembro/outubro de 2019, há uma lista completa de todos os candidatos a seminaristas, nascidos nessa cidade. A vizinha Itu tem fama de ser grande em tudo, mas, nesse quesito, perdeu para a terra do Darcy Corazza, do Wilson Mosca e de tantos outros seminaristas de São Roque.

Os alunos do 5º ano, no final do ano, passavam a usar batina e os demais vestiam um uniforme de brim amarelo, composto de calça e paletó, não havendo uma cor determinada para a camisa. Não era obrigatório o uso de gravata e as meias deviam ser pretas. Os sapatos eram pretos ou marrons. Ainda não havia surgido a moda dos tênis que, naquele tempo, só serviriam para a prática de esportes. Em 1949, os alunos da recreação dos Menores podiam usar calças curtas, mas foram logo vetadas, sob a alegação de que ficávamos expondo muito o nosso corpo. Nos dias festivos usávamos azul marinho, podendo ser o uniforme todo azul ou paletó azul e calça caqui, conforme fosse determinado.



(eu, de calça curta, num dia de visita, com minhas irmãs Nina, Maninha e Maria do Rosário)

Nos domingos, em cerimônia litúrgica especial, os que ainda não haviam recebido oficialmente a batina podiam vesti-la, porém, com uma faixa azul, no lugar da tradicional faixa preta dos clérigos seculares. A primeira vestição permanente de batina, dos mais adiantados, se deu em 1952. Foi quando eu comecei a repensar o meu futuro.

Cortávamos o cabelo bem curto, sendo que os menores praticamente raspavam a cabeça, deixando apenas uma franja. A combinação desse corte de cabelo com os uniformes amarelos e meias pretas dava aos alunos um aspecto muito feio. Interessante é que não consigo me lembrar onde e quando cortávamos o cabelo. Seria no mesmo recinto periodicamente utilizado por um dentista?



(Não me lembro de ter tratado os dentes, no Seminário. Foto tirada depois que o Seminário encerrou suas atividades: vejam o estado em que se encontrava a parede. Atualmente, a Diocese de Osasco fez boa reforma de conservação do imóvel.)

Alguns alunos eram ainda meninos e outros já eram homens feitos. Quando fiz minha primeira barba, não tinha mais que alguns pelos no rosto. A pressa tinha uma razão. Cursei dois anos do primário na Escola Caetano de Campos, na Praça da República, em São Paulo, e, lá, havia um pequeno museu onde estavam expostos objetos de uso do patrono do colégio, inclusive uma toalha com bordados da Ilha da Madeira, pincel e navalha que teriam sido usados por Caetano de Campos, quando pela primeira vez se barbeou. Minha mãe costumava brincar, dizendo que iria fazer uma toalha igual para mim, para expor quando eu fosse bispo. Eu nunca imaginei ser bispo, mas, temia que Dona Paiota cumprisse a promessa e, para impedir isto, assim que possível, corri ao lavatório, num domingo à tarde, e fiz minha primeira barba. O Padre Constantino, que era perito em surpreender alunos desgarrados, percebendo que alguém estava no lavatório, cujo uso era praticamente na parte da manhã quando nos levantávamos, foi, pé ante pé, verificar quem era o intruso. Quando deu comigo, um pirralho, fazendo a barba, divertiu-se muito às minhas custas, pois o que eu tinha para cortar era bem pouco mais que tênue pelugem.

Havia no prédio um pequeno bazar para adquirirmos objetos de uso pessoal. Não tínhamos um cabeleireiro fixo, residente. Havia uma farmácia, no andar de cima do prédio, numa saleta com divisórias de madeira e vidros não transparentes. Nela, um aluno "nomeado farmacêutico" atendia joelhos esfolados, nariz entupido, coisas assim. Um colega nosso, de apelido Beda, o Gilberto Cianfloni Lucartz, que foi seminarista em São Roque alguns anos depois de mim (1957), costumava contar que enchia vidrinhos vazios, desses cuja tampa tem um conta-gotas, de agua pura. Sempre que alguém aparecia se queixando de doenças visivelmente inexistentes, o Giba não tinha dúvidas. Com seu ar imponente (ele era uma pessoa alta e de voz grave), fazia uma preleção sobre a eficácia do medicamento e, parcimoniosamente, pingava algumas gotas em um copo com água, obrigando o "paciente" a ingerir a poção em sua presença, mandando que se mantivesse calmo, por algum tempo, até o "medicamento" fazer efeito. Remédio extremamente eficaz, na maioria dos casos, dizia ele.

Não tínhamos um médico permanente. Um dia, eu fui a São Roque, fazer uma consulta. Era um dia chuvoso e rodopiamos na estrada, eu, o Luizão e um outro padre. Outra vez, junto com alguns colegas, fui levado a São Paulo, consultar o oculista Dr. Jarbas Tupinambá. Era um consultório bem antigo, sem aparelhos modernos de aferição e exame, embora estes já fossem utilizados por quase todos os demais médicos. Dr. Jarbas, para verificar qual o grau a ser prescrito, mandava que colocássemos umas armações de óculos, cujo aro não tinha a parte de cima. De um estojo, ia escolhendo lentes numeradas, que ia encaixando nessa armação de óculos, até acertar o grau mais indicado. Dizem que, nas faculdades de medicina, ainda é usado este tipo de armações e lentes, nas aulas práticas. A oftalmologia evoluiu muito, no uso de equipamentos, mas, antes mesmo de eu ir para o seminário, minha mãe me levava ao consultório do Dr. Durval do Livramento Prado, perto da Praça da República, que já possuía várias salas de atendimento, equipadas com aparelhos muito modernos.

Engraxávamos os sapatos aos sábados, após o jantar. Guardávamos graxa e escovas em um armário que nos era destinado em um lugar coberto do pátio, onde ficavam as mesas de pingue-pongue. Também ficavam nesses armários as chuteiras e material esportivo de uso pessoal.

Era nesse pátio que podíamos desenvolver nossas brincadeiras. Além dos jogos obrigatórios, improvisávamos algumas outras. Fazíamos pernas de pau bem altas, com sarrafos da construção em andamento. Os menores podiam rodar em um carrossel e, também, havia algumas balanças. Eu fabriquei, certa vez, uma espingarda, usando, para tanto, um pedaço de cano, ao qual agreguei algo semelhante a uma coronha. Funcionava com bolinhas de gude, que eram jogadas dentro do cano, onde eu já havia inserido uma bombinha de São João acesa. O

tiro atingia mais de 10 metros de distância. Vários colegas resolveram me imitar. Atirávamos contra o barranco ou na direção das torres de transmissão da Light, que passavam pelos fundos da propriedade. O crescimento do número de atiradores foi o suficiente para provocar a proibição do uso dessas armas de brinquedo. Talvez temessem que fizéssemos uma revolução.

Ainda com pólvora de bombinhas de São João, certa vez, fizeram um petardo mais poderoso, para explodir no meio do pátio, que era coberto de cascalho. Abriu um espaço vazio bem grande, em forma de circunferência, no centro do campo de futebol. Serviu para levarmos um pito do "dono do apito". Creio que o fogueteiro foi o Attilio Brunacci.

Não eram muitas as reinações que tínhamos a oportunidade de fazer. Houve uma época em que organizamos um jogo de mocinho e bandido, no bosque que descia até a piscina, onde havia muito mato, o que era um terreno excelente para nos escondermos do "inimigo". Os revólveres eram pedaços de madeira. Como "aquilo não era brinquedo para seminaristas", logo houve uma proibição peremptória, não preciso dizer de quem.

Antes de ser construída a terceira ala do prédio, a da Capela Nova, do Salão de Estudos e do anfiteatro, o terreno do pátio de recreio, ou seja, do campo de futebol, era separado daquele barranco íngreme, uma descida, por uma simples tela, dessas de galinheiro. Qualquer chute mais alto fazia a bola se perder no meio do mato. O "perna de pau" era obrigado a ir procurá-la, enquanto a partida de futebol ficava paralisada.

Quando a construção da ala nova do prédio ficou pronta, um dia, o Padre Ministro mandou que eu fosse até o anfiteatro, buscar alguma coisa que ele tinha esquecido lá. Havia umas janelas basculantes grandes e eu resolvi abrir uma delas. Um operário que dava os arremates finais à construção tinha colocado sua garrafa térmica do outro lado, para tomar um cafezinho no intervalo do trabalho. O basculante derrubou-a e o vidro refratário estourou. De dentro do anfiteatro, ouvi as reclamações do seu dono, mais pelo café perdido do que pela garrafa. Escondi-me para não ser pego em flagrante. Até hoje, ainda tenho um pouco de remorso, pelo prejuízo que causei ao trabalhador.

O Seminário ficava em um sítio bem grande, com muitas alternativas de passeios, mas tínhamos que ficar confinados no pátio, sem poder desfrutar dessas atrações. Nem os caramanchões e o bosque nos era permitido frequentar. Só nos dias de visitas, acompanhados de nossos pais. Restava-nos o consolo de ficar apreciando a paisagem, podendo ser vistos o pomar de pêras e uvas; um morro, no interior da propriedade, onde havia uma pedra grande, da qual escorria a água de uma nascente; a chácara vizinha, de um dos funcionários do Seminário, onde havia um pé de caquis; e, bem ao longe, o inesquecível Saboó, destacando-se das demais elevações.



(minha mãe, Dona Paiota, a Sra. Maria Paula, e minha irmã Maria do Rosário, no meio das plantações do seminário)

No recreio da noite, era possível ver, bem ao longe, a luz do farol de um trem que corria a montanha. Diziam os colegas de Salto e de Itu que se tratava de uma composição do chamado ramal da Ituana, da Estrada de Ferro Sorocabana. Contemplar a paisagem e tentar desvendar seus mistérios era uma boa diversão, dadas nossas limitadas alternativas.

Como era proibida a conversa com os alunos das outras recreações, aos quais podíamos apenas cumprimentar e dirigir rápidas palavras, o confinamento no pátio do recreio acentuavase bastante. Eu encontrei uns pedaços de canos, dos quais conseguia, assoprando, extrair alguns sons, como se fossem instrumentos musicais. Como estava sendo organizada uma banda, o Mauro, que era da turma dos Maiores, resolveu me convidar, para aprender a tocar pistão. Tive poucas aulas, que mal deram para eu "pegar a embocadura" do instrumento, pois, logo, o Padre Ministro proibiu esse aprendizado, porque ficávamos os dois sozinhos no salão de música e, para o padre, aquilo era inadmissível, por sermos de recreações diferentes. O Mauro Macedo ordenou-se sacerdote e faleceu santamente no seu apostolado, numa paróquia do Rio de Janeiro.



(eu, tentando tocar pistão)

Também houve a tentativa de se formar um coral, com a participação de alunos Menores, Médios e Grandes, combinando vozes de variados timbres. Durou pouco, pois a mistura de alunos das três recreações sempre foi objeto de restrições. Anos mais tarde, o Seminário teve um excelente coral, do qual o Padre Antonio Expedito Marcondes foi regente. Esse padre, depois Monsenhor, acabou indo para o Vaticano, onde era o redator do Observatório Romano, jornal oficial da Santa Sé, quanto à edição em português.

Poucas eram, portanto, as atividades não rotineiras. Um dos regulamentos mais engraçados era sobre o banho. Era tomado durante a tarde, enquanto permanecíamos no salão de estudos. Havia "Turmas de Banho", cada uma com um grupo de alunos em número correspondente ao das cabinas de chuveiros, creio que umas 12, situadas na parte térrea do prédio. O Padre Ministro, no salão de estudos, chamava, a cada quinze minutos, uma turma de banho. Se eu fosse da primeira turma, quando a terceira turma fosse chamada, ou seja, trinta minutos depois, eu e os demais alunos da primeira turma já tínhamos que ter retornado. Nesse intervalo, era preciso ser rápido, pois eram trinta minutos para sair do salão de estudos, atravessar o pátio, subir até o dormitório, pegar toalha e sabonete, descer ao térreo, eventualmente aguardar que uma cabina fosse desocupada, tomar o banho, retornar ao dormitório para acabar de se arrumar, descer novamente, atravessar outra vez o pátio e estar de volta ao salão de estudos. Quem se atrasasse era tido como faltoso, sujeito a punição.

Como o tempo era curto, eu usava de um estratagema para não ter que ficar aguardando que uma das cabinas de banho ficasse livre. Descobri que havia uma delas cuja porta estava meio encrencada, sendo preciso fazer força para abri-la. Quando eu vinha do salão de estudos, antes de subir ao dormitório, verificava se essa cabina estava desocupada e batia a sua porta. Os que chegavam para tomar banho antes de mim, vendo que a porta não se abria, pensavam que a cabina estava ocupada e ficavam esperando que uma outra ficasse livre. Chegando ao local, eu dava uma safanão na porta, entrava tranquilamente, enquanto os do lado de fora ficavam esbravejando. Alguns diziam que um seminarista não podia fazer coisas como aquela e que era "falta de caridade", uma expressão muito usada para condenar qualquer falha de relacionamento. Para qualquer deslize, logo vinha a observação: "-Olha a caridade!"

O banho era de água fria e, no inverno, chegava a ser insuportável. Diziam que as marcas feitas no chão de ladrilhos, pela água que caia forte dos chuveiros, eram causadas pelas voltas que os alunos davam em torno da ducha, sem terem coragem de enfrentar a água gelada. Contavam, também, os alunos vindos de Pirapora, que lá as coisas ainda eram piores: depois de alguns minutos de banho, um padre fechava o registro geral dos chuveiros e, aquele que não tivesse sido rápido ficava com o corpo cheio de espuma.

Uma das cerimônias litúrgicas de que me lembro com saudades era a procissão de Semana Santa, em volta do prédio, com cânticos gregorianos e ladainhas. Quando a construção da ala nova do prédio ficou pronta, foi inaugurada uma Capela muito bonita, em substituição à provisória, tendo comparecido Dom Paulo Rolim Loureiro para a sua sagração. Foi um ato litúrgico que eu nunca tinha presenciado, parecendo-me muito interessante. Vários alunos foram convidados para participar desse ofício como acólitos. Coube-me ficar segurando uma toalha branca de linho, grande, dobrada, com os dois braços estendidos, durante toda a cerimônia. Nunca fiquei sabendo a utilidade que poderia ter aquela toalha para a sagração da capela, pois ninguém a usou, de forma que eu retornei com ela à sacristia, no final da consagração. Acho que os padres e o próprio bispo não estavam também muito certos sobre o que fazer com aquela toalha, pois, para todos, a sagração de uma capela era coisa rara.



(a capela antiga)



(a nova capela)

Antes de ser inaugurada a nova capela, na antiga, havia janelas pelas quais avistavam-se as casas dos empregados que ficavam no alto de um barranco, no fundo do pátio do recreio. Enquanto, de manhã, antes da missa, o Padre Espiritual fazia a pregação da meditação, eu costumava ficar observando o movimento nessas casas, com as mulheres estendendo roupas e as crianças brincando com seus cachorros. Meu pensamento fugia até São Paulo, distante uns 60 quilômetros em linha reta, na direção que o morro logo ali à frente não deixava ver, onde eu tivera uma infância livre e cheia de acontecimentos. Nessas horas, minha meditação começou a ser sobre o que eu estava fazendo naquele colégio interno. Começavam a surgir os primeiros desejos de uma vontade crescente de ir embora, de dar um outro rumo à minha vida.

Não vou citar os nomes de todos os meus colegas, para evitar a deselegância de omitir alguém. Tinha amizade mais intensa com os que pertenciam à minha classe ou à recreação dos Menores. Lembro-me, com saudades, de todos eles, bem como de muitos alunos das outras

recreações, mesmo os que ingressaram depois de mim, até 1953. Já se passaram setenta anos e, por melhor que pudesse ser minha memória, sempre correria o risco de cometer alguma injustiça. Que fiquem apenas os nomes dos que foram mencionados ao longo dos capítulos, em homenagem a todos os demais. Éramos todos bons amigos e essa amizade foi o melhor proveito que tivemos daqueles anos de convivência. Prova disto é o fato de haver hoje uma espécie de associação de ex-alunos de São Roque, denominada Turma do Ibaté, que promove jantares, todas as primeiras-sextas feiras, além de outros eventos, e, inclusive, a cada dois anos, um Encontro lá no prédio do antigo Seminário.

Poucos chegaram a se ordenar. Da minha turma, foram apenas sete. Muitos, alguns anos depois de receberem a Ordem, voltaram à vida leiga. Seria a rigidez do sistema adotado que acabou abortando tantas vocações ? Ou será que o ingresso no Seminário, para muitos, não só para mim, foi apenas um entusiasmo incentivado por pais, professores, catequistas e vigários?

Não foram necessariamente os considerados mais piedosos que permaneceram. Dos que prosseguiram na sua vocação, nem sempre os postos mais altos do clero foram ocupados pelos que mais se distinguiam nos estudos, no tempo de seminário. Na realidade, isto também acontece na vida secular. Nem sempre o primeiro aluno da classe é um profissional de sucesso. Uma leitura muito interessante é a do livro "Como se faz um Bispo, segundo o alto e o baixo clero", de J. D. Vital, da editora Civilização Brasileira. Nele, o autor explora a inexistência de critérios semelhantes aos de seleção de pessoal, usados na vida leiga. Nem sempre o melhor aluno do seminário é o escolhido. Nem sempre o aparentemente mais piedoso. Qual o critério? Há algum critério? Vale a pena ler esse livro.

Um fato interessante de ser observado é que, dentre os ex-seminaristas, destacam-se duas categorias bem extremadas: os que continuaram intimamente ligados à Religião, participando ativamente de funções religiosas, e os que adotaram uma posição um pouco adversa ou crítica, evitando relacionamento mais estreito com a Igreja. Tenho procurado não fazer parte nem de um nem do outro extremo. Frequento pouco as cerimônias litúrgicas mas continuo sendo um homem de fé, temente a Deus e respeitador do próximo. Procuro manter-me de acordo com o ensinamento de Cristo, de que os mandamentos se resumem basicamente em dois: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Faço deste pequeno trabalho a minha homenagem a todos os bons amigos do Seminário de São Roque. Não só os do meu tempo.

CAPÍTULO 10

ADEUS IBATÉ, ADEUS SABOÓ

Foi em agosto de 1953 que deixei o Seminário de São Roque. Já no final das férias de dezembro e janeiro, eu estava disposto a não retornar ao Ibaté. Tinha, então, 15 anos. Começava a ter ideias próprias e despertara, enfim, o meu espírito crítico. Mais que o despertar do espírito crítico, eu estava, enfim, conseguindo juntar forças para vencer as barreiras que me impediam de dar rumo novo à minha existência. Vocação quer dizer chamado, convocação, convite. Será que eu realmente fui chamado? Parecia-me mais que eu tinha sido empurrado. Aquele "este será padre" do dia 4 de outubro de 1937 teria sido um chamado? Confesso que, até hoje, isto me preocupa. Fiz bem em sair? Errei? Fiz ouvidos moucos a uma convocação divina? Jamais saberei a resposta, enquanto estiver neste mundo. E isto influenciou e influencia toda minha existência.

Quando, perto do final do período de férias, enchendo-me de coragem, com voz um pouco trêmula, comuniquei à minha mãe que desejava permanecer em São Paulo, ela nem respondeu. Parecendo estar transtornada, saiu correndo, correndo de verdade, e foi à casa de meu padrinho Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo que, de pronto, me convocou para uma entrevista urgente. Reunindo o que me restava de coragem, eu disse a ele que não me julgava fervoroso o suficiente para ser um bom sacerdote e que preferia ser um bom leigo cristão. Respondeu-me que eu estava passando por uma crise, que isto era normal na minha idade, e que eu devia insistir, pelo menos, até completar o seminário menor. Recomendou que eu rezasse muito ao Cura D'Ars.

Bem diferente a minha história da vivida por Jean-Marie Baptiste Vianney. Seus pais se opuseram fortemente ao seu desejo, alimentado desde a infância, de ser um sacerdote. Trabalhava no campo, ajudando os pais, e somente na adolescência passou a frequentar uma escola, onde ficou apenas dois anos, pois os trabalhos no campo eram prioritários para o sustento familiar. Naquela época, os padres eram perseguidos pelos jacobinos, pela maçonaria, e o futuro Cura D'Ars, que era insubmisso, pois deixou de comparecer para o serviço militar, foi considerado desertor e sofria perseguição dos homens do Exército. Com a ajuda de um padre, conseguiu, aos 20 anos, ir para um seminário, onde não teria sido bem aceito, por conta de sua falta de instrução. Apesar de tantos obstáculos, ordenou-se e acabou se tornando o símbolo do bom exercício do sacerdócio.

No fim da minha conversa com meu padrinho, vendo ele firmeza no meu propósito, me deu um conselho que eu não segui, do que me arrependo um pouco. Disse que, se eu desejava mesmo sair, seria bom que ficasse até terminar a Filosofia no Seminário Central do Ipiranga. Talvez tivesse sido realmente bom dar ouvidos ao seu conselho, pois colegas meus que fizeram coisa semelhante acabaram encontrando novos caminhos, alguns, inclusive, se tornando professores na PUC – Pontifícia Universidade Católica, em São Paulo.

Voltei para São Roque contrariado. Tinha tentado reunir todas as minhas forças para quebrar a resistência à minha saída e, no entanto, não conseguira resistir nem ao primeiro embate. As forças que me impeliam para uma vida consagrada eram muito superiores à fragilidade do meu desejo de ser um cidadão comum. Desde a tenra infância eu fora

incentivado a ser padre e o Monsenhor e minha mãe sempre se uniram nesse intento. Quando terminei o curso primário, a decisão de ir para o seminário em São Roque não foi bem uma resolução, sendo mais uma consequência, a concretização de algo que parecia inevitável, irrecusável. Colaborou para tanto a visita à minha paróquia de um certo Padre Caio que se dizia "caçador de vocações", em busca de candidatos ao Seminário do Verbo Divino, no Paraná. Tinham uma casa em Santo Amaro, que eu cheguei a conhecer numa festa em que apresentaram uma peça teatral sobre Nabucodonosor. Seu discurso foi eficiente. Porém, preferindo ser secular, candidatei-me ao Seminário do Ibaté. Na verdade, desde os primórdios de minha vida eu ouvira falar no Seminário de Pirapora. Achava que, se fosse mesmo ser seminarista, teria que ir para lá. Quando, finalmente, eu disse que iria para o seminário, meu pai foi procurar saber e tomou conhecimento que Pirapora não iria mais receber seminaristas da Arquidiocese de São Paulo, tendo sido fundado um seminário novo, em São Roque. Fiquei meio desapontado, pois o de Pirapora era histórico, tradicional, tinha formado todos os padres de São Paulo que eu conhecia, inclusive meu padrinho.

A bem da verdade, embora eu tenha sido incentivado a ser padre desde que nasci, com forte campanha nesse sentido por parte de minha mãe, principalmente, mas com o apoio de meu padrinho, o Monsenhor Paulo, de catequistas, das responsáveis pela Escola de Coroinhas e por amigas e amigos de meus pais, eu, no fundo, no fundo, alimentava o sonho de, um dia, ser engenheiro eletrônico para trabalhar com rádios. Terminado o curso primário, chegara a hora de fazer o admissão e ingressar no ginásio. Eu estudava na Escola de Santa Mônica, que não tinha ginásio. Meus pais decidiram que eu deveria ir para o Colégio São Luiz, que não ficava longe de nossa casa e que tinha um curso para alunos não-pagantes, creio que à noite. Só que esses alunos tinham que usar uma farda parecida com a dos "guardinhas de automóveis" meninos amparados por uma associação que tinha sede sob um dos viadutos que passam sobre a Avenida Nove de Julho. Eu tinha horror de ter que usar aquela farda. O Antonio, sobrinho de Dona Augusta, uma costureira nossa vizinha, usava essa farda e eu, quando o via assim vestido, tinha até um calafrio, só de pensar em ter que fazer o mesmo. Recusei veementemente ir para o Colégio São Luiz. (O Antonio acabou se tornando um jesuíta). Minha mãe, por motivos que eu nunca soube muito bem avaliar, mas, creio, sempre ligados à ideia de me fazer padre, num certo dia, de modo extremamente apelativo, me levou pelo braço até à Igreja do Divino Espírito Santo da Bela Vista, nossa paróquia, e, ajoelhados diante da imagem de São Paulo, fez uma oração em voz alta, em tom suplicante ao santo meu padroeiro, para que este me convencesse a ir para o Colégio São Luiz. Fiquei meio esnucado, numa "sinuca de bico", contrariado. O tempo foi passando e, certo dia, certa noite, na hora do jantar, estando chegando ao fim os prazos para matrícula no São Luiz, meus pais me deram um ultimato. Não tendo para onde correr, na iminência de sucumbir, já me vendo com aquela fardinha, eu só encontrei uma saída:

"-Mas, eu não ia para o seminário?"

Foi como se tivesse estourado uma bomba! Vai de cá, vai de lá, meu pai foi atrás dos padres, minha mãe foi para a Rua 25 de Março: enxoval, preparativos, correria...

Nascido de família muito ligada à Igreja, era natural o meu encaminhamento para a vida religiosa. Acabara de sair de uma escola de freiras. Tinha frequentado o catecismo e a Cruzada Eucarística. Era coroinha e gostava de brincar de rezar missas, em altares que eu mesmo montava, em minha casa. Um coadjutor da minha paróquia, que veio a ser arcebispo de importante arquidiocese de Minas Gerais, Dom Benedito de Ulhôa Vieira, me presenteava com hóstias não consagradas que eu usava nessas missas, com muito respeito. Improvisava paramentos, alfaias, sacras, velas e galhetas. Só o uso do "turíbulo" não contou com a aprovação de minha avó, que era a dona da casa: "-Pare com isto, menino, quer pegar fogo na

casa?" Meu altar era o Itager. A Nina, uma anticlerical nata, balançava a cabeça. Minha mãe olhava com olhos gordos, sentindo sabor. A Maria de Lourdes, minha outra irmã, bem que gostava de "comungar" as minhas hóstias de brinquedo.

Meu pai era líder mariano e chegou a ser Vice-Presidente da Federação das Congregações Marianas do Estado de São Paulo. Foi o primeiro a promover grandes romarias a Aparecida do Norte. Seu empreendimento foi seguido por outros grupos, para gáudio de uma conhecida empresa de ônibus que o tinha em muito bom conceito, embora meu pai nunca tenha tirado proveito material disto. Até na Revolução Paulista de 1932 ele encontrou meio de fundar, em plena campanha, de que participou como soldado, a Congregação Mariana das Trincheiras, integrada pelos seus colegas de Pelotão, dentre eles o meu Tio Paulo e o Dudú, primo de minha mãe. Durante a madrugada, marcavam as horas de vigia rezando por três vezes o rosário. Como sabemos, cada rosário se compunha de três terços. Antes, havia os mistérios gozosos, os dolorosos e os gloriosos. Atualmente, criaram os luminosos. Mas, as partes em que se divide o rosário continuam se chamando terços. O capacete de meu pai, que ele guardou com carinho, tinha esculpido o distintivo dos congregados marianos. Recentemente, eu doei esse capacete a um museu constitucionalista. Papai, dentre outras atividades de sua fé, participou da Liga Eleitoral Católica, movimento político que a Igreja Católica promoveu, por ocasião da redemocratização do país em 1945, como forma de impedir a eleição de comunistas. Como se vê, tudo muda, tudo evolui ou involui. (O tempora, o mores....). Seu Toschi fez parte de vários outros movimentos religiosos.

Minha avó e minha mãe, sucessivamente, presidiram, por quase um século, o Apostolado da Oração da minha paróquia. Mamãe, frequentemente, publicava artigos sobre religião em revistas especializadas, como o Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus. Nossa casa era constantemente visitada por padres e até bispos. Certa ocasião, meu padrinho, não podendo comparecer ao meu aniversário, fez-se representar por seu sobrinho, Dom Manuel da Silveira Delboux, bispo no Paraná, em Maringá.

Minha certidão de batismo, cujo original guardo até hoje, menciona meus padrinhos, o Monsenhor Paulo e minha avó Joana, mas esclarece que os dois o são sob a proteção de São Francisco de Assis e de Santa Teresinha do Menino Jesus, que eu considero meus padrinhos espirituais.

Quando meu avô Chico faleceu, foram celebradas, simultaneamente, missas em todos os altares da Igreja de nosso bairro, por diversos padres amigos, enquanto, no altar principal, um bispo e dois outros padres rezavam missa cantada. Por ocasião da morte de minha avó Aurora, o sino repicou em toque fúnebre, de meia em meia hora, durante todo o dia. Ela nunca perdeu as reuniões do Apostolado da Oração. A última realizou-se oficialmente em sua câmara mortuária, com as zeladoras em volta de seu caixão, presididas pelo Vigário. Com leitura de ata e tudo mais.

O Padre de Poá, Padre Eustáquio Van Lieshout, hoje um beato venerado pela Igreja, principalmente pelos frequentadores do santuário existente naquela cidade, a Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes, então com fama de santidade, assediado pela multidão, quando em visita a nosso bairro, refugiou-se em nossa residência, onde lhe foi servida refeição, pois estava quase desmaiando de fome. Poucas igrejas tinham um presépio da proporção do que montávamos em nossa casa. A festa de Nossa Senhora Aparecida, que até hoje é celebrada em nossa paróquia, reunia pessoas de destaque da sociedade paulistana. Teve início com uma promessa feita por minha mãe, que nunca deixou de cumpri-la, quando eu, com dois anos de idade, tive uma otite complicada, tendo uma junta médica chegado a declarar que eu não me recuperaria. Naquele tempo, não havia antibióticos e meu médico, após vários dias em que tive

febre superior a 41 graus, resolveu fazer uma experiência que, felizmente, deu certo, com um remédio novo, ainda pouco conhecido, que havia acabado de chegar ao país: a sulfamida.

Foi nesse meio religioso que eu cresci e por esse envolvimento todo era natural que eu acabasse indo parar em um seminário. Permaneci em São Roque por quase cinco anos.

Nas férias de meio de ano, em 1953, fui procurar o Padre Espiritual e solicitar permissão para voltar para minha casa. Era o Padre Jair Nascimento do Val. Disse o sacerdote, textualmente, em tom de blague, que eu era um *lunático*, que reagia emocionalmente de acordo com as fases da Lua. Não sei de onde tirou essa conclusão. Penso que não encontrou argumento melhor, no momento. Falou-me que ia tirar um mês de férias e que, quando retornasse, nós voltaríamos a conversar sobre o assunto:- "Até lá, a lua já terá mudado de fase e você já terá esquecido essa bobagem".

Duvido que o Padre Jair tenha conseguido avaliar o quanto aquele momento era importante para mim e que esforço eu estava fazendo para externar aquele meu sentimento, contra tudo e contra todos. Não podia ele imaginar a altura do muro que eu estava tentando transpor. Era um momento crucial da minha existência. Fiquei muito decepcionado com a pouca atenção dispensada por ele a uma manifestação tão custosa para mim. Penso, até, que o mesmo estava muito mais interessado em sair de férias, sem problemas, do que em tentar compreender a magnitude do meu tão custoso apelo. Eu sabia que o meu lugar não era no Ibaté. Estava procurando tomar uma decisão radical em relação à minha vida. Fiquei decepcionado.

Uma das coisas que me levou a repensar aquela minha atitude de 1949, de ir para o seminário, foi a primeira cerimônia de vestimento de batina, por parte dos meus colegas da turma mais adiantada. Era a primeira vez que aquilo estava acontecendo em São Roque. Um passo importante, transformando meros meninos e rapazes, com ideia de futuramente se tornarem sacerdotes, em iminentes membros do clero secular. Logo, logo chegaria a minha vez. ("Meu Deus, é isto mesmo o que eu quero?") Uma coisa é você ser incentivado, desde a tenra infância, a ser "futuramente" um padre. Ter esse sentimento, que vai efetivamente crescendo em você, prestigiado por seus pais, seu vigário, os catequistas, as professoras e freiras da escola primária, as chefes dos coroinhas, os padres que frequentavam sua casa, as associadas de sua avó e de sua genitora no Apostolado da Oração e outras associações paroquiais, os congregados marianos amigos do seu pai, todo o mundo em que você estava inserido, empurrando você para uma vida sacerdotal. Você acaba aceitando e realmente se convencendo, concordando e até querendo ir logo para o seminário. Mas, outra coisa é você ver os seus amigos, os seus colegas mais adiantados, encobrindo aquele uniforme amarelo horrível com uma batina negra, da qual não mais iriam se separar (assim pensava-se na ocasião), anunciando ao mundo que eles, dali para a frente, não seriam iguais aos demais mortais, estavam se entregando a uma vida totalmente diferente da que seus pais, irmãos, primos, tios, companheiros de infância e de adolescência levavam. Eu via naquelas vestes uma expressão de renúncia irreversível. E, logo mais, seria eu. Eu? É isto que realmente eu queria?

Já fazia algum tempo que esmorecera minha religiosidade. Perseguido por dúvidas, eu até me afastara, várias vezes, da comunhão diária. Fugi algumas vezes da confissão e, por consequência, não me julgava apto a participar da eucaristia. Todos se dirigiam ao altar e eu me esforçava para que não percebessem minha omissão. Também por isto eu me animei a pedir para voltar para casa.



Passei dias de angústia, aguardando o retorno do Padre Espiritual. Demorou mais do que eu consegui esperar. Fui ao Reitor. Pedi com veemência que me deixasse sair. Feitas as considerações cabíveis, Monsenhor Luiz Gonzaga da Silva tentou a última cartada: - "Olhe aqui meu filho, eu sei que não devia propor isto. O ensino aqui no Seminário não é reconhecido pelo Governo. Está para sair uma nova lei, dando validade ao nosso currículo escolar. Porque você não espera, para sair daqui com o seu diploma de ginásio?"

Pensei um pouco e respondi polidamente: - " Sr. Reitor, me desculpe, se for preciso, eu recomeço do primeiro ano primário."

- "Então, se é assim tão forte o seu desejo, você pode ir embora".

O Reitor pediu que eu aguardasse uns dias, até o domingo de visitas, para ele falar com meus pais. Para azar de nós dois, nesse dia, meu pai não pode ir visitar-me e o Monsenhor Luiz Gonzaga da Silva teve que dar a notícia à minha mãe, que ficou muito chocada. Era como se o mundo estivesse acabando para ela, naquela momento. Tinha ido me visitar, levando minha irmã Maria de Lourdes. Esta me contou, anos depois, que, na volta para casa, mamãe não conseguiu dizer uma palavra sequer a ela. Era como se tivesse recebido a notícia de falecimento de ente muito querido. Nem me lembro do que Dona Paula me disse, depois que o Reitor nos deixou. Foi na hora de irem embora.

O Reitor ficou de falar, por telefone, com o meu pai. Recomendou que, até o dia da saída, eu guardasse absoluto sigilo e procurasse agir como se nada tivesse sido resolvido. Assim procedi. Nada contei, nem aos meus melhores amigos. Dias depois, fui avisado que meu pai iria mandar uma camionete da Isnard, para buscar minhas malas. A visita de minha mãe, quando recebeu a notícia de minha saída, aconteceu no fim do mês de julho. Pelas minhas contas, eu fui para casa no dia 14 de agosto, uma quarta-feira. Penso assim, porque lembro bem que foi numa quarta-feira. Como, na minha casa, eu não participei do aniversário de minha irmã Maria do Carmo, que era no dia 8 de agosto, e como participei do aniversário de meu pai, que era no dia 19 de agosto, a quarta-feira entre essas duas datas foi o dia 14 de agosto de 1953.

Tinha razão o Reitor para pedir segredo. Quando, no dormitório, no dia de minha saída, eu estava arrumando minha mala, um colega que estava de cama, com gripe, foi logo dizendo: - "Você é corajoso. Acho que eu vou fazer o mesmo". Não o fez. Ordenou-se padre e, depois, como aconteceu com a maioria dos padres que estudaram em São Roque, pediu dispensa às autoridades eclesiásticas para voltar à vida leiga. Eu tenho um pouco de participação nisto, porque, embora estivesse indo embora, aconselhei aquele colega a pensar melhor e não tomar decisões precipitadas.

Seria muito interessante que meus colegas ordenados sacerdotes e que, depois, acabaram pedindo dispensa, voltando à vida civil, quase todos se casando e tendo filhos, também escrevessem, pois me intriga o fato de tão poucos terem perseverado. Não sou capaz de avaliar se o modelo de seminário menor em que viveram, como eu, teria a ver alguma coisa com isto. Ou se foram apenas os ventos novos, soprados pelo Concílio Vaticano II. Eu sempre achei e continuo entendendo que, se a Igreja acabasse com essa bobagem do celibato eclesiástico, teria muito mais padres. E padres muito mais santos. Não teria passado, inclusive, pelo dissabor de inúmeros casos de abusos sexuais cometidos por muitos de seus sacerdotes e até bispos, no mundo todo. O celibato não faz o mínimo sentido.

Não vou me estender nessa crítica ao celibato. Certa vez, escrevi um artigo sobre isto, que foi publicado no periódico da Turma do Ibaté, denominado Echus do Ibaté. Pouco tempo

depois, tivemos um Encontro, em São Roque. Compareceram a essa reunião festiva dos antigos alunos alguns colegas bispos e padres. Um deles, bispo auxiliar de São Paulo, me disse: "-Eu li o seu artigo". Prudentemente, eu não perguntei o que ele tinha achado. Logo depois, um outro bispo do Paraná me disse a mesma coisa. Nada perguntei, também. Um terceiro bispo, do interior de São Paulo, muito meu amigo, também me disse que tinha lido o artigo que eu publicara. Eu, com a mesma prudência, não indaguei qual a opinião dele. Finalmente, um colega nosso, padre de uma paróquia em bairro de São Paulo, hoje pertencente a uma diocese desmembrada da nossa Arquidiocese, veio repetir a mesma frase: "-Eu li o seu artigo". Achando que com esse colega eu tinha maior liberdade, perguntei: "-E o que foi que você achou?" Resposta previsível, para quem bem conhece esse querido colega: "- O problema é nosso e você não tem nada a ver com isto!". Ledo engano, meu caro Bita. Tenho tudo a ver com isto. Eu e inúmeros outros colegas que não continuaram no Seminário ou acabaram até pedindo dispensa do sacerdócio, alguns anos depois de terem sido ordenados. Levantamento recente informa que há, no mundo, perto de 1 bilhão e 400 milhões de batizados, e que o número de sacerdotes católicos, em todo o planeta, não chega a 500 mil. Enquanto isto, as demais denominações cristãs vão crescendo, dia após dia. Nelas não há celibato.

Alguns dias antes de minha saída, fui escalado para apresentar um trabalho no Grêmio Literário. No meu tempo, havia o Círculo Literário, para os principiantes, onde eu li minha poesia, como já contei, e o Grêmio Literário, para os alunos mais adiantados. Era do regulamento que um aluno fosse escalado para apresentar um trabalho literários e o seu discurso tinha que passar pela censura do Padre Ministro, que era o Diretor desse Grêmio. Achei que, em face do meu pedido de retirada, aquela minha convocação havia sido cancelada e que outro aluno iria me substituir. Na dúvida, porém, resolvi escrever alguma coisa, para ter no bolso. Decidi não a submeter à censura.

No sábado cedo, um colega, hoje Dom Oswaldo Giuntinni, Bispo Emérito de Marília, veio me procurar, a mando do Padre Ministro, para saber se eu tinha feito o meu trabalho. Esclareci que tinha surgido um motivo relevante e que, pensava eu, o Padre Ministro já devia ter colocado outro aluno no meu lugar. Eu não sabia que o Giuntinni fora informado de que eu era demissionário, pois haviam me pedido absoluto segredo. Aberta a reunião, no fim da tarde, criou-se uma situação embaraçosa. O padre supôs que eu não havia preparado nada e, talvez, imaginando ser necessário dar-me uma lição de despedida, convocou-me para ir ao palco:

- "Chamo para apresentar o seu trabalho o número 55, o aluno Paulo Toschi".

Acredito ter ele imaginado que eu iria desabar. Não. Levantei-me, caminhei tranquilamente até o palco e, diante de todos, tirei do bolso o meu discurso, que não era, como deveria ser, sobre um tema religioso, e que não estava censurado pelo Padre Ministro. Falava sobre festas cívicas e desfiles militares que eram promovidos na Avenida Nove de Julho, cujo nome evocava uma data importante para São Paulo. Propositalmente, escolhi um tema inusitado naquelas reuniões, um tema inteiramente leigo.

Foi um trabalho literário fraco e o padre não gostou. Não sei se não apreciou o tema, que não era religioso, ou se ficou contrariado com a minha atitude, não submetendo a ele o meu discurso que, no entanto, estava adrede preparado. Fez uns comentários depreciativos sobre a Avenida Nove de Julho que, na realidade, estava entrando no meu ensaio como Pilatos entrou no Credo, e chamou um colega para fazer a crítica do meu trabalho. Era normal, após a apresentação do trabalho, que um outro colega fosse convidado para, de improviso, apresentar uma crítica literária. Na primeira versão deste meu Palavra de Seminarista eu afirmei que tal colega fora o Darcy Corazza. Não foi. Já não estava mais em São Roque, em 1953.

O meu amigo escalado como crítico não sabia que estava participando de uma "guerrinha" entre um seminarista renunciante e o poderoso comandante da nossa disciplina. Não sabia da minha saída iminente do Seminário e das circunstâncias em que o "trabalho literário" havia sido redigido. Fez observações pouco benevolentes sobre os defeitos que encontrou no meu discurso. Jamais ele poderia imaginar que, assim agindo, estava colaborando para aumentar o meu regozijo, de ter aplicado uma peça no Padre Ministro. Não era o trabalho em si que contava. Valia muito mais o fato de eu não ter sucumbido diante do intentado constrangimento.

No dia seguinte, domingo, como era de rotina, participamos das orações solenes de Vésperas, após o jantar. Pela última vez na vida, eu iria trajar o santo hábito. Fiz isto com devoção verdadeira.

Quando fomos para o dormitório, após a cerimônia, percebi que o Padre Ministro, de pé, parado no meio do corredor que dava acesso às camas, como era o seu costume, tinha um olho no breviário que estava rezando e outro em mim. Sabendo que eu iria embora antes da cerimônia seguinte com uso de batina, queria ver qual seria o meu comportamento.

Tirei a batina cerimoniosamente, demonstrando estar compenetrado. Dobrei-a com esmero, mostrando respeito, e, com devoção verdadeira, a **beijei**, antes de levá-la cuidadosamente para o armário, que ficava num outro canto do salão do dormitório.

Aquele meu gesto deixou o padre surpreso e deve ter compreendido que significava o meu adeus à vida de seminarista. Quando passei por ele, rumo ao roupeiro, lançou-me um olhar comprido, sem nada dizer. Cumprimentei-o, inusitadamente desejando-lhe uma boa noite. Não respondeu.

Numa quarta-feira do mês de agosto de 1953, creio que no dia 14, fui levado a São Roque, até o ponto do ônibus que ia para São Paulo, onde o Luizão, motorista do Seminário, me deixou sozinho, aguardando a hora da partida. Nenhum padre, nenhum colega se despediu de mim.

Na verdade, após dias de espera, nem o Padre Ministro nem meus professores vieram me procurar ou me chamaram para uma conversa de despedida. Naquela quarta-feira, um padre com o qual eu tinha muito pouco, quase nenhum relacionamento, pois era novo na casa e não era meu professor, veio até mim e disse para eu subir ao dormitório e pegar minhas coisas, que eu seria levado ao ponto do ônibus de São Paulo. Não era função desse padre fazer isto. Quem normalmente tomava tal atitude não me procurou. Não deixaram eu dizer adeus a meus colegas. Nem o Reitor, que era o chefe da casa, veio dizer adeus ou me recebeu, para um "até logo!". Depois de quase 5 anos vivendo juntos, tive o tratamento que costumavam dar aos expulsos. Meu pecado? Isto é assunto meu e de Deus. Foi Jesus quem disse: "Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos!" (Mt 22, 14)

O Luizão não teve a delicadeza de esperar o ônibus partir. Comprou minha passagem, mandou eu entrar na fila, com minha mala, e disse que precisava fazer outras coisas na cidade. O coletivo não era melhor que os velhos ônibus da cidade de São Paulo. São Roque fica a menos de 60 quilômetros da Capital. Para mim, foi uma longa viagem. Para onde eu estava indo? O que seria da minha vida? Passara 15 anos ensaiando o "Introibo ad altare Dei". Agora, o que iria "alegrar a minha juventude"?

Desci na Rua da Consolação e, não tendo encontrado ninguém me esperando, fui para casa. A família havia se mudado, fazia alguns meses. Da Rua Peixoto Gomide, foram para a Rua Itararé, uma travessa da primeira. Mais de quatro quarteirões da Rua da Consolação. Lá ia

eu, com meu terninho amarelo, ironicamente tão feio quanto a fardinha dos alunos nãopagantes do Colégio São Luis, fazendo, também ironicamente, quase o mesmo trajeto que, como aluno daquele estabelecimento de ensino, eu, envergonhado de minhas vestes, faria. Que sina!

Chegando à minha residência, encontrei minha avó, que estava sentada em um banco do jardim, aguardando a passagem do biscoiteiro, de quem era freguesa assídua. Minha mãe e minhas irmãs, que tinham ido ao meu encontro, imaginando que eu iria descer do ônibus em uma outra esquina, chegaram meia hora depois. Nada parecido com quem, "enfim, retornava ao lar paterno, o meu primeiro e maternal abrigo". Papai chegou na hora do jantar, sem nenhuma efusiva alegria.

Começava assim uma nova vida. Não foram fáceis os primeiros tempos e, até hoje, a bem da verdade, devo confessar que sinto a influência dos tempos de Seminário, em muitos momentos de minha existência.



EM TEMPO: Exatamente 15 dias depois de ter ficado, quase 5 anos, longe de meus antigos amigos de infância, de minha vidinha alegre no bairro da Bela Vista (hoje Cerqueira Cesar), eu, em vez de ter a oportunidade de um tempinho de ócio, para procurar me reintegrar, indo reatar amizades, rever lugares do bairro antes proibidos pelos regulamentos de férias trazidos do seminário, fui trabalhar, por insistência de minha mãe, iniciando uma vida de comerciário, na empresa onde meu pai era gerente. Dos meus seis irmãos, cinco irmãs naquela época, eu fui o único filho a trabalhar de dia e estudar à noite. Como meus estudos primários no Instituto de Educação Caetano de Campos e na Escola de Santa Mônica foram gratuitos e, como o seminário foi pago pelo meu avô e, depois, pela Isnard & Cia, fiquei sendo o único filho que custou aos meus pais apenas 6 meses de despesas escolares, no Ginásio Caetano de Campos, escola particular da Rua Augusta. E, ao receber o primeiro salário, fui procurado por minha irmã mais velha, a Nina, que se fechou comigo no quarto, para me dizer que eu devia dar parte do meu salário para minha mãe, para ajudar nas despesas da casa. Era o mês de agosto, quando eu deixei São Roque, e eu só poderia pensar em estudar no próximo ano letivo. Merecia uns meses de folga, mas, falou mais alto a expressão que ouvi de minha mãe:

"- Homem que fica em casa sem fazer nada vira vagabundo; você vai começar a trabalhar na Isnard."

Dona Paiota, talvez inconscientemente e, com certeza, sem nenhuma maldade, estava se vingando da minha ousadia de não ter cumprido o seu vaticínio do dia em que nasci. Exagero meu? Meses depois, um primo, o Paulo Augusto, veio me convidar para, junto com ele, nos inscrevermos como sócios do Clube de Regatas Tietê. Havia uma campanha daquele clube, isentando de pagar a chamada "joia" os rapazes e moças que ainda não tivessem completado 17 anos. Teríamos que pagar apenas mensalidades, que eram baratas. Animei-me. Poderia praticar esportes nos fins de semana. Fui lá três vezes, quando muito. Minha mãe me chamou e disse: - "Se é para faltar às reuniões da Congregação Mariana, nos domingos, você não vai frequentar o Clube Tietê!" Antes, ela já havia decidido, textualmente: -"Você não quis ser padre, mas, Congregado Mariano você vai ser!"



Quem mandou eu não concretizar o "- Este vai ser padre!" que minha mãe havia decidido em 4 de outubro de 1937, quando nasci?

Palavra de seminarista!

Encerra-se aqui o meu depoimento.

O que essa experiência possa significar para a vida de quem passou por um seminário talvez seja objeto de um outro trabalho, não de memórias, mas de entrevistas e pesquisas. Continuo sendo católico, apostólico, romano. Continuo tendo muitos amigos bispos, padres, ex-padres, ex-seminaristas, com os quais convivo fraternalmente na denominada Turma do Ibaté. Tenho minhas devoções e faço minhas rezas particulares. Pouco vou à missa, pois não sou um dos "felizes convidados para a Ceia do Senhor", pelo fato de um primeiro casamento meu não ter dado certo e eu ter encontrado nova companhia, que muito prezo e não irei deixar, nem que o Papa, pessoalmente, assim o exija. Sou ferrenho opositor do celibato eclesiástico e penso que a cúpula da Igreja e seus agentes não deveriam dar palpites em coisas de que não entendem (ou supõe-se que não entendam)

PAULO FRANCISCO DA COSTA AGUIAR TOSCHI 1998

(revisto e emendado em setembro a dezembro de 2019)